30

doidinho

1

DO MESMO AUTOR:

Menino de Engenho, romance

JOSE' LINS DO REGO

doidinho

Romance

ARIEL, EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO

I

— Pode deixar o menino sem cuidados. Aqui elles endireitam, saem feitos gente, dizia um velho alto e magro para o meu tio Juca, que me levara para o collegio de Itabaiana.

Estavamos na sala de visitas. Eu, encolhido numa cadeira, todo enfiado para um canto, o meu tio Juca e o mestre. Queria este saber da minha idade, do meu adeantamento. O meu tio informava de tudo: doze annos, segundo livro de Felisberto de Carvalho, taboada de multiplicar.

— Então não esteve em aula desde pequeno, pois aqui tenho alumnos de sete annos mais adeantados.

Já me olhava como si estivesse me reprendendo.

— Mas o senhor vae ver: com um mez mais, estará longe. Eu me responsabilizo pelo alumno. O menino de Vergara chegou aqui de fazer pena: não sabia nem as letras. E está ahi.

E gritou para dentro de casa:

— Emilia, mande aqui o sr. Francisco Vergara.

Depois, para o tio Juca:

— Esse que o sr. vae ver é o peor alumno do meu collegio. Chegou-me que nem sabia soletrar. Um vadião de marca.

E com pouco entrava um menino de minha idade, moreno, gordo. Vinha com medo, os olhos assustados.

— E' este. Hoje já póde escrever uma carta. Deu-me o que fazer. Quizera que o sr. o visse no primeiro dia de aula, gaguejando. O pae perdeu um dinheirão no collegio dos padres; botou-mo aqui desenganado. Quando voltou para as férias de S. João, recebi uma carta do velho, espantado. Dizia-me que o menino já sabia mais do que elle. Deus sabe o trabalho que me deu.

O menino já se sentia outro com as palavras pacificas do velho. Passara-lhe o susto, me olhava como a um companheiro.

— Mas olhe, me dizia o director, não tome o exemplo delle. E' um peralta. Quero que o sr. estude e se applique. Menino bom é meu amigo,

sou um amigo do alumno estudioso. Póde ir lá para dentro com o sr. Vergara.

E o meu tio me chamou para o abraço. Parecia que me deixava de vez, porque foi com o coração partido que me cheguei para perto delle.

— Estude. Em junho venho lhe buscar.

Saí chorando. Era a primeira vez que me separava de minha gente, e uma cousa me dizia que a minha vida entrava em outra direcção..

O collegio de Itabaiana criara fama pelo seu rigorismo. Era uma especie de ultimo recurso para meninos sem geito. O Diocesano não me acceitara porque estava de matricula encerrada. Lembraram-se do collegio do seu Maciel, como era conhecido nos arredores o Instituto Nossa Senhora do Carmo. Lá estiveram os meus primos uns dois annos. Voltaram contando as mais terriveis historias do director. Um judeu. Dava sem pena de palmatoria, por qualquer cousa. Era ali onde estava agora.

O menino gordo me levou para o quarto de dormir. Era preciso mudar a roupa. O collegio estava vasio. A meninada saíra para a feira com os paes. A casa grande, com um salão cheio de tamboretes, e uma cadeira de braços em frente de uma mesa, em cima de um estrado. Fiquei por ali, com essa dôr pungente de quem se sente isolado no mundo. Não tinha de quem me

aproximar. Foi quando uma mulher meio velha me chamou:

— Você é primo de Silvino? Era um menino damnado, intelligente como elle. Está fazendo figura no Diocesano. O Maciel dava-lhe muito. Tudo por comportamento. Por causa de lição nunca apanhou neste collegio. Foi o melhor alumno de arithmetica que tivemos até hoje. O outro irmão não dava pra nada. O Maciel se cansava, inchava-lhe as mãos de bolo, mas era o mesmo que nada. Você parece que é bomzinho. Está é muito atrasado.

Era D. Emilia, a mulher do director.

Depois começaram a chegar os meninos, uns dez internos. Passavam por mim dizendo: — é um novato. E iam-se lá para dentro com as mãos cheias de embrulhos. Traziam os bonézinhos pretos com as iniciaes do collegio: I. N. S. C. — Instituto Nossa Senhora do Carmo. Eu tinha tambem que comprar meu bonézinho preto, com a pala caída sobre os olhos e as letras douradas. A farda do collegio Diocesano, sim, que era bonita. Farda mesmo de soldado, com quépi e dragonas de official.

Foram-se chegando os collegas:

— E' do Pilar? Primo do Silvino? me perguntava um mais velho. O meu pae conhece muito o seu avô; compra gado a elle. Eu sou do Sapé.

Estive com o Silvino aqui no Collegio um anno. Zé Bahu, o irmão delle, apanhava que só cachorro. Seu Maciel não tinha pena. O velho é uma peste: por qualquer cousa está dando na gente. O Chico Vergara da Parahyba chega ter a mão azul de bôlo: é de manhã e de noite.

Estavam chamando para o jantar. Descemos uma escada para a sala de refeições. Uma mesa grande para todos. O seu Maciel na cabeceira, d. Emilia e o pae della de lado, e a negra Paula servindo. Quando me botaram o prato de feijão, recusei:

— Não gosto de feijão.

— Pois é o que o senhor tem de comer aqui todos os dias.

Enguli, com um nó na garganta, a minha primeira boia de prisioneiro.

Si o sr. quiser escolher comidas, vá para o hotel.

Isto com uma voz secca, estridente, atravessando o interlocutor de lado a lado.

O resto dos meninos olhando para o prato, devorando a ração num silencio de igreja. Pareceu-me ahi o director uma figura de carrasco. Alto que chegava se curvar, de uma magrem de tisico, mostrava no rosto uma porção de annos pelas rugas e pelos bigodes brancos. Tinha uns olhos pequenos que não se fixavam em ninguem

com segurança. Falava como si estivesse sempre com um culpado na frente, dando a impressão de que estava prompto para castigar. A mulher, com uns olhos azues e uns cabellos de inglesa, era bem mais sympathica. Percebia-se tambem que a furia de seu marido ia até as intimidades domesticas. O pae, o seu Coelho, era um bohemio, uma dessas velhices que trazem sempre comsigo o pouco juizo da mocidade. Mas tudo isto eu viria a perceber depois.

Quando saí da mesa os meninos me cercaram. Ainda com os olhos vermelhos do choro, respondi ás perguntas. Um delles queria saber dos meus estudos; um outro, si trazia collecção de sellos, quanto trouxera em dinheiro.

— Quando entrei no collegio, o meu pae me deixou com 4$000, e todas as terças-feiras eu recebia merendas.

— Elle vae dormir no nosso quarto; botaram a cama delle perto da de Aurelio.

Perguntaram tambem pelos meus paes, si eu era de engenho ou si voltaria para passar a semana santa em casa. E todo este inquerito ia desviando as minhas preoccupações. O nosso recreio era situado num nesga de quintal, e o unico jogo permittido — a conversa. O director, numa preguiçosa, lia jornaes. Um dos meninos conhecia meu avô, minha familia:

—O avô delle tem nove engenhos. Meu pae vota com elle nas eleições. E' o velho Zé Paulino do Santa Rosa.

Um magro procurava saber si a minha roupa preta tinha sido feita por alfaiate. E começaram a contar historias da feira. Um havia almoçado no hotel com o pae. E davam noticias: "vão botar luz electrica em Itabaiana"; "chegou um circo para o pateo da cadeia". E tinham ido á estação, aos Altos Curraes, ao bilhar do Commercio, andado de bicycleta. Tudo isto me fazia esquecer a dura realidade do collegio do seu Maciel.

Já ao escurecer me chamaram:

— Seu Maciel quer falar com o Carlos de Mello.

Era a primeira vez que me chamavam assim, com o nome inteiro. Em casa, era Carlinhos, ou então Carlos, para os mais estranhos. Agora, Carlos de Mello. Parecia que era outra pessoa que eu criara de repente. Ficara um homem. Assignava o meu nome, mas aquelle Carlos de Mello não tinha realidade. Era como si eu me sentisse um estranho para mim mesmo. Foi uma cousa que me chocou esse primeiro contacto com o mundo, esse distico que o mundo me dava. A gente, quando se sente fóra dos limites da casa paterna, que é toda a nossa sociedade, parece que uma outra personalidade se incorpora á nos-

sa existencia. O Carlos de Mello que me chamavam, era bem outra cousa que o Carlinhos do engenho, o seu Carlos da bôca dos moradores, o Carlos do meu avô.

O director mandou-me sentar junto a elle. Ia-me submetter a um exame ligeiro. Fez-me umas perguntas de taboada, que eu mal respondia com o susto.

— Vá buscar o seu livro de leitura.

Voltei com o meu segundo livro de Felisberto de Carvalho. Li para elle ouvir a lição do começo; li em sobresalto, trocando os nomes, com o livro tremendo nas mãos.

— O senhor não sabe nada. A sua lição de amanhã é esta mesma. Póde ir lá para dentro, onde estão os outros.

D. Emilia foi que me disse:

— Vou tomar conta de você.

E voltando-se para o velho:

— Elle passa para a minha classe, Maciel.

— Não, fica commigo mesmo. Está muito atrasado. Fica commigo.

Dizia isto com as mãos para trás, por cima do espaldar da cadeira, e com as pernas cruzadas. Ainda era mais magro assim, espichado na espreguiçadeira, com os olhos fechados sob um boné de panno molle.

Lá fóra os meninos indagavam para que me chamara elle.

— Chico Vergara no dia que entrou no collegio levou uns bolos, diziam. Emperrou pra seu Maciel.

A conversa toda agora era sobre um sargento que viria formar um Tiro no Collegio. Falavam da farda que iriamos ter. Uns achavam bonita a branca do Diocesano; outros queriam a amarela do Tiro, com o chapéo acabanado de lado. A grande alegria de todos ali estava na esperança dos exercicios militares. Eu tambem já me sentia da intimidade dessas ambições. Chico Vergara, que fôra do Diocesano, contava dos passeios que o collegio fazia, com tambor e corneta, pelos arredores da Parahyba. As carabinas eram mesmo de atirar. As nossas seriam de madeira. Tinha a impressão de que já vivia com aquella gente ha um mez.

— Podem ir para a calçada, disse lá de dentro o director.

Saímos, cada um com o seu tamborete. Até as nove horas ficava o internato tomando ares na rua. Podia-se passear de dois em dois. Comprava-se rolete de canna e pão sovado. O director dava o seu passeio pela cidade; e era como si o terror tivesse ido embora. Mas qual! ficava a sua sombra, um decurião, tomando conta da gente.

— Seu Felippe, olhe estes meninos. O se-

nhor é o responsavel: da menor cousa tome nota. Não permitta gritarias nem palestras com gente de fóra.

O decurião ficava, legitimo representante da tyrannia, excedendo-se em zelos, provocando mesmo incidentes para o relatorio do outro dia.

Ás nove horas nos recolhemos para dormir. Dormir com a cama preparada por mim, com lençóes que eu mesmo tirara da mala. fóra do meu quarto do Santa Rosa!

Na cama começavam a chegar os meus pensamentos. Eramos seis no quarto pequeno de telha vã. Ninguem podia trocar palavras Falava-se aos cochichos, e para tudo lá vinha: — é prohibido. A liberdade licenciosa do engenho soffria ali amputações dolorosas. Preso como os canarios nos meus alçapões. Acordar a hora certa, comer a hora certa, dormir a hora certa. E aquelle homem impiedoso para tomar lições, para ensinar a custa de ferrão o que eu não sabia, o que não quizera aprender com os meus professores, os que não me davam porque eu era neto do coronel Zé Paulino. Agora não havia mais disso. Era sómente um Carlos de Mello como os outros, menino atrasado, no segundo livro de leitura, quando existiam menores no "Coração". E aos poucos, como uma dor que

viesse picando devagarinho, a saudade do Santa Rosa me invadiu a alma inteira. O meu avô, os moleques, os campos, as negras, o gado, tudo me parecia perdido, muito de longe, de um mundo a que não podia mais voltar. E comecei a chorar mordendo os travesseiros. Mas o chôro era daquelles que violam o silencio, e cortei os soluços na garganta.

— Que barulho é este ahi? perguntaram lá da sala.

— E' o novato que está chorando.

D. Emilia veio saber por que.

— Você já tem tamanho para não estar com chôro assim. Durma, menino; amanhã você nem se lembra mais de casa.

E me passou a mão pela cabeça, com uma caricia indifferente, sem calor, uma caricia profissional de mulher de director.

Dormi com um somno aperreado Sonhei que estava no collegio, que ia ficar ali a vida inteira. Acordei no meio do sonho, como para me assegurar de que aquillo era mentira. Mas não era não. Fiquei acordado um tempão, imaginando, e dormi outra vez.

Despertei com os meninos a se levantarem da cama, bem de-manhãzinha. Dobrámos os lençóes, e saímos com a bacia e o copo. Na sala de jantar, sentado na espreguiçadeira, estava o seu

Maciel. Cada um passava por elle e apertava-lhe a mão, dando bom-dia. Lavava-se o rosto, porque banho só tinhamos duas vezes por semana.

O decurião Felippe começou a relatar os acontecimentos irregulares da noite anterior: o Chico Vergara estava impossivel; o seu Heitor dando cocorotes nos outros.

— Deixe estar, respondia o velho. Na aula eu falo com elles.

Depois, o café com bolacha secca, um café que me fez saudades das tapiocas e dos cuscús do Santa Rosa. E todos seguimos para o salão de estudos.

Com pouco mais, lá chegava o director, olhando para os cantos, espreitando alguma cousa. Sentava-se na cadeira de braços.

— Senhor Francisco Vergara.

O menino levantou-se, e ficou em pé deante delle. Com uma palmatoria na mão, lá ia dizendo o director:

— O senhor sabe que eu não quero moleques aqui; o senhor não se emenda. Venha para cá, seu atrevido.

E o bolo estalou na sala. Por dentro de mim corria uma onda de frio.

O menino voltou para o seu canto, com os olhos nadando em lagrimas.

— Senhor Heitor !

E as mesmas palavras, e as mesmas lagrimas derramadas.

Quando ouvi — Senhor Carlos de Mello ! — foi como se me chamassem para uma surra.

Levantei-me tremendo.

Sente-se aqui ! Leia sua lição.

Fui lendo sem saber o que. "Julia a boa mãe". Mas truncava tudo, pulando as linhas.

— E' o cumulo, gritava o velho, deixar-se um menino deste tamanho sem saber nada. Só bicho se cria assim. Porque está o senhor chorando ? Volte para o seu canto. Mais tarde vou-lhe tomar a lição outra vez.

Voltei não vendo ninguem na frente. Sentei-me, e pingava em cima de "Julia, a boa mãe" as minhas lagrimas compridas.

Iniciava assim o meu curso doloroso contra a ignorancia.

Com o livro entre as pernas, lia a minha lição palavra por palavra. Era a historia de uma mãe que queria divertir o seu filho.

Havia um gato e um novelo de linha. A figura mostrava o menino gordinho numa cadeira alta e a mãe brincando com o gato. Tudo aquillo para que o filho sorrisse. Não sei por que, achava aquella Julia parecida com a minha mãe. Esta deveria fazer o mesmo commigo; tudo daria tambem para que o seu filho sorrisse.

Principiavam a chegar os externos. Entravam apertando a mão do director, collocando-se em seus cantos.

Seu Maciel dirigiu-se a um que entrava por ultimo:

Senhor Pedro Muniz, o senhor não sabe que eu não permitto alumno meu andar fumando na rua?

— Sei sim senhor.

— Passe-se para cá, seu semvergonha.

E o bôlo entrou outra vez. Este não chorou. Foi vermelho para o seu lugar, mordendo os beiços, olhando para os outros com cara de raiva.

A sala se enchera. O professor tomava lição das classes. D. Emilia tinha os menores com ella. Mas ensinava tambem gritando. Corrigia os erros da leitura num tom de voz de reprimenda.

Depois do almoço ficava-se uma meia hora de descanso. Comi com a comida amargando na bôca, e no recreio fiquei para um lado. Os meninos batiam bôca, discutiam. Qualquer cousa, porem, me arrastava do meio delles: era o pavor da lição que iria dar. Uma impressão de terror opprimia-me todo. O velho Coelho conversava com os maiores:

— Filho meu não apanhava assim. O Maciel bate neste Vergara todos os dias. O diabo do me-

nino não se corrige; mas todos os dias assim é demais.

Ninguem dava uma palavra á observação do velho. Não se gostavam, o sogro e o genro.

De tarde fui dar minha lição. Levava o coração aos saltos, como nas noites em que acordava com o quarto ás escuras. Muitas vezes a velha Sinházinha me deixava esta impressão de pavor. Com a velha, porém, havia geito de fugir ás suas iras. Aqui mudava muito para péor. Errei a lição toda. Sabia quasi que decorada a historia de Julia, a boa mãe. O medo, no entanto, fazia a minha memoria correr demais; e saltava as linhas.

— Leia devagar. Para que esta pressa ?

Foi peor. A lingua não me ajudava. Quando vi foi elle com a palmatoria na mão.

— Levante-se.

Não soube mais o que fiz. Senti as mãos como si estivesse com um formigueiro em cada uma. Como o Chico Vergara, apanhava no meu primeiro dia de aula !

Dos externos só restava um na sala, e eu tambem, até dar certa a minha lição. No salão deserto, a minha angustia crescia ainda. Apanhava no primeiro dia, e fôra tudo num instante, nem sei como. Quando a velha Sinházinha me pegara uma vez, a casa toda ficara commigo. A minha vaidade

de menino se enchera com essa dedicação. Ali fôra com indifferença geral que a palmatoria tinira nas minhas mãos. Talvez porque o castigo não fosse uma excepção naquella casa, apanhava-se todos os dias.

Na parede da sala havia um quadro grande, representando a subida de Christo aos céos. Parecia que estava ali para uma profanação. Jesus veria surrados todos os dias aquelles mesmos que queria que fossem a Elle, porque era delles o reino dos céos.

Mas eu não pensava nisto olhando a imagem, eu pedia, sim, que ella me fizesse voltar para casa, que os dias corressem, que as semanas voassem. Antes do jantar, dona Emilia me veio tomar a lição. Dei-lhe certinha, sem um erro, do começo ao fim.

— Por que você não leu assim para o Maciel ?

E depois:

— Vá lavar o rosto para jantar. Fazem do Maciel um bicho.

E quando passei pela sala de jantar, lá estava elle espichado na cadeira preguiçosa, com os olhos fechados e os ouvidos abertos ás conversas dos meninos no alpendre.

II

Fazia um mês que eu chegara ao collegio. Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios. Tinha tambem ganho o meu apellido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciencia morbida de não parar em um lugar, de fazer tudo ás carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicaveis, me baptisaram assim pela segunda vez. Só me chamavam de Doidinho. E a verdade é que eu não repellia o apellido. Todos tinham o seu. Havia o Coruja, o Pão-Duro, o Papa-figo. Este era o pobre do Aurelio, um amarelo inchado não sei de que doença, que dormia junto de mim. Vinha um parente levál-o e trazêl-o todos os annos. Em S. João não ia para casa, e só voltava no fim do anno porque não havia outro geito. A familia

tinha vergonha delle em casa. Nunca vi uma pessoa tão feia, com aquelle corpanzil bambo de papangú. Apanhava dos outros somente com o grito: — Vou dizer a seu Maciel ! — Mas não ia, coitado. Nem esta coragem do enredo, elle tinha. Dormia com um ronco de gente morrendo e a bôca aberta, babando. A's vezes, quando eu acordava de noite, ficava com medo do pobre do Aurelio. Ouvira falar que era de amarelos assim que saiam os lobishomens. Certas occasiões não podia se levantar, e dias inteiros ficava na cama, com um lenço amarrado na cabeça. E o seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre tambem. Era mais por estudos. O Papafigo não aprendia nada. Estudava num livro em pedaços, de tão velho, e não passava para outro. A mala delle, no entanto, fazia gosto: arrumadinha e fechada. Tinha no fundo a estampa de um santo. Mas ninguem tocasse nella quando elle a abria. Era toda a sua razão de ser, aquella mala.

Um dia me contou que o pae se casara a segunda vez, que a madrasta não gostava delle. Foi o bastante para que eu lhe ficasse querendo bem. A historia da menina enterrada, a oppressão que nós todos soffriamos no collegio, me fizeram um camarada de Aurelio. Para elle tambem era o

mesmo si eu lhe quisesse mal. Aos exercicios militares não o deixavam ir. Tinham nojo delle. Mal pegava numa cousa, ninguem a queria comer. Tinha um caneco proprio para beber agua. E diziam que os pannos da cama delle fediam.

O Pão-Duro era um menino da Guarita, Manoel Mendonça. Ganhara o nome pela sumitiquice. Recebia de casa latas de doces, que trancava na mala. Comia no recreio, e nunca ninguem provou um pedaço dado por elle. O director foi á sua mala e encontrou uma quitanda lá dentro, e uns pães velhos, de dias, murchos, mais duros do que ferro. Sacudiram no quintal. Eu ainda não estava no collegio nesse dia. Foi assim que o sumitico ganhou o appellido de Pão-Duro. O pae era marchante de gado. De vez em quando passava pelo collegio na frente de boiadas. Pão-Duro não gostava destas passagens humilhantes, porque os meninos vinham lhe perguntar, mangando, de quem o pae delle era vaqueiro. Ninguem mesmo gostava delle. Enredava de tudo:

— Seu Maciel, seu Vergara está me chamando Pão-Duro.

— Seu Zé Augusto está mangando do meu pae.

Era uma especie de agente provocador de bolos.

O Coruja, não: um bom em tudo. Pegara o

apellido por causa da cara redonda e dos olhos meúdos. Ha três annos que estava no collegio, e apanhara somente umas três vezes. Era um record.

O Zé Augusto vivia mais commigo nos meus primeiros dias de internato. Conhecia o meu avô: o pae morava perto do Santa Rosa. E a fama do velho Zé Paulino corria mundo. Gostavamos de ficar conversando sobre cousa nenhuma, neste ingenuo bate-bôca de menino. Contava-me que ia passar a semana santa em casa. A melhor noticia que se podia ter por ali era esta: ir para casa. As ferias seriam em abril, e se falava dellas em janeiro, como se fossem na outra semana. Eu só voltaria em S. João. Seis mezes, cento e oitenta dias. Elle recebia cartas de casa, de sua mãe. Estava ella muito doente dos olhos, e lhe mandava um caixão com frutas e latas de doce.

Somente Aurelio e eu não recebiamos nada de casa. Ha um mês ali, e nem um recado. Isto me diminuia, me dava a impressão de que fosse um abandonado, um esquecido, sem ninguem que guardasse de mim uma recordação qualquer. Até o Vergara, o peor alumno, recebia cousas de casa, e vinha um correspondente visitá-lo, e passava os domingos fóra. Eu e Aurelio, a soffrermos uma excepção que me magoava. Papafigo nem se importava. As injustiças do mundo não lhe

mereciam uma reclamação. Elle não sentia, não se julgava intimamente; a crueldade do destino parecia-lhe indifferente. A sua alma não era capaz nem de alegrias nem de pesares. Que lhe importava uma visita, uma carta, um agrado dos outros ? Mas eu gostava dessas cousas. Sonhava com uma mãe que me escrevesse, com a visita que me viesse buscar para as feiras, que me mandasse latas de doce.

Uma vez, numa terça-feira, me encontrei sozinho com Aurelio no collegio. Todos haviam saído.

Trepamos nas cadeiras para olhar a rua por cima das rotulas. Passava gente com cestas voltando da feira. E um moleque gritou para Aurelio:

— Olha o Papafigo !

E o pobre bateu a janela á vaia miseravel. Até de fóra a impiedade humana castigava a sua desventura. Agarrei uma tampa de vidro de tinteiro e sacudi no atrevido. Pegou na cabeça, e o sangue desceu. Correu gente para a porta do collegio.

— Um menino do Collegio quebrou a cabeça do creado do dr. Bidu.

Quando vi o sangue, corri aterrorisado para o quarto de dormir, com o pavor de quem fugisse de uma multidão perseguidora.

Ouvia o barulho na porta da rua.

— Mandem chamar o professor Maciel.

E D. Emilia gritando para não sei quem:

— O menino não fez por gosto. Maciel chega já.

Era como si me dissessem:

— O seu carrasco já vem.

Deitei-me na cama porque as pernas não me seguravam mais.

O meu sangue corria frio pelo corpo. O coração aos pulos, como si eu tivesse dado uma carreira de leguas.

— Onde está esse doudo ?

Foi o que eu ouvi, vindo lá de fóra. Vinha chegando o meu supplicio. Os minutos agoniados dos que esperam a hora da morte na força deviam ser assim, com este tremor do corpo todo e esse amollecimento de todas as fibras.

— Seu Carlos de Mello, seu Aurelio, passem-se para cá.

Caminhei para o patibulo, com pernas que pareciam não ser as minhas, e não sei se os olhos cheios de lagrimas viam alguma cousa. Ouvi foi o director:

— Que é que o senhor pensa que é isto aqui ? Conte-me como foi isto.

Estava contando tudo como somnambulo, quando bateram na porta. Era o dr. Bidu.

— Não castigue os meninos, professor. Contou-me agora mesmo uma pessôa que vinha com o moleque, que o safado insultara as crianças. E' um favor que o sr. me faz: não os castigue.

— Está bem: attendo ao seu pedido. Mas esses atrevidos procederam peor que o seu criado. Não tinham que sacudir pedradas, isto aqui não é aula de capoeiras.

— Deixe os meninos, disse o dr. Bidu rindose.

— Podem saír, fica para outra vez.

Queria com isto dizer somente: esta surra de bolos está adiada.

Na cozinha a negra Paula tambem se queixava do moleque:

— Vive chamando nome a todo mundo. Foi bem feito.

Mas eu não me considerava absolvido. Tinhame dado o velho um livramento condicional. Aquella tempestade, os ventos haviam levado para longe, porém voltaria. Só dependia de pequenino accidente. A atmosphera não se descarregara. Mesmo, aquella atmosphera nunca a vimos leve, em dias claros. Havia sempre nuvens pesadas nos ameaçando. A's vezes um céo limpo, mas um escuro no horizonte fazia estourar trovoadas.

No outro dia, na aula, a tempestade caiu em cima de mim sem piedade.

— Venha para a lição, seu Carlos de Mello.

Com um mês, me adeantara de verdade: lia corrente. Agora porém a cousa era outra. Os meus nervos, como as dores dos rheumaticos, presentiam de longe o tempo ruim. Fui tremendo para a lição. Estava quasi no fim do livro, na historia de um diabo de esporas compridas e de barbichas longas, que fôra tentar um rapaz. Elle queria que o joven espancasse a irmã e matasse o pae. Mas, fugindo da tentação, o rapaz achava a cousa mais cruel do mundo isto que lhe pedia o capeta.

— Então entrega-te ao vicio da embriaguez.

E o rapaz, bebado, fez tudo o que o demonio queria.

A lição saíra sem um erro. Tremida, mas certa. Fui sentar-me com a impressão de que tivesse andado em uma corda por cima de um abysmo. Mas aquelle diabo do livro estava ali para me tentar. José Augusto, que se sentava perto de mim, fez um signal que eu não comprendi. Perguntei-lhe o que era.

— Passe para cá, seu Carlos de Mello.

O director surpreendera-me.

— Que conversas são estas ? Não quero maroteiras aqui.

E seis bolos cantaram nas minhas mãos. Fi-

quei de pé na frente da mesa, opprimindo os soluços que se elevavam com o protesto de minha sensibilidade machucada.

— Seu doudo (elle não chamava doido), quer fazer do meu collegio bagaceira de engenho. Está muito enganado.

E a palmatoria exposta em cima da mesa, prompta para a acção, com o cabo torneado como objecto de arte.

— Aquelle outro babaquara me paga !

Não se ouvia nem um sussuro no salão, enquanto essas furias chegavam ás suas explosões violentas. Cada um sentia-se um condemnado ao castigo, embora a mais candida innocencia o envolvesse. E mesmo não havia innocentes entre todos aquelles que o Senhor chamava com tanto gosto ao seu regaço. Talvez que tivesse razão a pedagogia do velho em descobrir em cada um de nós um pequeno monstro em formação. O seu systema de educar, a ferro e a fogo, sem duvida que lho aconselhara a experiencia de meio seculo de trato com anjos.

Tomava a lição das classes: geographia, historia do Brasil, arithmetica.

— Vá á pedra, seu Olivio.

Ia o menino para os problemas e as figuras da geometria.

— Leia.

Era um pedaço da Selecta Classica, que até me divertia. Lá vinha o Paquequér rolando de cascata em cascata, do trecho de José de Alencar. Havia um pedaço sobre Napoleão. Napoleão que eu conhecia era o de Pilar; mas aquelle tinha todos os caracteres e todas as religiões: catholico na França, protestante na Allemanha, muçulmano no Egypto. A *Queimada* de Castro Alves e o "ha dois mil annos que mandei-te um grito" das "Vozes da Africa". E a historia do lavrador que antes de morrer chamara os filhos para um conselho. Mandou que um quebrasse um fragil pedaço de pau; e o filho quebrou. Dois pedaços, e ainda o segundo filho quebrou. Depois um feixe, que nem todos três rapazes reunidos puderam partir. Esses trechos da Selecta Classica, de tão repetidos, já ficavam intimos da minha memoria.

— Vá sentar-se.

Ha duas horas que estava de pé. As mãos inchadas dos seis bolos, e uma consciencia limpa de culpa recalcando uma raiva de morte contra um tyranno. Appareceu um homem, começava assim aquella historia sobre Napoleão, que encheu o universo de terror e completou o catalogo dos crimes. Elle não sabia o que era piedade: matava exercitos, ensanguentava o mundo. O seu

Maciel seria assim cruel, sem pena de ninguem, como aquelle Napoleão.

No almoço não quiz comer.

Como ? O senhor não quer comer ? Era o que me faltava: um genista no meu collegio ! Bote a comida para elle. Quero só ver isto !

Enguli temperada com o sal de minhas lagrimas, a magra carne de sol com farofa de todos os dias.

No recreio ninguem se approximou de mim. Era uma especie de lazaro o alumno mais recente nas iras do director. Ninguem procurava ligações com o opprimido. Mas Coruja era um bom. Chegou-se para mim:

— Carlos.

Era a primeira vez no collegio que me chamavam assim, o meu nome só, limpo, como si fosse na bôca de gente do Santa Rosa.

Vinha me dar um pedaço de doce.

— Domingo meu pae vem me ver. Vou pedir a seu Maciel para você sair commigo.

Conversou mais tempo, falou-me da irmã, que voltára do collegio doente. Ella tinha um olho cego, furado numa brincadeira com elle, quando eram bem pequenos. Coitado do Coruja ! Havia esta magoa profunda dentro delle: a irmã cega de um olho por culpa sua. Eu só sei que a consolação das minhas dores elle me trouxe, derra-

mando o oleo de suas confidencias sobre as minhas feridas abertas.

Os outros meninos passavam de longe. Faltava-lhes coragem para amparar um collega caído no ostracismo. Si não fosse o coração generoso do Coruja, essa historia de solidariedade humana não seria mais do que uma conversa. D. Emilia nem siquer me olhou. E a negra Paula, fôra ella quem contara ao director que eu não queria comer. José Augusto passando de longe, como os outros. E no meu canto sentado, via Coruja crescendo no meio daquella gente pequena, como um grande, um forte, com a sua superioridade de se encostar a um degradado, de trazer-lhe a sua sympathia de irmão mais feliz.

Havia no mundo gente assim e gente como os outros, os Pão-Duro, os José Augusto. Entrava-me pelos olhos a dentro a evidencia cruel dessas desigualdades. Nós eramos dez, e destes dez um somente se desgarrava da covardia, me procurando com o unico interesse de me consolar, derramando pela minha alma arranhada as doçuras e as sinceridades de sua alma.

— Eu queria que você escrevesse uma carta lá pra casa, Coruja. (Não sabia chamá-lo pelo seu nome; o appellido se identificara tão intimamente com elle, que nem ligava mais importan-

cia ao José João da sua assignatura). Quero que você escreva contando tudo.

— Si seu Maciel souber, lhe mata de dar.

— Não, o meu avô me manda tirar do collegio.

E elle me escreveu a carta, que foi por um externo para o correio.

III

Passei dias esperando a resposta. Sonhava com o velho Zé Paulino na sala de visitas do collegio, discutindo com o director. E ouvia dialogos de um avô defendendo o neto contra o seu algoz:

— Não lhe mandei o menino para cavallo de matuto. Isto não é collegio: é peor que marinha, Quero levar elle daqui. Arrume a mala, seu Carlos, vamos embora.

Mas era uns dialogos de sonho. Ninguem se importava commigo, pensava nos meus silencios. Era como o Aurelio, um sacudido ali para descanso dos que ficavam em casa. Sentia raiva da minha gente. E não era que estivesse no fim do mundo. Itabaiana estava a um salto do Santa Rosa. E dias e dias, e nem uma linha de respos-

ta. Estava escripto, porém, que aquella carta me daria muito que fazer.

Numa terça-feira me chamaram:

— Tem um velho na sala de visitas lhe esperando.

Corri ansioso para lá. Beijei a mão cheia de veias do velho Zé Paulino. Já estava em conversas com o director:

— Não me importo que dê no menino. Botei aqui para aprender, e menino só aprende mesmo com castigo. Agora o que não admitto é judiação. Isto não. Prefiro deixar na bagaceira. Isto não.

— Não ha judiação, coronel. Só castigo quando ha precisão. Pelo meu collegio tem passado muita gente e todos ficam meus amigos. O senhor está mal informado. Não vá atrás de cartas de alumno. O que elles querem é vadiar, e mentem, e inventam. Luto ha cincoenta annos com essa gente.

—Bem, bem, lhe respondia o meu avô. Acredito no que o senhor diz. Quero que o menino saia commigo hoje.

Mandaram me preparar. Abria-se para mim, de repente, um céo. A historia da carta pouco me preoccupava, só pensando na saída. A minha alma lavava-se de todas as injustiças e de todas as magoas. O velho Zé Paulino já me esperava. Vinha com o seu chapéo do Chile de abas largas,

o seu correntão de ouro, e o seu palitó preto, todo em grande gala. Os meninos veriam quando eu saísse com elle. Já não podia dizer que eu era como o Aurelio: o meu avô estava ali para me elevar dessa classe infeliz dos esquecidos, dos sem amor dos parentes, dos que não recebiam visitas de casa. Vencera uma batalha naquelle dia, desgarrando-me assim de todas as humilhações soffridas. Na rua a liberdade sorria-me como a um namorado. Pela primeira vez estava vendo a cidade, a rua do Commercio cheia de gente na feira, o jardimzinho da praça da Estação e o hotel que ficava junto do Mercado. Era uma cousa grandiosa a feira de Itabaiana. Nunca vira tanto povo junto, num reboliço de festa, nessa confusão, nesse batebôca dos que vendem e trocam. Havia de tudo: o lado do queijo, da carne de sol, do assucar bruto, do assucar purgado, do feijão, ruas inteiras de generos, gente falando alto, cheiro de bacalháu, de peixe em salmoura, de frutas passadas. De vez em quando meu avô parava para conversar. Felix Touca, comprador de assucar:

— Tenho dinheiro para o senhor, coronel.

E puxou do bolso uma porção de notas em maço.

Queria que os meninos do collegio estives-

sem ali para ver a riqueza do coronel Zé Paulino.

Outro era um morador do Santa Rosa.

— Que anda fazendo por aqui?

— Vendendo um gadinho, seu coronel — com a cabeça baixa. Precisão de dinheiro; o algodão não deu nada este anno, e o povo de casa carecendo se vestir.

— Muito gado nos curraes ?

— Gadinho, seu coronel. O sertão está chovido. Não tem descido nada. Estão nas engordas.

Fomos almoçar no hotel. No caminho o velho Zé Paulino me falou na carta: que não queria saber de mentiras, que não lhe escrevesse mais mandando contar daquellas historias.

— Maria está passando uns dias no engenho, e ficou aperreada com aquillo. Cuide de estudar, que é melhor. Botei no collegio foi para aprender; não esteja se escorando.

Não tive coragem de falar ao meu avô. A alegria de estar com elle, de me ver solto, sem o olho diabolico do director, me fizera esquecer de tudo. Agora era todo daquella alegria, daquellas horas livres.

Na porta do hotel estava Pão-Duro com o pae. Cheguei com o velho Zé Paulino como se conduzisse um trophéo de batalha. O pae do

collega foi logo se descobrindo para meu avô:

— O que lhe trouxe por aqui, coronel Zé Paulino? Mandou gado para os curraes ?

— Não. Vim sómente visitar o meu neto no collegio.

E Pão-Duro ouviu. O meu avô não estava em Itabaiana para negociar, para vender nem trocar. Viera me ver. Tinha elle um neto no collegio para visitar. Isto valia para mim mais do que não sei o que. Os paes dos outros traziam os filhos para a feira, mas não era por estes que estavam em Itabaiana. O velho Zé Paulino, não. Tivera saudades do neto. Recebera uma carta falando do collegio, e tomara o trem para ver o que se passava. Eu era o menino mais feliz, naquelle momento.

O hotel repleto de gente comendo. O meu avô sentou-se numa mesa onde já havia muitos outros. Falava-se de negocios, do preço do gado e do algodão. Quasi todos conheciam o velho Zé Paulino.

— Muito assucar, coronel ?

— Pouco. O inverno foi ruim.

Ou então se referiam a outros senhores de engenhos nossos parentes.

— O assucar do coronel Cazuza Trombone é uma desgraça. Felix Touca comprou uma partida que virou lama.

— Homem feliz este seu Cazuza, dizia um de bigode caído e fala arrastada. Faz o assucar mais ruim da varzea, o algodão mais cruêra, e arranja os melhores preços. Só filho de padre.

Depois entravam na conversa de politica. O meu avô não concorria na palestra. Calado, ia comendo com o seu ar de sempre, como si estivesse na mesa grande do Santa Rosa. Que lhe importava a politica? O que mais o interessava eram os bons invernos, o seu assucar na casa de purgar, o seu gado gordo, os seus partidos verdes. Quando lhe vinham perguntar pela politica, elle mudava de conversa. Estava com o seu partido, por habito. Não tinha cabras para proteger, nem medo de ficar de baixo. O governo como terror, como encosto para tomar terra dos pequenos, governo que lhe désse soldados para guarda-costas, deste governo elle nunca precisou. A sua consciencia limpa deixava-o dormir socegado, sem receio de diligencias em suas terras. Uma vez que entrou um official em sua propriedade, provocando vexames, no outro dia bateu na casa-grande do Santa Rosa o chefe politico do partido de cima, para ficar a seu lado. Um santo, este meu avô. E ali com elle, na mesa do hotel, eu lhe media o tamanho, a superioridade sobre os outros. Que valia o pae de Pão-

Duro junto delle? E o de Zé Calheiros, que passava notas falsas ?

A' tarde, quando o fui deixar no trem, na estação, era com orgulho que via os homens todos tirando o chapéo para elle. O dr. Odilon, o mais rico daquellas redondezas, o que tinha quarenta mulheres, filhos em todos os collegios, um annel de pedra enorme no dedo, chegando-se respeitoso para lhe saber da saúde, muito alegre. Lá estava tambem o director, risonho para o coronel Zé Paulino:

— Póde ir tranquillo, coronel. O menino fica em boas mãos.

O trem saiu, e a mais dura realidade começou a existir para mim: o collegio de portas abertas para me receber. Voltava, porém, todo outro. Que me viessem agora falar de visitas de paes, de presentes de casa, de historias de feira. O Doidinho tinha o que contar de sobra. Pão-Duro ouvira o velho Zé Paulino respondendo ao pae delle.

Contei a Coruja o negocio da carta, e elle ficou appreensivo.

— Vae haver cousa grossa. O velho, quando chegar da rua, você vae ver: vem com o diabo.

Tinha razão. Instaurou-se o inquerito, com

interrogatorios de portas fechadas e palmatoria ameaçando na mão.

— O senhor tem que me dizer quem escreveu a carta, quem a botou no correio.

A visita do velho Zé Paulino dera-me sangue de gente grande:

— Não sei, não digo.

E D. Emilia:

— Diga, menino, pra não apanhar.

— Não digo não.

Via Coruja soffrendo por minha causa. Preferia morrer.

O velho deu-me dois bolos, e as lagrimas afogaram a minha confissão.

— Chame-me aqui o senhor José João.

Coruja chegou, viu-me chorando, de braços cruzados.

— Foi o senhor quem escreveu a carta para o avô do sr. Carlos de Mello ?

— Foi, fui eu.

Sereno, como quem respondesse a uma pergunta innocente.

— Mas o senhor sabe que isto é prohibido?

— Sei.

— Passe-se pra cá, seu sonso de marca !

E o meu amigo apanhou pela quarta vez no collegio de Itabaiana. Os seus olhos meudinhos

nadaram em lagrimas. Nunca me vi tão pequeno, e nunca uma pessoa para mim fôra maior.

— O senhor fica prohibido de conversar com o sr. Carlos de Mello.

Demorei-me sozinho pelo salão de estudo. Via o Christo do quadro subindo para os céos. Na historia sagrada elle soffrera pelos homens, recebera uma corôa de espinhos, subira um monte para morrer pelos homens. Soffrer pelos outros ! Como isto antes me parecia um conto! Agora, não: estava ali, pertinho de mim, o Coruja, apanhando por minha causa. Ouvia falar sempre que as mães soffriam pelos filhos a dôr do parto. Mas era uma cousa natural. mandada por Deus. Coruja fizera uma cousa que eu lhe pedira. E por isso soffrera a maior humilhação, o castigo brutal que por todos os meios evitava. Ficara um reprobo para a legislação do professor Maciel. Fôra açoitado como um criminoso de pena maxima, elle que era o melhor alumno da casa. Isto me convencia de que ainda havia grandezas na humanidade. Uma das minhas desconfianças de menino nos milagres dos santos era porque elles não faziam hoje em dia o mesmo que antigamente. A velha Totonha contava dos feitos de Santo Antonio, mas uma cousa ou outra me levava a duvidar de tudo aquillo. — Por que não se faz o mesmo nos tempos de agora ?

— E aquelles bolos do Coruja, aquelle "sim, senhor, fui eu" com a cara mais firme deste mundo, a sua coragem deante da maior afronta que para elle existia, me arrebataram de repente a fé.

Naquella sala, sozinho, como numa igreja deserta, Deus existia para mim. Era um facto humano que me arrastava a acreditar numa força que estava acima dos homens. Anoitecia. E pelas venezianas cerradas entrava um vento frio de fim de tarde. Jesus, com aquella bandeira na mão, subia no quadro para o seu lugar, ao lado do Criador. Na meia escuridão, uns ultimos clarões de sol se derramavam no vidro da estampa, brilhando. Na rua um silencio de cidade pequena, o sino batendo as suas aves-marias de sempre. Os meninos lá para o fundo do quintal. E dentro do meu coração, uma ansia de crer, de me sacrificar, de me redimir de minha miseria deante de Coruja. Não era Deus sem duvida que me visitava, mas um signal de sua misericordia que me arrastava para elle: o meu arrependimento, a dôr de uma consciencia de treze annos, tremendo de vergonha pela sua covardia. "O senhor fica prohibido de conversar com o sr. Carlos de Mello". Ouvia isto como si fosse uma phrase de condemnação a repetir-se nos meus ouvidos. Sim, Coruja era o meu corruptor,

o máo, o que me estava botando no caminho errado. Eu, não. Um justo, um sem-culpa, que devia temer a sua companhia. Vira apanhar os meninos pobres na aula publica, sem motivo, somente porque o professor queria agradar ao neto do coronel Zé Paulino. Olhava essas cousas como si estivesse apenas tomando um brinquedo dos meus companheiros, com essa crueldade natural da infancia. Naquelle momento, porém, entrava-me pela alma esta advertencia de olhos de abutre, que é o remorso. Conheci naquelle fim de tarde a dôr que Deus reserva aos que se enojam de suas faltas, a repugnancia dos que são obrigados a sentir o mau cheiro de seus proprios vomitos.

Quando vieram accender a luz da sala, eu dormia com a cabeça encostada a uma mesa.

IV

Eu não podia conversar com Coruja. Havia Lycurgo, um mais moço do que eu, de cabeça enorme e de dentes para fóra. Dormiamos no mesmo quarto e estavamos no mesmo livro de leitura. Mas Lycurgo não prestava. Enredava de todo o mundo, roía as unhas, e era dissimulado como uma vibora. Fazia as cousas e botava para os outros. Quando se estava no salão de estudo, ouvia-se um gemido qualquer Ninguem sabia donde vinha. O director olhava para um canto e para outro, e começava a castigar por adivinhação. Era Lycurgo quem provocava estas miserias, murcho para um canto. com a mais doce innocencia.

Um dia, porém, soube uns pedaços de sua historia. Historia triste como aquella do pae do

Zé Calheiros, o que estivera na cadeia por notas falsas. A mãe de Lycurgo era rapariga.

— Filho da puta, gritou-lhe numa briga Pão-Duro.

E elle partiu para o maior como uma féra. Foram ambos ao bolo. Zé Augusto me contou:

— A mãe delle é mesmo rapariga.

Vinha, de facto, uma mulher muito bonita visitá-lo, com umas joias nos dedos.

— E' a mãe de Lycurgo.

E os meninos corriam para vê-la passar no corredor. Deixava cheirando o internato por onde passava. Lembrava-me das meninas do tio João, ao tempo de seus passeios ao engenho. E os meus sentidos se assanhavam com estas recordações. Maria Clara, prima ingrata, fixava-se nos meus pensamentos. O cheiro da mãe de Lycurgo me recordava as visitas das primas do Recife, e as primas Maria Clara, e Maria Clara as minhas diabruras do Santa Rosa. O sexo me visitava nas noites frias do collegio. A chuva batia forte no telhado. Corriam as biqueiras como nas noites invernosas do Santa Rosa. E os maus pensamentos rondavam-me, como passaros que procurassem ninho quente para pousar. Zefa Cajá andava por perto. E me esquecia de Coruja, do director, do livro de leitura, dos bolos.

— A cama de Doidinho está tremendo, diziam no quarto.

E as risadas abafadas nos travesseiros botavam para correr o demonio do vicio impertinente. A palmatoria, porém, surrava essas antecipações de desregrado, porque já não era aquelle mesmo das libertinagens de outróra.

Lycurgo me fazia pena. Os meninos buliam com elle:

— Quem é teu pae, Lycurgo ?

— Meu pae foi pro Pará.

— Quem paga o teu collegio, Lycurgo ?

— E a tua mãe trabalha ? Em que ?

— Ella cose pra fóra.

Essas perguntas traziam sempre uma pontinha de perversidade.

Pão-Duro era ruim. Um caracter bem de nivel baixo. Gostava de pisar nos outros com picardia, de estar sempre contrariando.

— A mãe de Lycurgo ganha dinheiro dos homens, disse elle uma vez, no meio da gente.

O menino soube. Ficou mordendo as unhas, como si estivesse com fome. Pão-Duro passou por perto delle, ás risadas. E se ouviu um grito medonho: Pão-Duro com a mão na cabeça, correndo sangue pela testa. Lycurgo sacudira uma pedra e correra, fugindo pelo portão dos fun-

dos. O professor Maciel chamou um por um, para saber de tudo.

— Pão-Duro disse que a mãe de Lycurgo ganhava dinheiro dos homens.

O collegio todo fez carga no sumitico. Elle estava lá dentro com o velho Coelho, passando arnica na cabeça.

No outro dia estavamos na aula.

— Póde entrar. Maciel está no salão de aulas.

Era a mulher bonita, a mãe de Lycurgo.

— Vim tirar o meu filho do collegio.

E o director:

— Sim, senhora. Póde mandar buscar a mala e o tamborete delle. Não quero moleques em meu collegio.

— Moleque, não senhor. O senhor trate melhor.

— Moleque. E a senhora não passa de uma mulher ordinaria.

Os meninos estavam como si fosse em circo de cavallinhos. Ahi a mulher encrespou-se toda:

— Ordinaria é a gazea de sua mulher, cachorro.

O velho levantou-se:

— Saia-se daqui, saia-se daqui!

Só se ouvia D. Emilia gritando:

— Não discuta com ella, Maciel.

E a mulher bonita:

— Corno safado! O meu filho é igual aos outros; pago a mesma cousa — emquanto se dirigia para a porta da rua. — Pago como os outros, dizia lá de fóra ainda.

A meninada toda estava de pé. O homem do trapezio tinha dado o salto da morte.

— Sentem-se, sentem-se!

Era o velho director, que voltava ao pleno exercicio da tyrannia.

— Sentem-se!

E elle mesmo sentava-se na cadeira, como si quizesse afundar a palhinha.

Setenta meninos de livros na mão olhando para baixo. Mas si o velho pudesse ver dentro de nós, encontraria setenta corações pulando de contentamento. A mulher bonita sacudira ali, aos pés do czar, a bomba de dynamite.

— Seu Felippe, tome conta da aula.

E botou o chapéo na cabeça, e foi-se para a rua.

Felippe era a sua sombra ameaçadora. Apesar de tudo, respirava-se quando elle saía, mesmo com este preposto fiel ao extremo ás suas ordens. Estavamos sob os murmurios do escandalo, sofregos pelas conversas e os commentarios. Quasi que ninguem se importava com o olho vigilante do decurião. Falava-se alto.

— O que é isto, seu Zé Augusto? Que conversa é esta, seu Carlos de Mello? Eu digo ao professor Maciel quando elle chegar. E até a hora do almoço elle ainda não havia chegado.

Na mesa D. Emilia falava:

— Aquella sem-vergonha pensa que Maciel se amedronta. Está se fiando na protecção do dr. Odilon. Bem que não quis aquelle menino aqui. Estão enganados com o Maciel. Em Palmares um chefe de policia levou grito delle. A delegacia estava cheia de gente, e elle queria um depoimento de Maciel. Levou um grito. Essa gente de Itabaiana não sabe com quem está bulindo.

Depois o velho chegou. Felippe trouxe-lhe a lista: um havia conversado no salão, outro estivera rindo-se alto, eu fazendo bilhetes para Coruja. Apanhou-se muito por causa da coragem da mãe de Lycurgo.

V

Era verdade do decurião. Andava escrevendo bilhetes para o Coruja. Não podiamos falar. E as decisões do director eram gravadas em pedra. Persistiam, duravam como mandamentos irrevogaveis. Pensei que Coruja ficasse me odiando desde aquelle dia em que o vira tão acima de mim. Quando passava por elle mudava a vista com vergonha, fugindo de um encontro cara a cara com uma victima que se immolára por minha causa. Mas os olhos meudinhos de Coruja me procuravam. Então começámos a nos olhar como em linguagem de namorados. E dos olhares amigos fomos aos bilhetes confidenciaes: as nossas conversas enroladas em papeizinhos dobrados. Escrevia-se sobre tudo: "tal dia vou sair..." ou falando dos outros, da politica in-

terna da casa: de Pão-Duro, dos filhos do Simplicio Coelho, uns protegidos do collegio, parentes que eram de D. Emilia: comiam melhor do que a gente. E aquellas tapiocas que a negra Paula lhes dava pareciam-nos regalias de uma classe privilegiada. Elles não deviam ter este direito, porque pagavam igualzinho com a gente.

Coruja me mandava recados: "no banho de rio de domingo tenho uma cousa para lhe dizer"; "tenho uma lata de doce para você: procure na prateleira da cozinha". E no fim o "leia e rasgue". Respondia com os meus garranchos de atrazado.

Iamos aos domingos e ás terças aos banhos de rio. Levava-nos o velho Coelho, de toalha ao hombro, á frente do internato. Parecia que fugiamos de um presidio, pela mão de um avô de conto de fadas. Os passaros quando fugiam das gaiolas deviam ser assim, com aquelles nossos olhos e aquelles nossos ouvidos abertos aos rumores do mundo. O sol brilhava para a gente com uma vida que não tinha para os outros. Era como si se tratasse de um amigo de quem nos haviam separado á força. E por isto essa alegria em nos ver, em nos tostar as caras amarelecidas nas reclusões. Seu Coelho ainda era mais amigo:

— Do que vocês precisam é de correr. Não se cria menino em quatro paredes.

E sempre em conversas com os maiores. Com elle a liberdade nos fazia visitas de horas. Recuperavamos a boa alegria da idade, nesses contactos com os nossos justos direitos de meninos. O velho nos commandava como um companheiro de mais idade. O rio passava a um passo atrás do collegio. Faziamos, porém, o passeio até o poço do Maracahype. Pintava-se o diabo nessas viagens. De vez em quando chegava um, reclamando a seu Coelho:

— Seu Fulano fez isto, seu João Cancio está me chamando nome.

— Não quero saber de nada. Quem vier aqui com enredos, mando para casa.

Os presidiarios de seu Maciel muniam-se de habeas-corpus para todas as travessuras. Um magistrado tolerante deixava que a lei não nos fosse um instrumento de vingança. E naquellas manhãs de domingo a palmatoria de cabo torneado deixava de existir para a gente.

Commigo era como si fizesse um passeio ao engenho. As aguas onde mergulhavamos iam ter ao Santa Rosa, passariam por lá, lavariam os cavallos no Poço das Pedras; dentro dellas os moleques dariam os seus canga-pés. A's vezes brincando dizia:

— Vou mandar uma carta para casa.

E soltava um pedaço de papel a tôa, na cor-

renteza. Dizia brincando. Mas a vontade era que elle fosse mesmo até lá, que descesse como uma mensagem aos meus, aos marizeiros, aos banheiros de palha, ás mulheres batendo roupa, aos meus lugares amigos.

— A cheia vem em Itabaiana, gritavam, na enchente.

Era por ali que quando o Parahyba passava roncando, dava noticias. E nas aguas barrentas do rio lavava as minhas magoas de collegial. Dormiamos aos sabbados sonhando com o banho, que era mesmo o nosso unico recreio dos sete dias de trabalhos forçados. Contava a historia aos collegas:

— O Parahyba, no engenho, é maior do que aqui. Já atravessei elle uma vez de barreira a barreira.

Não sei por que me deleitava exaggerando as cousas. Póde ser que fosse um vicio da idade, mas eu tinha esse gosto pelo exaggero, pelos factos e as cousas maiores do que eram. Não resistia ao gosto de contar uma historia com vantagens. No fundo não seria uma mentira: uma deformação talvez. Uma força imaginativa pondo-se acima da realidade.

— Deixa de gomma, Doidinho. Não está vendo que você não atravessa o rio cheio ?

— Pois eu mostro quando elle encher.

O collega tinha razão. Nunca atravessára o Parahyba. Os moleques do engenho passavam de um lado para outro com o lombo aparecendo. A minha natação, porém, dava para pouco. Essa historia de que eu ia atravessar o rio quando elle enchesse ficou acertada. E o dia chegou.

—E' hoje. Vamos ver Doidinho metter o braço.

Nesse dia o sol não estava brilhando para mim. Desci para o rio, sombrio, disfarçando o medo grande. A meninada corria gritando. Para que diabo tinha eu dito aquillo? Coruja me pediu para não cair nagua:

— A correnteza está puxando muito.

Olhei para o rio barrento. As aguas corriam para o Santa Rosa como um trem; os redemoinhos dançavam, fazendo barulho. Tirei a roupa como quem se despisse para um somno muito grande.

— E' agora que Doidinho vae se mostrar.

Havia uma crueldade naquella insistencia. Por que me queriam tanta raiva aquelles meninos? Coruja foi dizer a seu Coelho. O velho chegou furioso:

— Seu Carlos, passe-se pra cá. O senhor está com o diabo no couro?

O mundo nascia outra vez para mim. Via o sol brilhando, via tudo rindo-se de felicidade.

E o rio descendo para o Santa Rosa. Os collegas ficaram murchos, e eu com a minha coragem de pé. Tomámos banho num remanso do rio, com a estrepitosa alegria de bichos felizes.

Na volta, o velho Coelho contava factos de afogamentos. Era um narrador admiravel, uma Sinhá Totonha para os factos communs da vida. Elle andara pelo Amazonas, subira rios em gaiolas, matara jacarés de rifle, trouxera um indio de suas viagens; este indio, dera-o de presente a um amigo de Timbaúba. Estava velho, mas ainda hoje não temia os moços na pontaria.

E no passo cansado voltavamos para o presidio com aquella sereia nos arrastando da realidade.

Depois Coruja falou commigo. A historia que tinha para contar seria uma grande magoa para mim: depois da semana santa não retornaria ao collegio. Ficaria tomando conta da loja do pae, no Ingá. Falava-me com dôr. Coruja amava os estudos, sonhava com uma carreira, com um futuro maior que o de sua familia. Si me dissessem um dia. — Você não voltará mais para o collegio — me dariam uma noticia de libertação. Com o meu amigo, não. Mais velho do que eu pouca cousa, já estava longe, nos livros. E quando fecharam atrás de mim o portão do internato, era como si eu já tivesse deixado Co-

ruja lá fóra. Não sei por que havia para commigo esta má vontade do destino. Si foi a Tia Maria, o casamento a levou. Uma amizade grande não conseguira ainda, depois daquella sua fugida no cabriolé de seu Lula. Pegara agora a Coruja uma affeição exaltada. Si algum dia me pedissem no collegio para ir fazer qualquer cousa por elle, iria de olhos fechados. Aquelles bolos apanhados por minha causa, aquella dignidade de seu rosto, aquelles olhinhos apertados me olhando, os seus bilhetes, os seus sorrisos de alma aberta, me arrastavam a querer-lhe um bem que ainda não dera a outra pessoa. Era que nunca tivera um amigo, um, fóra da minha familia, a que fosse ligado como a um irmão. Sim, um irmão. Filho unico, esta palavra só existia para mim na bôca dos outros. Via com inveja a solidariedade que unia os irmãos entre si: quando se tocava num, lá corriam todos, os da mesma carne e os do mesmo sangue, enfrentando juntos o perigo. Esse meu primeiro amigo me revelara o que Deus não me dera: um irmão. E era elle que deixaria o collegio. Pão Duro ficava, ficavam Aurelio, João Cancio, e outros, inuteis para mim. O que me servia com ternura, o que apanhara por mim, que me contava historias de sua familia, a sua irmã céga e o seu pae

em difficuldades, o bom Coruja estava acabado de vez. Ficaria no balcão da loja de seu pae, medindo fazenda para o povo.

V

O velho Maciel tinha razão. Em pouco tempo adeantara-me bastante. O medo do bolo vencera o rude da doña Sinhazinha. Estava nas fracções e quasi no fim do terceiro livro de leitura. A letra, porém, é que não tinha geito de melhorar. O meu nervoso talvez que fosse o responsavel pelos meus garranchos. Cobria com cuidado os cadernos de calligraphia, e borrões ficavam em cada pagina.

— Si este caderno vier borrado amanhã, o senhor se arrepende.

E ia borrado. Caprichava, esforçava-me, mobilizava toda a minha paciencia, e no fim a penna obedecia aos meus pobres nervos, e a tinta marcava-me a condemnação ao bolo. Fazia os exercicios na propria mesa do director, e elle

me dava com a regua nas mãos para concertar a posição deformada dos dedos na caneta:

— O senhor parece um paralytico escrevendo.

A's vezes distrahia-me, e parava de escrever. Pensava longe, nas minhas scismas de veneta. A advertencia não deixava que tomasse o gosto contemplativo:

— Acabe com isto, para vir depois com a lição de leitura.

Dava tambem geographia. O mundo crescia para mim. Tinha cinco pratos. Era mais alguma cousa que o Santa Rosa e o collegio do professor Maciel. Havia um certo encanto na virgindade da minha ignorancia, ao tempo em que ia aos poucos sabendo de cousas que me pareciam absurdas. O sol era maior do que a terra. E a terra era que andava em torno delle. As estrellas brilhavam tambem de dia. Os livros affirmavam estas verdades, mas acreditar nellas custava muito á minha compreensão limitada das cousas. Via a lua correndo no céo; o sol nascia num canto e se punha noutro. E por mais que a geographia contasse a sua historia, e os globos terrestres girassem em cima da mesa, ficava acreditando mesmo no que estava vendo com os meus proprios olhos.

— Quando o senhor melhorar a letra, pas-

sará a fazer descripções, me disse um dia o director.

Seria para mim uma victoria abandonar aquelles cadernos amarelos. Mas o meu grande ideal de alumno estava no "Coração". A luta de Stardi com Franc, o Tamborzinho sardo, o pequeno escrevente florentino, Henrique e o pae delle, que um dia ficou ruim de finanças e falou em cortar as despesas de casa, o filho do pedreiro, de cara de lebre, Garroni, o gigante bom, um que era burro mas estudava muito, a brincadeira dos meninos com neve, — tudo me parecia passagens de um romance admiravel. E como era differente a escola de lá da do professor Maciel! Distribuiam premios, os professores falavam manso, não existiam palmatorias. O nosso collegio não se parecia com as escolas da Italia. Ficava ás vezes de castigo, acompanhando a leitura dos outros. Lá vinha a viagem de um menino que saiu pela America atrás da mãe doente, e andou sozinho por florestas interminaveis. E o naufragio onde Marcos morreu para salvar uma mocinha. O navio afundava-se, e só se via o rapaz acenando com a mão. E depois: — Eu amo a Italia porque meu pae é italiano, — que Olivio lia em tom de discurso.

— Deixe de exaggero, gritava o seu Maciel.

Todo esse livro delicioso me chamava para as suas paginas. Um dia veio um italiano ao collegio para podar umas parreiras. Fiquei com elle para saber si conhecia Coretti da rua tal, que nem me lembro mais o nome. Sim, elle conhecia um Coretti, mas de outra rua. Talvez que o do livro se tivesse mudado, pensava commigo. A Selecta Classica era cheia de discursos, de versos. Mas o "Coração" estremecia a nossa sensibilidade de meninos, nos interessava naquelles conflictos que eram os nossos. Este livro de tanto amor á Italia me fez amar aos que eu não conhecia, aos estranhos, aos meninos sujos porque não tinham roupas limpas, aos heroes dos contos. A minha infancia sem Julio Verne e sem soldados de chumbo imaginou os seus heroes como eram os do "Coração", os seus grandes homens os que morriam pela patria e os que davam a vida pelos paes.

Ainda não era Deus que entrava por dentro de mim. Os meus surtos de crença morriam logo: eram pequenos relampagos numa escuridão que cada vez mais se fechava. Era como si numa noite escura apparecesse uma luzinha muito distante para illuminar as estradas. A que caminho poderiam levar estes pobres fogos-fatuos? No collegio não havia religião. Aos domingos ouvia-se missa perto do padre, com o di-

rector na frente, de bengala. E era só o que se fazia ali para agradar a Deus. Seu Coelho falava dos padres, e a filha procurava a igreja. O collegio tinha o nome de Nossa Senhora não sei por que. Era como os engenhos: Santa Rosa, Sant'Anna, Santo Antonio.

Estava prégando na igreja um frade franciscano. O padre Fileto viera pedir ao director para levar o collegio ás praticas. Eu ouvia falar nos frades que faziam missões. As negras dos engenhos caminhavam leguas atrás dos missionarios, e vinham contando horrores dos capuchinhos de barbas grandes. Davam nas mulheres com os cordões dos habitos e as palavras desses homens soavam aos ouvidos dellas como vozes de santos. Por isso, quando ouvia falar das missões me vinham logo á cabeça as latadas de palha, os frades de pés no chão, os peccadores apanhando de corda, os amancebados que se casavam na hora. E naquella noite ia eu ver pela primeira vez um frade em carne e osso, um daquelles brabos servidores de Deus. A igreja já estava cheia quando lá chegámos. Um pulpito armado no meio do templo esperava o prégador. E elle chegou, alto, louro, com um habito escuro, de alpercatas nos pés. Ajoelhou-se, e a igreja ajoelhou-se com elle. Fez o pelo-signal com os braços longos e a voz compassada. Co-

meçou a falar. Falava manso, uma palavra doce, sem gritos e sem gestos. Ouvi o dr. Bidú dizendo para o seu Maciel:

— E' mais um conferencista do que um prégador.

Fosse o que fosse, o certo é que o que elle dizia eu tomava para mim. Ha os que falam assim, que a gente tem fome e sêde do que élles dizem. Elle se voltava para os setenta meninos do collegio. — Uma vez Jesus ia por um caminho, e um bando de meninos alegres procurou o Mestre para falar com elle. Os apostolos botaram para trás as crianças, com palavras asperas. E Jesus lhes disse: "Deixae os meninos, deixae que elles venham a mim, porque delles é o reino dos céos". E depois deitou a mão pelas cabeças dos innocentes, e se foi dali. O frade botava os olhos azues para nós todos, e só falava para o collegio. Jesus amava os meninos porque elles eram a virgindade da vida. Eram a innocencia, a alegria feliz, a alma limpa de culpa e de peccados. Mas nem todos os meninos eram assim. Havia os de coração immundo, crescidos no vicio como adultos, meninos que empestavam os outros, que fediam a distancia. Era doloroso que se offendesse a Deus justamente com as flores que deviamos deitar a seus pés em offerenda. Sim, havia rosas sujas de lama,

rosas immundas, emporcalhadas pelo mundo. Mas quem deixara os porcos invadirem o jardim do Senhor? Os paes, as mães, os educadores. E repetia as palavras do Evangelho, aquellas que se referem aos que escandalizam os pequeninos. Melhor seria, dizia o Senhor, que lhes amarrassem uma pedra ao pescoço e os deitassem ao rio. — "Procurem os collegios, entrem nos lares de hoje, e é Deus que falta em tudo, ou é Deus que é ali mesmo esbofeteado sacrilegamente." E a predica continuou a se referir á educação dos nossos dias, á impiedade das escolas publicas e dos collegios particulares.

Dormi com aquellas palavras nos ouvidos. Meninos que fedem a distancia, coração immundo... E sonhei. Andava por uma estrada, e ali fôra encontrar o velho Zé Paulino. Queria falar com elle, e não consentiam. "Para onde vocês levam elle? O coronel morreu", diziam. Mas não via caixão. Corria para junto delle, e as minhas pernas estavam enterradas. Então o velho dizia: "Deixae o menino vir: é delle o reino dos céos." E por mais força que fizesse, não me largava do canto onde estava. Ahi uma pessoa gritou: "Amarrem uma pedra no pescoço do coronel e sacudam no açude." Acordei aos berros, com a satisfação de reconhecer a mentira do sonho.

Logo pela manhã, no café, o director conversou com D. Emilia:

— A predica de hontem foi para mim. Eu conheço muito bem o Fileto. Botou na cabeça de Frei Martinho aquellas indirectas para o meu collegio. Não me botaram meninos aqui para aprender a rezar.

E a mulher confirmando:

— Eu é que não vivo em igreja, feito barata tonta de sacristia.

Na hora da aula elle foi logo chamando o sobrinho do padre para a lição. Ia com sêde nelle.

— Vá á pedra.

E deu um problema damnado de juros.

O menino passou de um lado para o outro da pedra, apagou contas, escreveu numeros, e nada.

— E eu não vivo ensinando rezas aos senhores. Avalie o contrario. Passo o dia me secando, e no final das contas o senhor não sabe nada. O seu tio fala do meu collegio porque não dou catecismo. O pouco que eu sei ensino aos senhores, e os senhores não aprendem. Já estou cansado de ensinar a burros, a burros — terminou, gritando as palavras como si quizesse cortá-las com os dentes.

O sobrinho do padre ficou chorando.

— Era o que me faltava. Não sabe a lição e ainda me vem com choros. Passe-se para cá.

E o bolo alliviou a raiva da vespera, da predica do frade.

— Não mettam o bedelho no meu collegio. Padre que se fique lá pela igreja. No meu collegio mando eu, eu e mais ninguem.

E traçou as pernas por baixo da mesa.

— Cale-se! Não pense o senhor que isto aqui é aula de catecismo. Seu Chico Vergara, mostre-me esta pedra.

O menino puxou a pedra para mais perto delle, como si alguem lhe quisesse arrebatá-la das mãos.

— Mostre-me esta pedra. E' esta conta que o senhor está fazendo, seu babaquara ?

E o bolo cantava na sala.

No recreio do almoço era no que se falava:

— O padre tira Raul do collegio. Vae haver briga.

Naquelle dia eu acabara o terceiro livro de leitura. Entrava jubiloso para o "Coração" e para o primeiro gráu dos primarios. Voava com todos os ventos em tres meses de estudo. O diabo era que Coruja não voltava mais depois da Semana Santa.

VII

Uma cousa ainda não disse: havia meninas tambem no collegio. Eram externas. Sentavam-se junto ao director. Quando soffriam as suas correcções, ficavam em pé no meio da sala. Lisette, Maria de Lourdes, Guiomar, Elza, Tatá, e uma que me fazia as horas das aulas correrem depressa. Fôra o irmão della quem botara a carta no correio para o velho Zé Paulino. Comecei olhando-a ás espreitas, mudando a vista quando ella me olhava tambem. Depois fui demorando mais nas minhas miradas, reparando mais nos seus cabellos pretos. Um dia ella riu-se para mim: o namoro estava pegado. Chamava-se Maria Luísa. E quando o velho me mettia o bolo, era com vergonha della que voltava para o meu canto. Ficava de manhã espiando a porta para vê-la chegar.

— Para que é que o senhor tanto olha para esta porta ?

Chegava sempre de branco, passava por perto de mim com um rabo-de-olho de bem querer. E desde aquelle instante eu só existia para ella. A's vezes faltava á aula. Não vinha pela manhã. Mas qualquer um que batesse na porta, eu pensava logo que fosse ella chegando atrasada.

Numa terça-feira que saí para cortar o cabello, passei pela porta de sua casa com o chapéo quebrado de lado. Não estava na janela. Parei mais adeante, e a vi de longe chegando em casa com a mãe. Sempre fui um timido junto dos meus enthusiasmos, e sobretudo dos meus enthusiasmos de amor. Sonhava com Maria Luísa todas as noites. Ora era ella mesma, ora era Maria Clara, nessa mistura, nesse *cock-tail* de imagens queridas que só os sonhos sabem fazer. Os meus sonhos eram mestres em taes complicações. O velho Zé Paulino — estava sonhando com elle: de repente era seu Coelho que falava commigo. Despertava desses sonhos e não podia mais dormir. Aurelio, perto de mim, roncava de bôca aberta. Chegava-me mais para os lençóes com medo do pobre, cobria a cabeça, tapava os ouvidos para não ouvir aquelle respirar feio de bicho.

Sim, Maria Luísa me ajudava a supportar

o captiveiro. Já nem pensava mais no querido Coruja. Tinha commigo esta fraqueza imperdoavel: um enthusiasmo novo me absorvia inteiramente. Coruja passava por mim e me deixava os bilhetes. Quasi que nem os lia. Os olhinhos delle parece que viviam a desconfiar de minha indifferença.

Fiz segredo de sete chaves do meu amor. Vira Pedro Muniz, denunciado de amores com Guiomar, soffrer horrores:

— Hein, seu babaquara! Botando as manguinhas de fóra...

A menina chorando para um canto. E Pedro Muniz em cima de um tamborete, no meio da sala, de costas viradas para as meninas.

Pegaram uma estampa de Nossa Senhora com uma dedicatoria comprometedora. A queixa viera da casa de Guiomar.

Esse martyr aconselhava toda a prudencia aos meus derrames sentimentaes. Olhava para Maria Luísa temendo a curiosidade ordinaria do mundo. Ella tambem olhava para mim como se estivesse fazendo um malfeito, num relance. Não podia haver mais puro amor entre os homens. Maria Clara, ainda a beijara debaixo dos cajueiros cheirosos do engenho. Um beijo só, que me deixou o coração batendo. Conversava com ella nos nossos passeios, sentia que havia carne

morena na minha prima. Com Maria Luísa tudo era bem differente. Nunca lhe dissera uma palavra, nunca a ouvira chamar pelo meu nome. Amor de anjo, si os anjos amassem.

Mas o coração de um apaixonado é quasi sempre um insensato; não medita sobre os perigos, e quando mal cuida está com um abysmo aos pés. Esquecera-me de Pedro Muniz. Fiz o meu bilhete de namorado, a minha primeira carta de amor. Não me lembro de tudo o que dizia. O meu coração devia ter, no entanto, a linguagem de todos os outros. O director saíra. O decurião tomava conta da aula. Botei o bilhete na palma da mão e saí com os passos incertos de quem fosse roubar alguma cousa. Passei por junto de Maria Luísa, sacudindo o bilhete no chão. O olho de Felippe, porém, estava atrás de mim.

— O que foi que o senhor deixou ahi, seu Carlos de Mello ?

Não tive tempo de apanhar. O diabo já estava com a minha mensagem nas mãos.

— Vou mostrar ao seu Maciel.

Segui para o meu canto á espera da hora de entrar na arena para os tigres.

— "Maria, terça feira passei por sua porta, vi você com sua mãe".

Era o director lendo alto para a aula toda o meu bilhete de namorado.

Uma gargalhada estourou, abafada logo pelo psiu! autoritario do velho.

— Estamos com um apaixonado aqui.

Seria melhor que elle me quebrasse logo de palmatoria. Aquella exhibição dos meus arrebatamentos doía-me mais do que os bolos.

— Um d. Juan no collegio. Emilia, anda ver isto!

E foi ler o bilhete, rindo-se.

— Venha para cá, seu cynico!

Baixei a vista para não ver Maria Luísa. Passava a mão para a meia duzia de bolos sem uma lagrima. Não chorara pela primeira vez. O amor dera-me esta coragem de leão.

— Passe-se para ahi, de pé.

Maria Luísa estava em prantos. O director lhe dissera:

— Vou escrever uma cartinha a seu pae contando tudo.

Em pé, o dia todo. E quase de-tardinha ia reparando na lição da classe mais adeantada. Liam francês e traduziam. "Les oranges de la province de Bahia" — lá iam lendo, com o velho corrigindo a pronuncia. Lisette era desta classe. Não acertava as lições. O velho tinha bem vontade de mandar-lhe o bolo, porque quando passava adeante, para o seu collega de junto, si elle

não respondia a pergunta, apanhava por si e por Lisette.

— A senhora não estuda. Si a senhora estudasse saberia. Passa-me os dias aqui olhando espelhinhos.

Era o mesmo que dar, porque a menina chorava da mesma fórma.

No recreio, a canalha caiu em cima de mim:

— Doidinho está namorando ! Quando casa, Doidinho ?

Parti a canela de Pão-Duro com um pontapé de indignação, e voltei outra vez para o bolo. Senti a mão inchada, dormente. Que me importava apanhar mais uma vez ? O director, porém, abriu a bôca:

— O senhor está o peor alumno do meu collegio. Vou escrever ao seu avô. Depois digam por ahi que maltrato alumnos. Mandam-me para aqui féras deste geito, e querem que as trate com luvas de pellica. Porque não as amansam em casa ?

E ia mais longe naquella sua fluencia inesgotavel para o carão.

— Vá sentar-se no quarto do meio.

Era o peor castigo do collegio: ficar isolado num quarto, sentado num tamborete, sem fazer nada. Passar horas e horas sem uma palavra, com a bôca secca ouvindo lá por fóra o rumor

da conversa dos outros. Quando sozinho esperava os canarios, no Santa Rosa, era com uma ansia de caçador que me punha na espectativa. Bons silencios que não me doíam ! Agora, no quarto de castigo, tinha que procurar os recursos da imaginação para povoar o meu isolamento. Esgotava assumptos inteiros. Essas conversas commigo mesmo me enfastiavam. A principio o assumpto me absorvia. Mas logo depois não encontrava nada mais em que pensar. Recomeçava com os mesmos factos, voltava ao principio. O meu interlocutor escondido cansava-me como os conversadores impertinentes. Queria fugir delle. Mas como ? Como se poderia fugir desta conversa comprida e fastidiosa que domina aos que não teem força interior para afuguentar o tedio com o pensamento ? E era assim: começava uma historia com Maria Luísa, ella me chamava para um passeio; iamos andando pelo jardim publico, de braços dados; em baixo de uma palmeira que havia por lá, ficavamos a olhar um para o outro; poderiamos até dahi a uns tempos fazer um casamento. E ficava nisto, neste passeio, neste casamento. E a imaginação não encontrava mais outra variante para esses idyllios de cabeça, nem situações mais agradaveis para esses namorados de mentira. Não saía disso, desse marcar-passo ronceiro, a minha

pobre imaginação de penitenciario. Os pensamentos lubricos, estes não me cansavam. Vinham sem eu querer. Uma referencia qualquer, um simples golpe de memoria, e lá chegava o diabo para me tentar. Diabo que não vinha fedendo a enxofre, mas acariciando-me os sentidos com afagos de rapariga. Da negra Luísa, da Zefa Cajá, do quarto dos carros, dos moleques de engenho, de todo este meu mundo de longe, o diabo dos meus silencios de prisioneiro se aproveitava. E o sexo inchava como um papavento. Pedia para fazer as precisões no fundo do quintal. Porém o que procurava não era mais do que libertar-me das insistencias indecorosas dos meus instinctos em furia. A palavra do frade batia-me no lombo como um jacto de agua fria. Pensava nos condemnados ao fundo do rio com uma pedra no pescoço, nos meninos que fediam a distancia, nos podres de consciencia. Eram leves demais estes laços para o animal assanhado que os meus instinctos criavam á solta. Entretanto olhava para Maria Luísa sem estes impetos de animal.

VIII

O director entrara em acôrdo com o padre Fileto. O collegio ás sextas feiras estava indo tomar aula de catecismo na sacristia da igreja. A mestra de religião ensinava no collegio das meninas, D. Marieta, uma mulher magra com pince-nez de ouro. Falava com uma mansidão de mãe bôa, sem um grito, fazendo as perguntas e ás vezes dando, ella mesma, a resposta·

— Sois christão ?

— Sim, pela graça de Deus.

— Quaes são os principaes mysterios da nossa fé ?

E a resposta ao pé da letra:

— Os principaes mysterios da nossa fé, são: a unidade e a trindade de Deus, a encarnação, a paixão e a morte de Nosso Senhor Jesus Christo.

A gente respondia ás indagações com as palavras exactas do livrinho. Os principaes mysterioos da nossa fé ! Não entendia o que queria dizer o catecismo. Unidade e trindade de Deus!

— O que é unidade de Deus, professora ?

— E' que são tres pessoas distinctas e uma só verdadeira.

Era o mesmo. Encarnação! Ficava pensando no que fosse a encarnação. Deus desceu á terra feito homem para soffrer como homem. E si havia nelle, todo poderoso, tanta vontade de nos salvar, por que não fizera lá de cima esta sua obra de magnificencia ? Depois:

— Que nos ensina a doutrina christã ?

A doutrina christã nos ensinava o que devemos crer, o que devemos pedir e receber, o que devemos fazer para conseguir o nosso fim. Nós deviamos crer em Deus; mas o que deveriamos pedir ?

— O que devemos pedir, professora ?

— Nós devemos pedir que a misericordia de Deus caia sobre nós.

E o que era a misericordia de Deus ?

E neste jogo de palavras, de confusões, lá iam nos ensinando a doutrina christã. Davam-nos as lições de religião no mesmo geito com que no engenho ensinavam aos papagaios:

— Papagaio real, veio de Portugal, dá-me um beijo, meu louro!

E o papagaio repetia tudo, sem saber o que era real, nem nada de Portugal, e estalava o beijo do fim.

A nossa religião vinha-nos desta maneira.

E o Padre não existiu antes do Filho e do Espirito Santo?

Respondia-se:

— Não; o Padre não existiu antes do Filho nem do Espirito Santo, porque todas estas três pessoas divinas são eternas.

Para mim o catecismo estava errado Jesus Christo não nascera na Galliléa, filho de Maria Santissima? Disse a um menino que não acreditava naquillo. Foi botar logo nos ouvidos da mestra.

— No que é que você não acredita, meu filho?

— Eu não disse nada, professora.

— Não, diga. Não tenha medo.

E aquella palavra mansa me animou á controversia:

— Eu disse que o Filho tinha nascido depois do Pae.

E o argumento chegou-me vehemente:

— Porque Christo nasceu ha dois mil annos na Galliléa.

— Sim, me disse ella. Deus mandou á terra o seu filho para redimir o peccado dos homens; mas antes de elle nascer da Santa Virgem, já existia como Deus.

Era outra questão que me dominava, esta da virgindade de Nossa Senhora. Porque eu sabia dos segredos da criação: vira se fazerem os bezerros nos cercados e os paes d'egua rinchando atrás das bestas. Vira a tia Mercês e as negras do engenho de barriga grande.

— Jesus Christo não teve um pae tambem na terra ?

— Não. Jesus Christo nunca teve um pae na terra, mas somente mãe, que é a Virgem Maria.

Discutia-se no recreio. Seu Coelho dizia aos meninos que tudo aquillo eram conversas. Ouvira um "bode", em Palmares, entupir o vigario.

— Não vou atrás disto.

E soltava palavras feias sobre N. Senhora.

Ao mesmo tempo chegavam-me lampejos de fé. Deus podia fazer tudo. Elle não construira o mundo ? E os seus santos não faziam milagres ? A voz do catecismo chegava-me aos ouvidos: "Deus é o espirito infinitamente perfeito, criador de tudo o que existe". Dormia com essas questões na cabeça. Era preciso acreditar nas verdades da mulher de pince-nez de ouro, porque eram as verdades da igreja. Mas parece que a

serpente da duvida procurava o meu leito para dormir. Religião era para ignorantes — affirmava seu Coelho. Em Recife, Tobias Barreto surrara os padres. Conhecera muito o mulato Tobias. Na casa duns Pontual, amigos delle, conversara com o genio.

— O diabo sabia até musica.

E aquelle Tobias, e o velho Coelho, abatiam aos meus olhos,assim com tanta simplicidade, o Deus que fizera o mundo, que criara o homem, o senhor de tudo o que existe. A fé, porém, chegava quando fazia as minhas promessas, uma fé interesseira de phariseu:

— Si meu avô vier terça-feira, eu rezo todas as noites.

E rezava as ave-marias, acreditando mesmo que o velho Zé Paulino tivesse vindo por isto. Já fazia o pelo-signal antes de dormir. E começava a ter os meus medos dos peccados pelo castigo do alto. Quisesse ou não quisesse, a pedra amarrada ao pescoço, o fundo do rio, as penas do inferno, deixavam-me alguma duvida. Deus estava em toda parte. O homem não podia se esconder de seu olho vigilante. A minha cama não tremia tanto. Afugentava os fantasmas libertinos com estas preoccupações que nunca tivera.

Na aula de sexta-feira a professora escolhera

os que deviam fazer a primeira communhão. Eu era o maior de todos. Uns de oito, outros de nove annos, e o granganzá de treze, com a alma secca das graças de Deus. Tinhamos de voltar mais vezes para as lições.

Iamos para os exercicios espirituaes com a alegria do passeio até a igreja. Commungar é receber a N. Senhor no sacramento da Eucharistia. Eucharistia era uma palavra bonita para mim!

— Sim, nos affirmava a mestra, Jesus Christo está vivo na Eucharistia, todo inteiro debaixo das especies de pão e todo inteiro debaixo das especies de vinho.

E nos explicava quaes eram as especies de vinho e de pão. As especies de vinho e de pão são aquillo que apparece aos nossos sentidos, o que nós vemos, o que nós cheiramos, o gosto que sentimos do pão e do vinho. Estas eram as especies onde estava Jesus todo inteiro, vivo, porque o pão se mudava no seu corpo e o vinho no seu sangue. E si aquella hostia se partisse, e si aquelle vinho se derramasse, era o corpo de Deus que se partia tambem? Não, adeantava: as especies é que se partiam. Jesus Christo subsiste inteiro em cada parte da hostia dividida. E vinha com a imagem de não sei quem:

— E' como o espelho. Você olha a sua cara num espelho grande, e é só um rosto que você

vê. Quebre o espelho em mil pedacinhos, e em cada um você descobrirá a sua cara da mesma fórma.

Pela primeira vez naquellas preparações para o conhecimento de Deus, uma cousa me ficara clara, numa evidencia de dia sem nuvens. Valia, por esta fórma, o poder intenso da imagem. Pensava por que um santo da Igreja não inventara um catecismo assim, feito de imagens, mais um cosmorama do que aquella synthese de theologia que nos obrigavam a decorar.

Tinha-se que botar na memoria as orações para os actos de antes e depois da confissão, os chamados exercicios de preparação. "Meu Deus, eu vos supplico pela sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo..." E para que existisse um bom arrependimento dos nossos peccados, seria preciso rigoroso exame de consciencia. Fazer exame de consciencia !

— Você fique pensando no que fez de mal, nas offensas que commetteu contra N. Senhor.

Ficava pensando nos meus peccados. Tinha muitos. Os meus feios peccados contra a castidade. Nunca furtara. Não, furtara: não tirara o dinheiro que meu avô deixava por cima da mesa, para a Zefa Cajá ? "Não jurar o seu santo nome em vão". Isto nós faziamos a todas as horas. — Por Deus ! — dizia-se brincando. Não, por Deus

não serve. — Então vinha um juramento mais forte: — Pela hostia consagrada, pela missa de hoje. — Tudo isto era peccado mortal. Desejava as cousas alheias; não podia ver os primos com brinquedos que não os quisesse para mim. Pae e mãe não tinha para honrar, si bem que me lembrasse delles com angustia. Nunca levantara falso a ninguem. Havia, porém, a mulher do proximo. Desejava a mulher do proximo. Deus nos prohibia os máos desejos e todos os peccados internos contra a pureza. De facto merecia as iras de Deus por isto. Mas ninguem me explicava quaes eram esses peccados internos, esses que não estavam aos nossos olhos. Os meus desejos não se creavam nas suas cobiças. E não iam, no engenho, ás missas de domingo. Peccava por palavras, por obras e omissões. Quasi todos os peccados do catecismo estavam commigo, para contar ao padre. Os da gula, da luxuria, da ira, da inveja, da preguiça. Um monstro para a codificação da igreja.

— Si não se contar tudo ao padre, a confissão se perde.

Uns tomavam nota no papel, de suas porcarias. Acharam um pedaço assim, de referencias, no meio da sala; uma lista de peccados ninguem sabia de quem; uma confissão completa: — Eu fiz isto, fiz aquillo, roubei uma castanhola de

fulano, faço porcarias sozinho. — Não appareceu o dono de tal rol de peccados. Lembrei-me da historia que meu avô contava. Um padre velho do Gurinhem dormia quando confessava as mulheres. Um dia uma devota chegou-se para o confissionario, e se abriu com as suas culpas. Mas o padre pegou no somno no meio do acto. Quando acordou, a mulher tinha ido embora sem a absolvição. E elle saiu gritando pelo meio da igreja: — Cadê a mulher que roubou o tacho? — Todas as mulheres ficaram surdas, como o dono do papelzinho do collegio.

Os meus peccados, eu os tinha todos na memoria, por muitos que fossem.

Oito dias antes da confissão o frade nos fez uma serie de conferencias. Lembro-me da primeira, que começou falando de Napoleão. Perguntaram ao grande imperador qual fôra o dia mais feliz de sua vida. Esperavam que elle viesse falar de suas batalhas ganhas, de seus tratados de conquista, de sua coroação pelo papa. O imperador não demorou a resposta: — O dia mais feliz da minha vida foi o da minha primeira communhão. — "Pois bem, meus filhos, daqui a uma semana ides ter esta grande ventura comvosco, recebendo Deus na vossa companhia, na intimidade do vosso coração."

Falou no outro dia das penas do inferno,

da desgraça daquelles que morriam em peccado mortal. Bastava um só destes peccados para a alma arder nas chammas eternas. As negras do engenho, em brigas, mandavam as outras para as profundas do inferno, para as caldeiras fervendo e os espetos quentes de Satanás. "Não podereis jamais avaliar o que sejam os soffrimentos do inferno. Lembrai-vos da maior dor que possa affligir um homem na terra, e esta dor se prolongando por seculos e seculos. Quando vos dóe um dente, a vontade que vos chega é a da extracção immediata, de arrancá-lo para vosso allivio. Para a dor que vos atormenta tendes logo o recurso dos remedios. Quantos não chegam á allucinação com os seus padecimentos, quantos não se abeiram do suicidio ! Avaliae agora uma dor sem remedio e sem geito. Uma dor que é de todo o vosso corpo, da cabeça aos pés, de todas as vossas fibras e de todos os vossos nervos; a vossa carne ardendo, derretendo-se nas chammas de um fogo mais quente que o das caldeiras, o fogo soprado pelos demonios. E, mais que tudo isto, a alma que habita este corpo miseravel, com a consciencia nitida da eternidade de suas penas." E o padre falou ainda muito do inferno.

Voltámos para o collegio como que sentindo o bafo quente das suas chammas. Bastava um unico peccado mortal para nos sacudir naquella

desgraça sem fim. Todos nós tinhamos o nosso peccado mortal esperando a hora da morte para o castigo irremediavel. A' noite, antes de dormir, rezei as minhas ave-marias com medo. E o padre-nosso, onde se pedia perdão de todas as nossas dividas: "Perdoae as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixeis caír em tentação." Iriamos com a alma tremendo de horror de nós mesmos caír aos pés do padre. A confissão seria no outro dia.

Na igreja as beatas rezavam em voz alta um terço. A voz rouca de uma tirava a ave-maria, e o côro respondia com uma Santa-Maria piedosa, em surdina, mal se percebendo as palavras. Era como si fosse uma mais forte, mais energica, chamando as outras, indecisas e fracas, para o arrependimento, para a paz da casa deDeus. E emquanto cada um esperava a sua vez para a confissão eu olhava e ouvia aquellas almas supplicando á mãe de Jesus Christo a sua protecção. "Agora e na hora de nossa morte, amen." Que peccados não teriam ellas, coitadas, para tanta humildade, para a cara triste que tinham, debaixo das mantilhas pretas !

Ainda demoraria muito a minha vez. Começavam pelos menores: eram talvez os mais faceis. Os taludos como eu, deixavam para o fim, porque os nossos peccados precisavam de mais trabalho.

Junto a nós havia outras mulheres que vinham se confessar ao frade. Chegavam de longe, e conversavam em cochicho, como si estivessem com medo de carão.

— Cheguei trásantontem. Vim para as missões.

Andavam leguas para este banho de almas. Vinham se lavar dos peccados.

— E' um povão pra se confessar.

O padre José João, do Pilar, estava ali confessando. Mas não queriam. Só com o frade essas consciencias se alliviariam. Aquelles pés no chão, aquelles cordões compridos e aquella cabeça como a de Santo Antonio davam-lhes mais confiança. Deus dava mais poderes aos frades, pensavam ellas.

A igreja cheia de lado a lado. Três confissionarios attendiam a humanidade em chagas que procurava a misericordia celeste. Poucos homens, mais mulheres do povo, pobres, cheirando a falta de banho, negras com pituim, a gente bôa dos campos que deixava os filhos e as obrigações de casa para esse ajuste de contas com o Senhor.

Mas que peccados prevaleceriam deante de suas miserias, de seus estomagos vasios, de seus corações candidos ? Jesus Christo amava os pobres, dizia a Historia Sagrada. Logo aquella gente toda seria a sua gente. Os que Elle que-

ria para companheiros de seu paraíso. Ali só havia pobreza. Os ricos eram bons demais para a confissão. Não se pensa em peccados com a barriga cheia. A fome é que nos traz esta vontade de purificação. Parece que o corpo sem os fiambres e os filés se sente mais perto da fome da terra. Mas quanto mais gordos elles ficassem, mais difficil seria passarem por aquelle fundo de agulha, de que falava a minha Historia Segrada.

As mulheres conversavam ainda:

— Nas santas missões de Itambé o padre Julio casou amancebado muito. Até um senhor de engenho com uma cabrocha, filha duma escrava delle.

— Padre santo, o padre Julio. Avalie se fosse frade.

Eu sabia quem era o tal senhor de engenho. Um parente meu. Ouvira falar sempre, no Santa Rosa, com repugnancia, nesse parente que se casara com uma mulata com quem vivia. Ali dentro da igreja achava o meu primo um digno, um grande. Para que viver em peccado ? E depois, isto de descer de sua arrogancia de senhor de engenho para essa renuncia, para esse contacto com os pobres de sua bagaceira, isto me parecia grandioso. O bom rico que botava na sua cama de casal a negrinha que lhe lavava os pés. Jesus Christo só poderia gostar de semelhante gesto.

O velho Zé Paulino censurava o sobrinho porque tinha o peccado do orgulho. Naquella hora, no meio daquelle mundo que procurava Deus, eu me lembrava do meu avô. Sim, elle tambem poderia morrer em peccado mortal. Não rezava; nunca saíra de suas terras para caír aos pés de um padre, humilde, batendo nos peitos. Coitado do velho Zé Paulino ! Não se salvaria si a morte o pegasse de supetão. Uma vez eu estava com elle no alpendre da casa-grande, numa daquellas tardes em que ficava escutando os que lhe vinham pedir ou reclamar alguma cousa. O padre Severino passava na estrada.

— Para onde vae o vigario ?

— Vae confessar a negra Justa, que está para morrer.

— De que serve isto ? disse o meu avô, simples, sincero, na sua absoluta indifferença ás praticas da religião.

E naquella espera de confissionario, daria tudo para vê-lo ajoelhado, recebendo do padre o perdão de Deus para os seus peccados. Elle era bom demais. No seu coração cabiam todas as criaturas do seu engenho. Mas a gente peccava por cousas que não pareciam mesmo peccado.

Uma negra junto de mim contava a historia da filha:

— Se perdeu, caiu no mundo.

Queria dizer muita cousa, aquelle triste "caiu no mundo". O mundo era esta cousa abominavel que nos desgraçava. O padre dizia que era preciso resistir ás tentações do mundo.

E a negra continuava:

— O dono da terra fez mal á menina. Só fez encher a barriga da pobre; nem deu um vintem para os pannos do filho. E foi indo, e foi indo, até que levou o diabo.

A negra contava isto com uma amargura candida nos olhos que marejavam. E a outra dava muchochos, com nojo:

— Te esconjuro !

O dono da terra fizera mal. Os pobres lhe pagavam este fôro sinistro — a virgindade das filhas. O tio Juca era outro que me chegava agora, naquelle momento, outro que devia muitas contas a Deus pelos seus pecados. Já tinha passado nos peitos não sei quantas.

Minha hora estava quasi chegando. Só havia uns três para se confessar. Fui-me aproximando mais. Ouvia-se o murmurio do padre a falar, e via-se o menino se levantando de cabeça baixa, saindo para o altar-mór, para o desencargo de suas penitencias. Chegava a minha vez. Não sei por que, me sentia sem vontade de ir, com medo, desejando que o outro demorasse o resto da noite. Vi-o sair contrito, e joguei-me para o confissio-

nario como si marchasse para o bôlo de seu Maciel.

— Reze o Eu Peccador, me disse o padre, de quem só se via os olhos azues pela grade.

— Eu, peccador, me confesso a Deus Todo Poderoso... — E terminava: — a todos os santos, e a vós, padre, que rogueis a Deus N. Senhor por mim.

— Quer que lhe pergunte ?

Respondi com a cabeça, num gesto. E começou o interrogatorio, as minhas culpas puxadas de dentro da alma. Cada uma que saía, era como si um peso rolasse das minhas costas. Até que chegou a maior de todas.

— Sim, padre.

— Oh ! que desgraça, meu filho ! Nesta idade...

A voz delle vinha-me com o desconsolo de um pae deante de um filho morto. Tive a maior vergonha da minha vida, quando os seus olhos claros. tão puros. me olharam, ali, coberto de chagas.

— Não precisa chorar, meu filho. Reze cinco padre-nossos e cinco ave-marias de penitencia. Renuncie a Satanás, a suas pompas e a todas as suas obras.

Seus olhos grandes e azues já não pareciam espantados de tanta immundicie num coração

tão joven, porque a sua voz foi de uma doçura paternal nos conselhos que me deu. Vi a sua mão se levantando em cruz e elle perdoando os meus peccados. Saiu-me da bocca o acto de contrição. Era todo o meu corpo que parecia tocado da bondade de Deus: "E espero alcançar o perdão de minhas culpas, por vossa infinita misericordia."

Uma lua muito branca derramava-se pelas ruas na nossa volta ao collegio. E por baixo das castanheiras dormia gente esperando pela missa da madrugada. Povo bom, este, que deixava as suas camas de vara, a sua miseravel commodidade, para ouvir os frades falarem de outro mundo, de uma outra vida, onde seriam recompensados de suas fomes e de suas doenças! Não é que viessem ali porque lhes promettessem barriga cheia. O que lhes promettiam era de muito longe: Não era o goso e a fartura que os outros desfructavam na terra.

Pensei nos moradores do Santa Rosa, vendo aquelles pobres das missões de Itabaiana. Pareciam-se todos, esses miseraveis! Quantos do Santa Rosa não estariam ali! Ficaria contente si me encontrasse com o Chico Baixinho, com o velho João Rouco, com o Manuel Lucino; qualquer um delles me daria a satisfação de quem num país estranho se deparasse com um conhe-

cido de sua terra, um conhecido mesmo de cumprimentos. Passara uma vez pela porta do collegio um morador do Santa Rosa; parou o cavallo e desceu com o chapéo na mão para falar commigo:

— Como vae, seu Carlinhos ? Não quer nada para o coronel ? Seu Carlinhos está magro !

Nem lhe sabia o nome. Mas apertei-lhe a mão callosa, como si fosse a de um parente proximo.

Voltava da confissão pensando nestas cousas. E dormi com a consciencia limpa, com a ansiedade de receber no meu corpo lavado de novo o filho de Deus do meu catecismo.

A lua tambem nos espiava pelas telhas de vidro do quarto, alvejando nossos lençóes de madapolão. E a cara de Aurelio era mais branca e repellente ao seu clarão frio e tristonho. Pobre do papafigo ! A lua fazia até os cemiterios bonitos, emquanto elle mais feio ficava, com aquella bôca aberta e aquelle roncar de doente.

IX

Amanhecera um dia que nem parecia de Abril, de um céo todo limpo, azul de horizonte a horizonte. O collegio levantara-se mais cedo para os preparativos da primeira communhão. Lavava-se a bôca com precauções, porque uma gota dagua podia nos prejudicar o jejum. Iamos de roupa branca e fita no braço, com a vela na mão. E dois a dois, com o bonézinho preto, seguia o collegio de seus Maciel, com elle de fraque na frente, para o sacramento da Eucharistia.

Na igreja não havia um lugar para ninguem; cheia do altar-mór ás portas de entrada. A Seraphina gemia os seus canticos sagrados, com mulheres fanhosas no côro. Uma cousa muito triste, aquellas vozes lugubres como lamentações em casa de defunto. Setenta corações jubilosos pe-

diam musica de gloria para a grande festa do seu banquete. Mas as mulheres fanhosas carpiam mais do que cantavam. Uma missa bonita esta primeira missa cantada que eu ouvia, com o colorido das estampas dos santos, aquelle chapéo alto na cabeça do frade, e o thuribulo tinindo, e a fumaça do incenso subindo para o alto. As campainhas tocavam como vozes de crianças em festa. Os cantos dos padres retumbavam na igreja com um accento estranho para mim. Elles se reverenciavam uns aos outros, esses actores tristonhos do drama eterno.

Não tinha pensamento na cabeça, naquelle dia: era só olhos para tudo aquillo, para, todos aquelles movimentos que me enlevavam. Quando o sacrario se abriu, todos nós enfileirados, seguimos, para a mesa branca, de cabeça baixa e as mãos nos peitos. Voltavamos com a hostia se derretendo na bôca. Era Deus em corpo que levavamos para as nossas visceras miseraveis. Fiquei no meu canto, concentrado, com este Deus nos labios, os unicos minutos da minha vida em que me elevei da terra que pisava. Mas foram alguns minutos apenas. O mundo estava ali bem perto de mim para que esse recolhimento não durasse. Passei a reparar nas mulheres e nos homens de perto. Vi a mãe de Lycurgo, muito bonita, de chapéo, com uns brincos brilhando nas orelhas.

Na igreja de Deus havia lugar tambem para as prostitutas. Lia um livro de missa como o da d. Emilia.

Depois já a fome nos chamava com impertinencia para a terra. Aurelio caíra com uma vertigem no meio do povo. Levaram o pobre para fóra, verde de fazer pena.

— Por que não mandam estes meninos para casa ? E' até uma malvadeza ! — dizia um velho que segurava o papafigo.

De facto, deixámos a igreja sem a missa terminar. O director ficaria até o fim. Felippe nos conduziu de retorno ao collegio. Voltavamos murchos e calados, como os passaros criados em casa, que perdem o geito de voar. Murchos e calados para a gaiola que nos esperava. Os externos se dispersaram para as suas casas. E dez corações limpos, purificados pela graça de Deus, sem força para resistir a dez estomagos famintos do pão deste mundo. O almoço da negra Paula infelizmente era tudo para nós, naquelle dia mais santo de nossa vida. Nem o corpo de Deus fôra sacrificio bastante para estas frageis criaturas humanas. Iamos andando a pensar na comida. Pão-Duro viu uma castanhola madura no chão. Num instante todos nós partiamos para a fructa com uma ganancia de cães esfomeados. Rolei pelo chão com a minha roupa branca, com lama até

no laço alvo do braço. Felippe me disse muito serio:

— Só não digo a seu Maciel, porque o senhor fez a primeira communhão.

Mas Pão-Duro roía a castanhola com a alegria de um cachorro feliz.

E o dia todo no collegio foi de uma paz de armisticio. A' tarde nos levaram a passear nos arredores da cidade. Passámos pela rua da Lama, a rua das mulheres á tôa, sem olhar para as janellas das casas. Fomos até o triangulo, lugar de entroncamento dos trens, especie de officina para as machinas que faziam os horarios de Campina Grande. Encontrámos Lycurgo de cigarro na bôca, arrogante, em desafio ao director, que nos disse:

— Aquelle termina na cadeia.

Conversava-se numa algazarra feliz. Vergara contava historias da Parahyba, Heitor de Timbaúba, de Olinda, aonde fôra com a madrinha tomar banho de mar para os nervos. Assistira lá á passagem do seculo:

Os morteiros estouravam doze horas, e o pharol illuminava a cidade com luzes de todas as côres.

Mentia-se muito nesses bate-bôcas innocentes. Vinham as discussões:

— A Parahyba botou bonde electrico primeiro que o Recife.

Era todo o orgulho dos parahybanos. Falaram tambem de outras vantagens:

— A musica de Policia da Parahyba é a melhor do Brasil.

Heitor, pernambucano, contava tantas grandezas de Recife, que a pobre Parahyba se escondia, de tão pequena. E com os nossos bonézinhos pretos andavamos a cidade inteira. Um premio que seu Maciel offerecia aos que tinham de manhã recebido a Nosso Senhor: a liberdade de sacudirmos as pernas á vontade.

X

O collegio estava vasio com as ferias da Semana Santa. Que caras felizes de libertos apresentavam os meninos nos dias em que se preparavam para saír ! No trem da Parahyba foram-se Vergara, José Augusto, os filhos de Simplicio Coelho. No de Recife, Heitor. Coruja no de Campina Grande. Despediu-se de mim de olhos humedecidos. Só eu sabia que não voltava mais. Tambem era só para mim que o amigo tivera aquelle abraço.

— Eu lhe escrevo, Carlos.

E foi-se. Ninguem naquelle collegio com a sua intelligencia, o seu coração de grande, a sua alma de moça. E não voltava mais. Os outros, o diabo que os levasse. Vergara, Pão-Duro, José Augusto, os Coelhos, Aurelio, todos poderiam

se despedaçar pelo mundo, que era o mesmo para mim. Coruja, não; apanhara por mim, olhava-me com attenção differente, dividia commigo as suas merendas. Um dia o safado do Pão-Duro me insinuava com aquella malicia ordinaria:

— Vocês dois estão trocando ?

Elles não podiam compreender que houvesse no mundo aquelle interesse de irmãos entre estranhos, aquella ternura, aquelle amor mesmo, de um menino por outro menino. E o director não me prohibia de falar com elle ? E' verdade que Coruja gostava mais de mim do que eu delle. Maria Luísa viera desviar os meus enthusiasmos. Mas sempre o meu amigo seria um previlegiado na minha affeição. E elle era um casto. Num banho de rio eu o vira ruborizado com o que os outros meninos faziam. Esculpiam elles no massapê molle das margens as figuras mais porcas deste mundo.

— Seu Vergara, acabe com isto, Deixe de safadeza, seu Heitor.

Era assim que repellia a semvergonhice dos collegas.

Uma occasião, não avistando Coruja nas proximidades, comecei a fazer-me de artista obsceno na beira do rio. De vista baixa, não vi que Coruja estava por perto. Quando olhei, vi-o espiando para a obra tristemente:

— Carlos, não faça isto.

E a voz doeu-me como uma reprimenda da tia Maria. Não quis olhar para o amigo que me surpreendera igual aos outros na porcaria.

E no trem de Campina Grande ia-se embora. Veio buscá-lo o pae, gordo, com aquelles mesmos olhos meúdos do filho. Falou tambem commigo:

— José João me escreve muito falando em você, — naquella mesma voz doce de Coruja.

Sozinho no collegio com Aurelio, o tempo não tinha mais fim. Aurelio era uma pobre besta que só abria a bôca para as necessidades de animal. Foram uns dez dias de um isolamento difficil de vencer. A sala vasia, os quartos com as camas-de-vento fechadas, na mesa de jantar — D. Emilia, o director e seu Coelho, como uma pequena familia cujos membros não se dessem, pois havia um silencio fechado do começo ao fim das refeições.

Uma surpresa espantosa deu-me nestes dias o seu Maciel. Nunca vi um homem mudar tanto. Humanizava-se com os seus alumnos em casa. Deviam ser assim na intimidade os domadores de féras. Aquella cara e aquelle chicote serviam somente para os seus encontros com os tigres e os leões. O velho era bem outro, como si se tivesse libertado de uma contrafacção de sua personalidade.

— Vá-se vestir, Carlos. Vamos para a igreja.

Chamava-me de Carlos. Aquelle duro grito de commando que eram as suas ordens ou os seus chamados, desappareceram. Levou-me para ver a feira, e comprou para mim umas frutas. Ia com elle para os passeios em casa de amigos, onde conversava cousas da politica de Pernambuco:

— O Dantas Barreto vae vencer o Rosa, não tenho duvidas.

Nem parecia o seu Maciel, o homem terrivel que me fazia tremer somente chamando pelo nome. Em casa ficava conversando com d. Emilia sobre factos da sua terra. E me pedia para levar recados:

— Carlos, vá á casa do Rezende e peça a "Provincia" de hontem.

Eu botava o chapéo, satisfeito com este recado. A casa de Maria Luísa ficava pertinho dali. Via-a na janella. Um dia criei coragem para lhe dizer umas palavras.

— Olhe mamãe !

E foi como si tivesse batido com a janela na cara. Depois da communhão a minha namorada não me olhava mais. Talvez fosse peccado o nosso amor de passaros captivos.

Seu Maciel lia em voz alta os telegrammas da "Provincia". Eu ficava por perto escutando a conversa delle com a mulher:

— O Rosa desta vez não se aguenta. O exercito está com o Dantas. O Marechal Hermes não vae deixar á tôa o seu ministro da guerra.

.Rosa, Dantas, Hermes — figuras mysteriosas para mim. Nunca ouvira falar em seus nomes. Havia no Santa Rosa um cachorro chamado Marechal. O nome, quem o botara fora o tio Juca, que era a favor de Rui Barbosa. E tambem havia num engenho outro cachorro chamado Rui Barbosa. Perguntei um dia a tio Juca quem era este Rui.

— E' o maior dos homens do Brasil. Vae ser presidente da Republica.

Mas eu não sabia o que era presidente da Republica. E o meu tio me ensinou:

— E' o homem que manda em todo o Brasil.

Agora, aquella conversa do director me fazia lembrar. Um dia o presidente do Brasil passara num trem enfeitado pelo engenho. Corremos todos para a beira da linha, dando vivas ao dr. Affonso Penna. Naquelle tempo o Brasil para mim não existia. O meu mundo, o meu país, tinha os seus limites nos limites do Santa Rosa. Que me importava o presidente da Republica ? Quem mandava em todos nós era o velho Zé Paulino. O povo do Pilar não lhe vinha fazer festas ? Levara-me certa vez o meu avô para a sua posse na Prefeitura. Na porta da casa da camara umas

moças sacudiam flores nelle, e o seu Lula fizera um discurso com um papel na mão, tremendo. Ouvia os homens chamando-o de chefe. E Chico Xavier levava livros para elle assignar, uns livros grandes com as contas da Prefeitura.

Agora no collegio eu já sabia de muita cousa. E quanto mais sabia, mais ia vendo que o velho Zé Paulino não era tão grande como eu pensava. Era bem pequeno o seu poder, comparado com o dos governadores e o dos presidentes. Uma occasião chegou não sei quem com um jornal da Parahyba atacando meu avô. Protegera elle no jury a um criminoso. E a folha falava disso com palavras asperas: "protector de bandidos". Era mais um limite que eu descobria para o poder do senhor de engenho do Santa Rosa. Nunca ouvira uma voz se levantar contra elle. Tinha-o como intangivel em suas resoluções e em suas ordens. E aquelle jornal com descomposturas ! Só podia ser mentira. Apesar desta convicção, a critica dos outros reduzia um bocado o meu senhor. Não deixava de me doer esta decepção que a vida me dava. O seu Maciel disse uma vez na aula:

— Você pensa que isto aqui é o engenho de seu avô ?

Um menino discutindo me gritou aos ouvidos:

— Moleque de bagaceira !

A conversa do director com d. Emilia se referia a gente que eu não conhecia: o Seabra, o Hermes, o Dantas. Gostava sempre de ouvir conversas dos mais velhos. E sem ter o que fazer, sentava-me escutando o director e a mulher. Os dias da Semana Santa corriam morosos. Na quinta-feira fomos aos actos da Igreja. O frade lavando os pés dos meninos e enxugando. Beijava-os depois. Parece que me rangia aos ouvidos a voz da velha Sinházinha:

— O padre Julio em Itambé beijava os pés dos pobres.

Não via pobres ali em Itabaiana. Reconhecia até dois meninos do collegio no meio dos outros. O padre Julio devia ser mais santo do que o frade louro e alto das missões.

Ficava com Aurelio no dormitorio, sozinho, com medo delle. E o somno demorava a chegar. Chegavam-me, porém, as minhas meditações desconcertadas. Tivera uma noticia de casa: a tia Maria estava no Santa Rosa para dar á luz. Tinha receio de que ella morresse de parto. Lembrava-me da tia Mercês tendo menino no engenho. A velha Alexandrina, a parteira, trancada no quarto com ella. O meu tio passeando no corredor com as mãos para trás, sem falar com ninguem. A casa grande no maior silencio. O povo andando nas pontinhas dos pés. E isto horas e horas, de curio-

sidade e de gemidos agoniados lá dentro. O velho Zé Paulino saía do engenho para não ouvir nada. Só o fossem chamar no fim de tudo. E este fim demorava. E a inquietação e o susto da cozinha á sala de visitas. De repente escutava-se um grito de allucinada: — Viva N. S. Jesus Christo ! — E o menino chorando, e todo o mundo como si lhe tivessem tirado dos pulsos ferros de torturas. — Graças a Deus — ouvia-se por toda parte. E o cheiro de alfazema rescendia pela casa toda. Seria tia Maria feliz assim ? Podia ser differente com ella. E emquanto o somno me abandonava, rondava com os meus pensamentos por longe.

Papafigo roncava. As corujas cortavam mortalhas pelo telhado. (Quando passavam assim pelo Santa Rosa, as negras diziam: — Vá agourar o diabo!). Os cachorros latiam pelos quintaes. E os morcegos dependurados na cumieira da casa desciam para os seus rapidos passeios de lado a lado; quando caíam no chão, não se levantavam mais, com aquellas asas de diabos rastejando. Temia que viessesm me chupar o sangue. E com medo de Aurelio, dos morcegos, das corujas e das dores do parto de minha tia, adormecia para somnos mais dolorosos que a vigilia.

De manhã seu Maciel não vinha bater na porta, como nos dias de aula. Acordava-se mais tarde, sem as preoccupações das lições erradas.

Não estava ali Felippe, o que não pagava nada no collegio porque servia para nos espiar, especie de policia que o velho punha nos nossos calcanhares. Podiamos ficar pela janela o dia todo. Via o povo passando para a igreja, mulheres de preto que acompanhavam de luto fechado os actos da semana santa.

Bem defronte do collegio havia uma castanheira. De manhã bem cedo corriamos para o chão, apanhando as castanholas maduras, roxas como fructos liturgicos. A's vezes as encontravamos roídas pelos morcegos. Pouco nos importavam estes concorrentes madrugadores Comiamos o resto que elles deixavam sem nojo de especie alguma. E que nojo a fome poderia ter ? Quebravamos assim o jejum, com as castanholas que travavam na bôca, arroxeando-nos os labios como os das mulheres pintadas. E o jejum do collegio não tinha pena da gente. Muito fóra da igreja o seu Maciel, mas para o jejum não havia ninguem mais de dentro. Comia-se uma bolacha ao café, e o almoço de uma hora da tarde nos deixava saír da mesa com fome. O velho Coelho protestava: quando morava em Recife, a sexta-feira da Paixão era o seu dia para comer carne. Passava a semana santa no bife.

— Aquillo é um hereje, dizia a negra Paula

horrorizada. Não sei como não cae um raio em cima daquelle homem.

Mas todo sacrilegio era em Recife. Na casa do genro seu Coelho beliscava a pouca comida que nos davam.

Ficava com raiva da igreja, de Deus, de todo o mundo, quando a fome me apertava. Nunca sentira fome. Ali no collegio fôra experimentar pela primeira vez a agonia de um estomago vasio num corpo são.

Ouvia, dantes, os pobres pedindo esmola:

— Uma esmolinha para matar a fome !

E pensava que aquillo fosse mais uma conversa dos mendigos, uma formula convencional para tocar o coração dos outros. Não podia avaliar o que queriam dizer aquelles olhos brilhantes, aquella lingua secca dos pobres que batiam nas portas com as mãos estiradas. Ouvia o meu avô falar da fome de 77. Mas no Santa Rosa a farinha e o mel-de-furo entretinham o povo nas seccas prolongadas. Não sabia o que era os retirantes caindo mortos pela estrada. Esta dolorosa realidade para mim era mesmo que os contos da Sinhá Totonha. Os sertanejos comiam gravatá crú, que chegava cortar a bôca. Escorria sangue da lingua cortada. Não acreditava. Via os mais pobres do engenho no bacalháu e na farinha secca, os moleques de barriga empinada sempre

mastigando qualquer cousa. E o sertão era o lugar mais longe do mundo para mim. Lá havia queijo por toda parte. Manuel Salviano trazia de umas fazendas do meu avô caçoás de couro carregados. Entupiam a dispensa. Mandavam presentes para os engenhos visinhos, os queijos minando manteiga nos embrulhos. Um dia o vaqueiro chegou num burro magro, côr de barro das caatingas:

— O gado morreu todo. Não ficou nem uma vacca pra semente.

— Mentira deste ladrão, dizia o velho Zé Paulino, porque nos seus cercados o pasto nunca se extinguira de vez.

— Seccão. O povo está morrendo pelas estradas. E' verdade, seu coronel. Só quem come naquellas bandas é urubú.

Ficava pensando em como se poderia morrer de fome, si não era mesmo mentira do vaqueiro Salviano.

O jejum do collegio vinha-me instruir a respeito de fome, de pobres, de seccas. Sabia agora porque os sertanejos cortavam a bôca com gravatá, porque caíam pelos caminhos os retirantes, e de que morerra o gado do meu avô.

O velho Maciel estava outro para a gente. A palmatoria entrara em férias tambem. Mas parece que elle ficara com o jejum para nos castigar.

O peor é que não era contra elle que me revoltava. Virava-me contra o pobre do Christo que se enchera de pregos na mão, se deixara lancear de lado a lado, para nos salvar. E' monstruoso confessar: na sexta-feira santa blasphemei como um bebado contra Deus. Mas si estava peor do que bebado, si estava com fome ! Nós tinhamos voltado da igreja á noitinha. Assistira ao acto inteiro com suores frios, os joelhos doendo, a cabeça tonta. O jejum não me servira para mortificações, para me elevar a Deus com o espirito. Não: elle me revoltava, me aproximava mais ainda das minhas fraquezas. Era um impaciente, que não supportava a menor restricção ás suas precisões. E quando olhei para a sala de jantar, que não vi a mesa prompta, veio-me logo a certeza de que não se comia mais naquella noite. Na cozinha o fogão apagado, a negra Paula na igreja.

Fui para a cama porque não me aguentava mais nas pernas. O medo de uma vertigem me preoccupava. Vira o Aurelio verde na igreja, caindo. Sempre tivera medo de perder os sentidos. E no meio somno, entre acordado e dormindo, fiquei esperando a hora da ceia. Na cama arrependi-me dos meus arrancos de raiva. Peccara grosseiramente. Num dia daquelles, tão grande, offender a N. Senhor ! O que seria a minha fome em relação ao sacrificio de Jesus, surrado, pin-

gando sangue pelo caminho do Calvario, o coração atravessado de lado a lado e a cabeça para um canto, pendida pelo peso das dores ! Tive medo, ali no quarto, sozinho, de um castigo. A cumieira podia cair em cima de mim; podia morrer ali mesmo, como um bicho, em peccado mortal. Não pensava mais em comer. Saltei da cama para fóra num impeto. E a mesa de jantar com os pratos e o feijão de côco e o bacalháu da quaresma para satisfazer ao sybarita incontentado. Mas tinha aprendido muita cousa sobre fome.

XI

Viera uma negra trabalhar na cozinha com Paula. Dizia que era de Recife, e sabia historias para contar, historias de feitiçarias de brancos castigados. A bexiga estava dando na rua do Crespo. Uma familia rica mudou-se logo para outra rua. E a bexiga chegou lá. Correram para Beberibe, e quando mandaram a criada pedir uma cousa emprestada á vizinhança, ella encontrou um bexiguento na secca. A familia, como doida, foi para Olinda. No caminho vinha numa rêde um outro largando os pedaços. — A dona da casa tinha dito que bexiga só dava em gente pobre. E para onde elles iam a peste se damnava atrás. Na familia não ficou um vivo. A taboca comeu tudo. "Os brancos teem muita soberba."

As historias de feitiçarias arrepiavam. Uma branca dava numa negra com malvadez. A pobre

fazia tudo na casa: cozinhava, lavava, tomava conta dos meninos. E a dona com o couro sempre nas costas della. Ensinaram á negra que fosse ao catimbó. O mestre fez umas rezas. Deu o santo nella no meio da sala. Caiu estrebuchando no chão como cachorro doente, babando raiva. E a dona da casa começou a murchar. Murchou logo a mão da correia. Murcharam as pernas, depois. Andava pela mão dos outros. Foi a tudo que era medico. A cara parecia um maracujá maduro. Morreu beijando os pés da negra, pedindo perdão.

Contava tambem a historia do Barão de Nazareth. O Barão nasceu na pobreza. Ficou rico vendendo negro. Os negros da Costa chegavam encommendados a elle. Foi no começo capitão do mato. Caçava escravo fugido com cachorro. Era mesmo que bicho para elle. Foi indo, foi indo, até que enricou. Tinha um palacio no Recife. Os filhos, quando nasciam, se banhavam em bacia de ouro. Só saía pra rua em carruagem. "Vi elle uma vez no pateo do Terço, no carro. Parecia que carregava o rei na barriga. Deus é grande." O desgraçado juntara dinheiro na compra de negros. Fizera muita desgraça no mundo. Nasceu uma ferida na boca delle, que comeu o rosto todo. Bebia agua num bule, e a unica comida que aguentava era leite. E foi-se para trás, se

atrasando, e terminou pedindo esmola pelas portas. A familia nem quis saber mais delle. Só um escravo ficou com o infeliz até a morte.

O diabo da negra me arrastava para a cozinha, e emquanto lavava os pratos ia batendo com a lingua, contando os seus casos. Em tudo mostrava o seu odio aos brancos. Como era differente das negras do Santa Rosa, — da vovó Galdina, da tia Generosa, para quem os seus brancos eram as melhores cousas do mundo! No Recife era assim: os negros botavam feitiço nos senhores, a bexiga matava as familias ricas.

— Vá lá pra fóra, seu Carlinhos, dizia a negra Paula. Deixe sinhá Francisca trabalhar.

— Elle não está me empatando.

E continuava as suas historias de casas malassombradas, de senhores de engenho pagando os seus peccados neste mundo. A mãe della fôra escrava do velho Suassuna do Pombal. A casa delle ainda estava de pé para se ver. A senzala parecia solitaria de soldado. Aquelle tambem o diabo o levara. Eu lhe perguntava si tambem tinha sido escrava:

— Deus me defenda! Eu peguei o ventre livre.

— Que diabo é ventre livre, sinhá Francisca ?

— Não sabe não ? Branco deve saber tudo.

Quer dizer que eu nasci livre, menino. A lei mandava que as negras não podiam mais parir captivos.

O velho Maciel passava e me mandava saír da cozinha:

— Não quero menino na cozinha.

E saía apanhando os papeis que encontrava pelo chão. O director tinha a mania da limpeza na casa. Não podia ver um cisco qualquer, que não se abaixasse para apanhar. E era sempre uma briga com os criados e com a mulher quando botava as mãos em cima de um movel com poeira Tanto luxo com os moveis e a casa, e no entanto nos deixava na maior immundicie. Os pannos da cama passavam meses sem se lavar. E os percevejos engordavam no nosso lombo. Banho duas vezes na semana. De cuia, quando não iamos ao rio. O sabão estava na agua salobra da cacimba, e os piolhos multiplicavam-se nas nossas cabeças. Era só coçar os cabellos com força, e elles caíam em cima dos livros abertos, nas horas de de aulas. Apostava-se com o numero de mortos:

— Matei vinte hoje.

Estalava-se na ponta das unhas os bichinhos gordinhos. Nos que dormiam em rêde os persevejos faziam gymnastica pelos punhos, fedorentos, immundos, mas com os quaes nos habituavamos a dormir. Os lençóes se tingiam do sangue

dos que morriam de accidentes com as reviravoltas que davamos na cama. Ás vezes escaldavam as camas de vento no quintal. Ficavam ellas de pernas para o ar, para a matança dos bichos, que se escondiam até da agua fervente. O pescoço da gente criava lodo. Mas sujassemos a roupa antes do dia marcado, que o bôlo lembraria ao pobre que o sabão do director custava dinheiro. Os pannos da cama de Aurelio fediam, dizia-se lá. Mas qual de nós estaria livre do mau cheiro dos cobertores de meses ? E ninguem caía doente. O clima da terra talvez que ajudasse a seu Maciel no seu desleixo. Aos domingos e ás terças, depois do banho, engraxavamos as botinas. Elle queria ver os seus meninos de roupa escovada e sapatos limpos.

Sozinho no collegio, podia tomar banho todos os dias. Trancava-me no banheiro um tempão. A agua me trazia essa vontade de recolhimento. Era o medo da agua fria que me deixava nú a pensar na vida, isolado da gente de fóra, nessa attitude primaria de animal. O diabo pegava-me desprevenido em taes momentos. As recordações da negra Luísa e da Zefa Cajá ficavam ali, deante do tanque. E nem o medo de Deus, que estava em toda a parte, me salvava das deleitações libidinosas. Limpava o corpo, tirava o lodo do meu pescoço, embora ficasse de alma encardida.

XII

A negra Paula tinha sempre um menino preferido para os seus agrados. Botava mais cousas no prato delle, na mesa. Na merenda havia para o seu eleito sempre uma novidade: um pedaço de pão com queijo, uma banana a mais. Namorava assim a negra. Era uma forte: repellia as impertinencias de seu Coelho, e quando o velho Maciel saía-se com os seus gritos, só fazia dizer:

— Quero ir embora. Só estou aqui por causa de Mila.

E o director, que mandava em nós todos como um despota cedia ás ameaças de Paula.

Seu Coelho uma vez andou se botando para ella. E foi quasi um escandalo no collegio. A preta gritou, chamou-o de "velho que não se dava a respeito". Mas tinha namoro com os meninos.

No começo era com José Augusto, nuns agrados interessados demais. Zé Augusto era um molle. E ella passou-se para outro mais decidido, um dos que moravam no quartinho dos grandes. Chico Vergara me disse uma vez:

— A negra está fazendo safadeza com João Cancio.

De facto, João Cancio andava passando de principe: tapioca, mangas, pedaços de carne maiores no almoço, cocadas. A negra gostava de homens com força para o amor. Eu, porém, não acreditava em Chico Vergara.

Agora, sozinho no collegio, num dia em que estava trancado no banheiro, bateram de vagar na porta:

— Abra, Carlos.

Perguntei quem era.

Sou eu, abra.

E o diabo me visitou ali em carne e osso. O Povo tinha saído.

Comecei então a comer melhor. A negra Paula me elegera para o seu coração. Era agora o favorito daquella Catharina Segunda de tachos e panelas. E quando o director saía de tarde, me chamando, eu não queria ir. D. Emilia ia com elle. E o amor ficava me ensinado a crescer, a ficar homem de verdade. A negra tinha o mal dentro. Uma, duas, três vezes, me levava para

fóra deste mundo, nos arrancos de sua vigorosa animalidade. Depois eu pegava a pensar o que diria Deus de tanto peccado.

Luísa, Zefa Cajá, negra Paula. o diabo deu a vocês três uns poderes a que eu não sabia resistir. O mundo aonde vocês me levavam era um canto bem differente da terra das minhas magoas e dos meus desconsolos. Mas é que essas viagens perigosas deixavam-me o corpo molle, como si tivesse andado caminhadas de leguas. Um corpo lasso de velho e as mãos tremendo. E ainda afundado na minha melancolia. Negras que me ensinaram a amar, bem cedo vocês me instruiram no que havia de precario e de amargo no amor.

Sinhá Francisca parece que desconfiava da historia.

— Olha o teu menino, Paula, disse uma vez na cozinha.

— Meu não, teu, respondeu a negra, disfarçando a ruindade.

Foram passados assim, entre Deus e o diabo, os dias de minha quaresma. Mais com o demonio, que se mostrava para mim nos dentes brancos e nas boas carnes da negra Paula. Deus ficava ainda de longe, bem de longe, no medo de que a cumieira caísse sobre a minha cabeça, na longinqua desconfiança dos castigos.

No sabbado de Alleluia, porém, o remorso me pegou de geito. Falava-se de Jesus Christo, que no domingo resuscitaria. Era como si fosse uma tragedia daquelle dia. Dizia-se :

— Hontem elle estava soffrendo, amanhã resuscitará.

Isto com uma convicção de quem se referisse a um facto a se desenrolar aos nossos olhos. O Calvario parecia ficar mais perto que os Altos Curraes. E esta certeza da morte do Deus feito homem e da sua resurreição dos mortos me abalava da lama em que estava. Voltava-me o temor de morrer em peccado mortal. E depois da confissão já pesavam nas minhas costas tantas miserias ! Podia mesmo amanhecer estirado na cama, com a alma ardendo nos infernos !

XIII

Fui a seu Maciel.

— Professor, queria ir me confessar.

— O que? Confessar-se ? Não quero carolas aqui! Esta é boa! Era só o que faltava no meu collegio: um jesuita! Bôa esta! Um beato querendo viver nos pés dos padres! E' melhor que o senhor cuide de suas lições. Segunda-feira abro as aulas.

Sentia-se que elle falava das aulas com certa saudade. Aquellas palavras eram mesmo de quem ansiava pela meninada debaixo do seu terror. Quarenta annos de ensino diario faziam de sua escola o seu theatro. Não se lastimava, como os outros, desejando as férias como um repouso. A sua estação de cura elle a fazia tomando lições, botando de castigo, dando bôlo.

— Só me sinto bem no trabalho, dizia nas conversas.

E por isto fechava o collegio em dezembro e abria em janeiro.

Mas o judeu tinha orgulho de sua obra. Falava com vaidade dos alumnos que brilhavam lá fóra; citava o nome deles nas aulas:

— Está ahi o Octavio, o melhor alumno do Diocesano, o Oscar Lyra, o Silvino, o Manoel Florentino. Chegaram aqui sem saber nada. Hoje me honram em qualquer parte.

Gostava de botar os outros para a frente. Os seus processos, porém, seriam cirurgicos demais. Amputava tudo com dor, embora ás vezes a amputação fosse um crime. Os anesthesicos não existiam para esse flagellador de meninos. A palmatoria era a sua vara de condão; com ella movia o seu mundo. Pensava corrigir e illuminar com pedaço de pau os que lhe chegavam ás mãos para serem moldados a seu geito.

XIV

Começavam a chegar os meninos das ferias. Pareciam outros: com oito dias voltavam gordos e queimados. O primeiro que appareceu foi Vergara. Entrou triste, com um embrulho debaixo do braço. Viera sozinho no trem, com cara de quem tivesse sido apanhado outra vez para a gaiola. Ficou pelo quarto guardando o que trouxera. Deu-me uns tarecos para comer, e contou muita historia. No armazem do pae vira um negro morrer com um sacco de carne do Ceará na cabeça.

— Quando se viu foi elle esticado no chão, botando sangue pela bôca.

Estivera num engenho em Santa Rita. O engenho do pae delle só fazia aguardente.

— Aquillo não é engenho. dizia-lhe eu. Engenho é o que faz assucar.

— Eu vi a usina Cumbe. O assucar lá sae branco. Usina, sim, que é bonito pra se ver. Você nunca viu usina.

Ouvira falar das usinas pelos moradores que voltavam da de Goyana. Quando elle me dizia que as moendas puxavam a canna numa esteira, eu me espantava. Via no engenho os negros tombando canna, feixe por feixe. Na usina a esteira puxava para a moenda, sem ninguem empurrar. Era só sacudir a canna em cima. Si caísse até gente, a moenda engulia. Me encantava a noticia dessa engrenagem das usinas. Pensava nos trens, nas machinazinhas de brinquedo, puxando vagões de canna por dentro dos partidos.

— Assucar de usina é limpo, contava Vergara. Os trabalhadores não botam os pés nelle, como nos engenhos.

A verdade é que as usinas já estavam ali para humilhar os banguês do meu avô.

Depois de Vergara, chegou Pão-Duro, da Guarita. Só falava na riqueza do pae:

— Meu pae está fazendo uma casa nova pra morar. Mandou buscar um pintor da Parahyba.

Era a empafia que entrava outra vez no collegio. Mas ninguem lhe dava importancia. Os seus queijos, as suas fructas, o seu pae, nós os eliminavamos dos nossos desejos e das nossas admirações.

— Eu vi teu pae terça-feira com uma boiada. Elle passou aqui no collegio no meio dos tangerinos.

Pão-Duro se encolheu todo, como si um choque qualquer lhe provocasse aquelle retrahimento. Lembrava os emboás de mil pernas: iam andando soberbos, porém mal a gente os tocava, encolhiam-se numa roda feia. Tinha vergonha do pae, elle que falva tanto na sua riqueza. Um cachorro esse Pão-Duro. No "Coração" havia um como elle, que não gostava de andar com o Focinho de Lebre, para não sujar a roupa de barro.

No trem da Parahyba vieram os filhos do Simplicio Coelho, todos desconsolados, com a saudade dos dez dias de Sapé se exasperando. O mais moço chorava.

— O que é isto, Tonhinho? lhe dizia, agradando-o, D. Emilia.

Chegou Heitor de Timbaúba. Só se occupava do tio, que agora era o prefeito de lá. Rosa caíra. Sabia de historias de politicos, de versos. Meu tio Lourenço não era mais nada em Timbaúba, dizia elle. Luís Dantas, dr. Braulio, negro Zé Victor se mudaram de lá.

Foi uma picada na minha memoria. Heitor falara do velho Zé Victor, o grande amigo dos meninos do Santa Rosa. Elle ia pelo S. Pedro aos anniversarios do meu avô, levando para a gente

caixas e caixas de fogos. Um mulato gordo e alto, de cabeça raspada, mas com as barbas todas brancas: um papae Noel crioulo que nós todos amavamos. Vinha para vender tecidos ao povo da festa e frascos de homeopathia. Voltava dos engenhos vizinhos quasi não se aprumando no cavallo. Diziam que por lá lhe davam bebida para lhe comprar as cousas mais barato. Era um bebado engraçado, dando grito em todo mundo. Botava-se no quarto delle uma bacia para os vomitos. E dava berros de fazer pena.

— Eu conheço seu Zé Victor, Heitor.

— Eu tambem.

E cantava commigo uns versos que terminavam assim:

> Lá vem o negro Zé Victor,
> Com o Symphronio nas cacundas.

Referia-se ás corridas que os dantistas deram nos do outro lado. Heitor, coitado, tinha coisas mais tristes para contar: a madrinha delle endoidecera. Fôra para o asylo num carro especial todo fechado.

— Ella batia nas grades do vagão de fazer pena. O meu pae, irmão della, está lá tambem.

Era o dono do engenho Serra-Azul. E Heitor contava cousas mais tristes ainda:

— O meu pae foi pro Recife amarrado de corda. Ficou doido. Um dia quis parar a roda dagua do engenho com as mãos.

O pae doido e a tia doida. O meu no asylo e o meu nome Doidinho. Era uma ferida velha que se rasgava ali sem eu esperar. Para que Heitor me fizera aquellas confidencias? Uma temperatura de abaixo de zero caía por dentro de mim. Doido o pae, doida a madrinha. O meu pae doido, o meu nome Doidinho! O resto do recreio eu passei longe dos meninos, calado, com a roda das minhas cogitações rodando á força daquellas sombrias historias .

Sentia doenças imaginarias. Mal me contavam de uma molestia, começava a soffrer symptomas, a pedir remedios para isto, para aquillo. Ali no collegio seu Coelho era o medico; dava doses até para gente de fóra. Agora aquellas sombras sinistras dos meus dias cinzentos do Santa Rosa estavam outra vez na minha frente, somente porque Heitor batera demais com a lingua. Fui para a cama pensando no meu pae.

— Esta molestia é de familia, dizia seu Coelho não sei sobre quem.

Sim, existiam familias com o destino marcado com doenças, com males particulares distinguindo-as das outras. Familias de tisicos, de lazaros, as que soffriam do coração, as que davam

doidos para os asylos. Por que me botaram os collegas aquella appellido? Era um agitado, falava sozinho á noite, não parava num lugar, me tremiaim as mãos quando pegava as cousas.

— Doidinho hoje está na lua, diziam elles querendo me aperrear, quando me viam mais nervoso que nos outros dias.

Outras vezes me machucavam assim:

— Hoje é lua nova. Doidinho hoje corre.

Aquillo tudo eu ouvia sem ligar. Heitor de repente rompera o equilibrio de minha vida. Iriam me offender de ora por deante as brincadeiras dos meus collegas.

Havia no collegio outro menino com o pae doente da cabeça. Magrinho, elle era assim como eu, agitado, impaciente. O pae andava solto. Alto, muito alto mesmo, e de barbas pretas, compridas. Sempre á noitinha uns uivos de dor, umas lamentações de quem estivesse em supplicio, deixavam a cidadezinha impressionada. Quem em Itabaiana não cruzava os talheres na hora da ceia para deixar passar aquelle brado angustiado de soffrimento que furava a noite como um mau presagio? Era o pae de Fausto, que morava na casinha do jardim publico, urinando. Tinha o pobre pedras na bexiga. Via-o de olhar para um canto ao passar sacudindo os braços nervosamente. Era um andar certo de quem vae para um lugar determinado;

mas elle não ia para parte nenhuma. Chegava no fim da rua, e voltava com pressa, parecendo que se esquecera de qualquer cousa. E era assim, para baixo e para cima, neste vae-vem, horas seguidas. Tinha um chapéo alto e preto na cabeça, e não falava com ninguem. Porém todas as bôcas da noite, como um relogio sinistro que désse as suas horas em lamentações desesperadas, gritava, infallivelmente, o pobre pae de Fausto. E a gente que tomava o seu café com pão, a boa gente de Itabaiana, os que felizes, haviam sem duvida de reflectir, aquella hora alegre de familia, na advertencia cruel de Deus. Quando o ouvia, era como si alguem me chamasse a attenção para mim mesmo: — Olha, menino, o teu pae é um doido como aquelle, um doido peor porque não pode andar solto. O teu pae está como o de Heitor, batendo nas grades da Tamarineira. Podes ficar assim como elle.

Dormia com este martellar impertinente na cabeça. A's vezes o homem gritava a noite toda. Ouvia reclamações:

— Aquillo é um absurdo! o pae de Fausto não deixou ninguem dormir. A lua apertou hontem.

Parecia que se referiam a meu pae. Sentia eu proprio a reclamação, como um filho de doido queera. Bom para Heitor e para Fausto. Queria

ser como elles, indifferentes á sorte dos paes. Heitor chega gostava de contar a sua historia a todo o mundo.

— Heitor, como foi que teu pae endoidou ?

E lá vinha o homem querendo parar a roda do engenho moendo, a roda dagua, com as mãos. Invejava esta insensibilidade, este não saber das cousas, do meu collega. Compreendi até que elle se sentia orgulhoso da doença do pae. E os meninos diziam — "o pae de Heitor é doido" — no tom de quem annunciasse uma particularidade de engrandecer. Era o mesmo que dizerem: — "O avô de Doidinho tem nove engenhos", ou "o pae do Vergara é o homem mais rico da Parahyba." — E Heitor, com aquelles olhos enormes que tinha, saltitando, bem satisfeito com as referencias. Melhor assim, porque pelo menos as suas noites eram de somno profundo, sem a agitação das minhas noites de meditativo.

Não ficaram, porém, ahi as minhas magoas. José Augusto chegara de casa para me atormentar. Trazia na ponta da lingua a historia do meu pae e da minha mãe, e contou aos outros. Até aquelle dia a minha familia para o collegio era o meu avô. Quando os meninos se referiam á historia de seus paes: — meu pae disse isto, meu pae fez aquillo, — eu botava logo o velho Zé Paulino na frente. Toda essa importancia iria desa-

parecer com a chegada de Zé Augusto. Ouvira em casa o que os seus sabiam da minha gente.

— O pae de Doidinho matou a mãe delle, — affirmou no recreio sem maldade alguma, somente para se mostrar aos outros.

Foi um choque rude para mim. Criaram-me em casa escondendo-me a tragedia de meus começos. Punham-me de longe, sem uma palavra sobre minha desgraça. Não falavam da morte de minha mãe na minha frente, não se referiam a meu pae a proposito de cousa nenhuma. Lembrava-me delle. Sentia uma pungente saudade della. A minha memoria fugia até o dia em que a vi estendida no chão e o meu pae me abraçando. Mas isto era commigo só, na intimidade das minhas recordações. Commigo ninguem nunca trocara palavras sobre estas cousas tristes. Nunca tiveram a coragem de bulir na ferida. Zé Augusto, sem querer, mettera os dedos por dentro dessas chagas. Deixou-me sangrando.

— O pae de Doidinho matou a mãe delle.

Foi o mesmo que se tivessem descoberto ali, á vista de todos, a maior das vergonhas. E de repente, como si a torrente de minhas lagrimas se desencadeasse, não pude conter um chôro convulso. Nem no primeiro dia de aula, quando apanhei, nem naquella surra da velha Sinházinha,

o pranto me chegou com tal desespero, que me tapava a garganta.

— Quem buliu com este menino? perguntou seu Coelho, todo em compaixão.

— Ninguem. Foi seu Zé Augusto que disse que o pae delle matou a mãe.

— Seu cachorro, isto é cousa que se diga em recreio?

— Eu disse sem querer, seu Coelho.

— Passe-se lá para dentro. O Maciel precisa saber disto.

Não tinha raiva de Zé Augusto. Aquelle impulso que me fizera sacudir os pés em Pão-Duro não me arrastava a lhe querer mal. O meu chôro era de dor, de vergonha da descoberta humilhante na frente dos collegas. O velho Coelho me chamou para perto delle.

— Venha cá, menino. Me junte estes frascos que tem ahi pelo chão.

Elle queria ver si me consolava com aquelle trabalho que era uma especie de honra entre nós: lavar os frascos em que passava as suas doses. Fui para o tanque lavar as vasilhas de seu Coelho, e no silencio do banheiro as minhas lagrimas brotavam sem parar. Depois o velho chegou-se para mim:

— Ainda está chorando, menino?

Não podia falar.

— Deixe de besteira! Você não tem culpa de nada.

Não era porque tivesse culpa que eu chorava. E me abri com o velho: agora os collegas tomariam conta de mim; falariam de meu pae em toda a parte.

— Não se importe. O primeiro que lhe tocar nisso, me chame; puxo-lhe as orelhas. Essas cousas não são para brincadeiras. Você, doravante. fica-me lavando estes frascos.

Quando voltei para o recreio, os meninos me olhavam com pena. Elles, que fugiam dos castigados, dos opprimidos do professor Maciel, se tocavam daquella maneira com o triste destino da minha gente. Deviam-me considerar muito infeliz, para aquella commiseração de olhos compridos. Mangavam do pae de Pão-Duro, da mãe de Lycurgo, que era rapariga, contavam a prisão do velho Calheiros; mas o pae de Carlos de Mello fôra desgraçado demais, e tinham pena do filho, do Doidinho, que não fazia, como Heitor, um romance da doença do pae. E' que ha dores que são mais fortes que a propria impiedade dos meninos.

Mas isto não me pensava as feridas abertas. Eu estava entre elles como um que não podia levantar a voz, que não tinha em casa um pae para competir com os delles. O velho Zé Paulino seria um substituto poderoso, cheio de dignidade,

porém não me salvaria do opprobrio de um pae assassino. Tanto que me enchera de orgulho ao mostrar aos camaradas o meu avô, de correntão de ouro e de chapéo do Chile, levando-me para a feira! Ou então a dizer-lhes: — o meu avô tem tantas cabeças de boi, o Santa Rosa faz tantos pães de assucar! — Si lhes fosse falar agora, dessas grandezas, em confronto com a grandeza dos outros, poderiam me replicar victoriosamente: — Mas o teu pae matou a tua mãe; é um assassino. — Porém meu pae não era um criminoso: matou sem peccado, porque perdera o juizo. E os loucos não iam para o céo ? Nunca que comprehendessem assim os meus collegas. Toda aquella piedade seria somente para o primeiro dia, o da revelação. Mais tarde me sacudiriam na cara a vergonha afrontosa.

XV

O director começava a mudar. Aos poucos ia perdendo a cara mais humana dos dias da semana santa. Com o collegio cheio, parecia outro, o mesmo seu Maciel das aulas de outrora. Ainda no dia da chegada de Vergara fizera-lhe umas perguntas engraçadas. A cara, porém, estava se fechando aos poucos.

Interessante este homem, a quem a funcção exigia uma personalidade differente da sua propria. Recuperava dessa maneira a sua odiosa physionomia de tyranno, de cruel extirpador de vontades, de amansador impiedoso de impulsos os mais naturaes. Não era possivel que não soffresse com o seu desejo de se mostrar outro. Mas não; elle gostava mesmo de dar, porque os menores pretextos lhe serviam para as corrigendas de

bôlo. Talvez que fossem as exigencias de seu methodo, as regras de ensinar de sua escola.

Na Parahyba era prohibido dar de palmatoria, e isto mesmo porque o governo não sabia. Não havia governo para o professor Maciel. Quando lhe botavam os meninos no collegio, prevenia aos paes:

— Castigo os alumnos.

Só acceitava assim. Ao contrario, passasse a outro.

Os meninos chegavam de casa falando já nas ferias de S. João. Faltam sessenta dias, oito terças, oito domingos. A saudade de casa forçava-lhes os calculos. Dos internos só faltava mesmo Coruja. Tinham entrado dois novatos: Clovis, um menino de dez annos, e Elias, de dezoito, meu primo, filho do coronel Manuel Gomes, do Riachão. Clovis era da Parahyba, de um pae rico, e viera cheio de luxo, de recommendações a D. Emilia. Vimos quando chegou, todo em roupa fina de casemira, com uma mala de couro bonita e uma cama de ferro com cortinado. O pae, todo cheio de mesuras, falava com o director:

— E' uma creança muito debil, professor. Recommendo ao senhor toda a cautela. E' muito docil.

E o menino piscando os olhos, perto delle. O pae beijou-o na saída. E houve chôro, como

sempre. D. Emilia, porém, ficou com o pequeno, agradando. Com dez annos, e já na grade comnosco! Só quem não tinha mãe. E não tinha mesmo não. O pae casara-se naquelles dias em segundas nupcias. E nada para um casal assim em lua de mel como os meninos no internato. Elle beijou o menino não sei quantas vezes. Nunca pae de ninguem ali beijava os filhos. Eram uma cousa nova para mim estas caricias tão ternas. Os matutos que deixavam os seus meninos no collegio podiam ir de coração partindo de saudade, mas se mantinham a distancia, davam a mão para o beijo filial, e saíam fazendo recommendações de severidade para com elles. O pae de Clovis inaugurava ali as beijocas em publico.

Lembrei-me do meu pae quando o vi aos beijos com o filho. O meu gostava de acariciar com aquella violencia. Uma porção de vezes me abraçava, como si fosse a ultima occasião que tivesse para isto.

Clovis seria o menor dos internos. Com dez annos eu corria o Santa Rosa, mais livre do que um bicho. O bolo do seu Maciel iria amoldá-lo a seu geito e semelhança. Vinha bem cedo para a disciplina malvada do collegio.

O menino estava ainda mudando. Os dentes da frente, maiores do que os outros, davam-lhe uma apparencia de porquinho da India. E cho-

rava fino, num fio de voz, dando evasão ás suas saudades de casa num pranto miudo, bem differente daquelle meu choro convulso. Tive muita pena delle neste primeiro dia de internato. Lembro-me como si fosse hoje da recepção alegre que lhe fizemos, do bom tratamento que lhe demos todos nós. Trazia brinquedos para o collegio: entre elles um trem de correr na linha com uma machina que trabalhava a alcool. Fomos ver as suas cousas na mala.

— Que estão os senhores fazendo ahi? perguntou seu Maciel, approximando-se do grupo. — Brinquedos, aqui? Dê-me. O collegio é para estudos. As brincadeiras ficam em casa.

E tomou tudo o que Clovis trazia: o trem de ferro e um livro de estampas grandes.

— Nos dias em que não houver aula o senhor me peça para brincar.

O menino olhou para elle:

— Papae disse que eu podia brincar no collegio.

— O seu pae manda na casa delle.

E saiu firme e calmo, como si não tivesse esmagado a seus pés as illusões de um que chegava pensando que o collegio fosse outra cousa. Então o menino começou a fazer biquinho para chorar. Heitor deu-lhe uma castanhola madura. E eu comecei a inventar historias para elle. O

choro passou. E ficou comnosco, bem alegre, até a hora em que fomos jantar.

— Venha para perto de mim, Clovis.

D. Emilia chamava-o para junto della.

— Quero ver o que você come. Seu pae me disse que você é muito biqueiro.

Clovis sentou-se junto de D. Emilia, toda em cuidados, passando a mão pelos cabellos bonitos delle.

— O senhor precisa cortar esses cabellos de Chiquinho. Vou mandá-lo amanhã ao cabelleireiro.

O director pensava em estraçalhar aquelles dez annos que lhe caíam nas garras. Começava pelos cabellos com franjinha na testa, e terminaria inchando as mãos de bolos, como a nós outros. Talvez os gaviões não despennassem assim os pobres passarinhos de suas rapinas.

O outro era Elias, isolado para um canto, sem querer conversas com ninguem. Olhava para o chão como um doido. O pae viera deixá-lo no collegio. Um velho barbado, de fala preguiçosa, falando errado:

— O menino é estouvado, seu mestre. Genista. Puxe por elle.

Tinha vindo com um palito na bôca, e cuspia no chão.

Elias não se deixou abordar. Rispido, ao

chegarmos para perto delle eriçava-se todo, como um porco espinho. Tambem o abandonámos na sala, sozinho, com a saudade das suas capoeiras e dos seus cercados. Heitor foi lhe dizer umas cousas, e elle deu-lhe as costas, asperamente, sem uma palavra, trincando os dentes. O director chamou-o, e mal se moveu na cadeira. Chamou a segunda vez, até que elle se levantou, com as calças no meio das canelas, e o palitó comprido, num andar de alguem a quem as botinas estivessem fazendo mal. Era um grangazá com barba na cara. Ia, porém, para o mesmo livro do Clovis.

Lembrava-me delle quando passava no engenho com o pae e os irmãos maiores. Havia um de hombros sungados, piando a vida toda com um puxado chronico. E este Elias e mais outros. Chegavam no Santa Rosa de botas e faca de ponta no collete, como gente grande.

O velho Mané Gomes soffria criticas medonhas dos outros senhores de engenho. As terras delle ficavam na caatinga. Vivia differente da maior parte. Numa vida sem fartura, de tacanho, com os filhos criados como os seus animaes nos cercados. Nunca botara um na escola. Os outros levavam muito em conta essa historia de mandar os filhos para a escola, pensando somente que era o be-a-bá que fazia os homens mais alguma coisa do que elles. E gastavam fortunas

com os filhos em collegios e em faculdades. Enchiam-se desse orgulho de fazer doutores. Manuel Gomes não ia com isto. Criava os meninos no bacalhau e farinha, no mesmo nivel de seus moradores. Chamavam-no de camumbembe, ao bom velho, humilde, que junto de meu avô parecia um servo, de falar com tanto respeito para um seu igual.

Agora, depois de tanto tempo, elle estava mandando os seus filhos para o collegio. Chegava ali Elias para amansar. Tinha as mãos de trabalhador. E quando foi para a mesa comer, não sabia usar o talher. D. Emilia o ensinou a pegar, empurrando-lhe os dedos duros para o geito de manobrar o garfo e a faca. Aquillo seria um escandalo no collegio. Um bicho daquelle tamanho mais atrasado do que o Clovis, com os dentes immundos, botando a faca na boca, e que nunca tinha andado de trem!

XVI

Reiniciavam-se as aulas com o mesmo rythmo de antes das férias. Nem todos tinham chegado. Havia externos faltando. O velho Maciel falava destes com ironia:

— Estão fraquinhos! Já sabem muito!

E invectivava:

— Vão voltar uns ignorantaços.

Queria o viveiro cheio, bem cheio, que nem se pudesse abrir as asas á vontade.

Maria Luísa não voltara tambem. O irmão desde o primeiro dia estava comnosco. Ella, não. Eu olhava para elle, vendo a irmã na sua cara, nos seus cabellos anelados. Chamava-se Miguel, e ficara-me querendo bem desde o dia da carta que mandei por elle ao correio. Eu não disse a seu Maciel quem fora o portador. E sem Maria

Luísa na aula, desviava-me do meu "Coração" para olhá-lo. Era a cara da irmã, com os mesmos olhos grandes e a cor morena do seu rosto.

Desde que começaram as aulas não apanhara ainda. Três dias sem um castigo fulminante. As ferias me trouxeram esse progresso. O director distrahia as suas furias com os novatos. O pobre do Clovis fazia o seu aprendizado. Coitado! No primeiro bolo que lhe estourou nas mãos mijou-se todo. Caiu no chão esperneando, como menino com má-criação. D. Emilia correu para elle, cheia de pena sincera:

— Não faça isto, Maciel. E' demais.

E levou-o lá para dentro, com a mão por cima da cabeça delle. Aquillo me revoltou.

Elias dava lição no primeiro livro, ás apalpadelas: — A-P-A, apá, E-M-A, ema, — arrastando-se como o choro dos carros de bois na estrada.

— O senhor precisa ler mais depressa. Já tem idade de academia. Faz vergonha este atrazo!

Elle voltava para o seu canto, para olhar o tempo.

— Estude, seu Elias.

E elle olhando para cima, como numa afronta.

— Estude, seu atrevido!

E o mesmo gesto superior.

— Passe-se para cá!

— Não vou! — em voz atrevida de briga.

O director pulou da cadeira para segurá-lo a unha. Não se tratava, porém, de Clovis. Era Elias do Riachão, com dezoito annos, acostumado ao sol das caatingas, com mão dura de trabalhador. E ouviu-se o estouro dos dois no chão. Os meninos abandonaram a sala, aterrorizados com a scena. Os tamboretes rodavam, e os bofetes de lado a lado. Chegou Felippe para auxiliar a autoridade desrespeitada. O policia cumpria o seu destino. Chegou seu Coelho, e com dois gritos chamou Elias á ordem:

— Deixem elle commigo. Passe-se para o meu quarto.

Mas o velho Maciel teria que se fazer respeitar. E sentado na sua cadeira, arquejava, botando a alma pela bôca.

Não sei por que, fiquei do lado delle. Vira-o momentos antes dando em Clovis cruelmente. Mas quando Elias se grudou com elle, rompendo a ordem da casa, foi ao lado do velho que eu fiquei. Tinha-lhe quasi sempre raiva de morte. Seria capaz de attentar contra elle si me dessem força bastante. E no emtanto fiquei a seu lado naquelle momento. Era talvez que o director se identificara comnosco, com desvelos de pae. De

um pae de coração duro, desses que amam os filhos porém dizem amar muito mais o futuro delles; e dahi os correctivos de chicote em punho, a cara feia da manhã á noite. Via-o sentado numa ansia de doente do coração, e tive pena do seu Maciel. Tudo aquillo elle fazia para o nosso bem. Abusava, é verdade, de sua autoridade, como um despota que era. Havia despotas assim, que amavam seus subitos, e subditos que rezavam por elles.

Elias era um bruto. A sua resistencia ao castigo me parecia uma injustificavel insubordinação. Ali todos se submettiam á palmatoria. E aquella rebeldia violenta, em vez de me arrastar á admiração, me jogou aos pés do homem que nos tyrannizava. A mãe de Lycurgo tinha-me enchido de satisfação. Mas seu desaforo contra o director era uma voz de fóra, não provinha do meio de nós. Elias era um dos nossos que se insurgia. Um que saía do rebanho para atacar o pastor. O pastor nos queria dentro do apertado circulo da sua vontade. Era malvado comnosco. Surgissem, porém, os lobos por perto, que elle estaria prompto para empenhar a vida.

Por isto ou por aquillo, por amor filial ou por covardia, a verdade é que Elias não contou commigo naquelle momento. O collegio quasi todo ficou com elle. O velho Maciel o trancara no

quarto do meio. Nem quis continuar a aula naquelle dia. Ficou doente. Elias, lá de dentro, descompunha, batia com os pés na porta. D. Emilia falava em chamar a policia:

— Com um bicho daquelle só cadeia.

No recreio sentia-se o facto como um attentado regicida. A maioria emparelhava-se com o criminoso. E eu, que era um dos mais seviciados pelo mestre, — para que dizer o contrario? — odiava a Elias. Não disse a ninguem. Mas no intimo julgava-o um selvagem, incapaz da submissão, de satisfazer-se nos limites marcados pela autoridade. Não justificava minha repulsa assim. Apenas me sentia ao lado do director sinceramente. Pode ser que me julguem mal, mas a verdade merece este depoimento.

No outro dia jogaram Elias para fóra do collegio. Seu Maciel disse na aula, com ar compungido:

— Foi o primeiro alumno que expulsei do meu collegio. Ensino ha quarenta annos, ponho-me em cima desta cadeira para corresponder á confiança que me depositam. Por ahi afóra, existem alumnos meus que me respeitam, que me prezam. Até hontem, nunca me derespeitaram. Nunca perdi um alumno assim. Todos teem tirado lucro do meu ensino.

Melancolias de um domador de féras que visse um tigre real fugindo de sua jaula.

— Seu Pedro Muniz, tive noticias de que o senhor andava jogando bilhar. Não quero jogadores aqui. Ou o senhor entra nos eixos, ou eu lhe parto as mãos de bolos.

A voz delle estava mais fraca. Elias envelhecera o director em alguns annos. Mas aquillo era somente a resaca da luta, o enfado de um corpo velho pelo choque da vespera.

Maria Luísa appareceu naquelle dia. Vinha para mim muito mais bonita, com um laço de fita azul no meio das tranças em novelos, mais gorda, mais queimada das férias. Sentara-se junto da banca do director. E eu comecei a andar atrás dos seus olhos. Viu-me de longe e sorriu. O triste das inconveniencias de Zé Augusto e das revelações de Heitor se illuminava com aquelle sorriso. Que me valiam todos os derrames da negra Paula ao pé daquelle longinquo signal de bem-querer?

A sala toda se modificava. Não me pareciam mais arrastadas aquellas horas. O tempo criava asas. E quando abri os olhos, já começavam os externos a apertar a mão do director para a saída. Maria Luísa ia embora tambem. Passava por mim com um olhar terno, cheio de uma luz amortecida. Olhar que seria a minha janela aberta de prisioneiro, por onde o mundo me mostrava as

alegrias e as purezas que ainda se encontram pelos seus reinos.

Maria Luísa: quantas vezes eu não me esforçava nas lições, enchendo a cabeça de regras e excepções, para não soffrer na sua presença a humilhação dos bolos! Aquelle amor de anjo bom me ensinava o que nem a palmatoria conseguia.

Ella uma vez ficou de pé. E enterrava a cabeça no livro, para se encobrir dos meus olhos. Chorava, de castigo. Era por isso que os homens se matavam pelas suas amadas, que faziam guerras, que iam morrer longe por ellas. Mataria o velho Maciel, si pudesse, naquella occasião. Derramei o meu tinteiro na mesa, onde fazia os meus exercicios.

— Seu porco. Venha para cá.

Apanhei para que Maria Luísa visse que eu tambem soffria com ella. Foi o primeiro signal de grandeza que dei no mundo, este de me querer confundir com as dores de um outro. Sentia Coruja muito grande por isto. Chegara a vez de me elevar um pouco para mim mesmo. Sentado no meu canto, com as mãos ardendo, media o meu tamanho. Aquelle gesto ficaria obscuro. E ainda mais nobre, mais puro assim, sem caír na vista e no commentario de todo mundo. Parecia que tinha dado a Maria Luísa a

minha vida, pelo orgulho com que estava. Ha uma alegria bem de Narciso nestes sacrificios, pois nunca me senti tão alegre, tão cheio de satisfação pelo que fizera.

Maria Luísa saíu mais tarde que nos outros dias. As lições não estavam muito certas. O director deixava para saírem por ultimo os que não traziam na ponta da lingua as perguntas de historia do Brasil, as regras de grammatica, os problemas de arithmetica. Gostei que ella demorasse por mais tempo. Quisera que ficasse até de-noitinha. O grande que apanhara para se confundir com a namorada, caía assim, a dois passos mais adeante, nesse desleixo de egoista. Satisfazia-se com a namorada presa, somente porque ficava mais alguns minutos a olhá-la de longe.

Depois seu Maciel chegou com a fala mais branda:

— Maria Luísa, pode ir.

Arrumando os livros na bolsa, ella ainda chorava. Nem para mim olhou, nem me viu doido por ella, ansioso para que soubesse que eu soffrera, e me humilhara, para não a ver sozinha no castigo. O meu amor era puro de outras cousas. Gostava, porém, de se mostrar, não sabia se encolher, nem se ver pequeno deante de sua eleita. Andava com vontade de criar asas para voar. Não media as consequencias de sua vaidade. Seu

Maciel via, via como o diabo. Felippe via. Viam todos os meninos. E eu, pobre ingenuo, sem ver que elles me viam. Seu Maciel mudou a minha cadeira. Do canto em que estava agora não distinguia Maria Luísa. O velho desconfiava. conhecia de longe os passos de seus d. Juans.

XVII

Depois me appareceu um concorrente. Era um externo o meu adversario. Na minha vida não havia soffrido ainda as deslealdades de uma concorrencia. Pedro Muniz punha-se na minha frente, neste jogo perigoso. Maria Luísa talvez não se importasse com elle. Era minha somente. Mas qual! Punha-me a vigiá-la nos seus olhares, a observar para que lado virava o rosto. Mudando-me de lugar, o director me afligia com a incerteza. Não podia mais espioná-la. Tinha o recurso das perguntas de palavras de que fingia não saber o significado:

— Professor, o que quer dizer florentino?

O ciume tomou conta de mim, começou a chupar o meu sangue como os lobishomens. Aquella alegria boa, aquelles estremecimentos de

um coração feliz, não tinha mais noticia delles. O meu amor agora era uma mistura, de raiva e de satisfações. Bastava ver Maria Luísa virando-se para os lados de Pedro Muniz, para me agitar todo, morder-me por dentro. Ficava nervoso, erguia-me sem ordem no meu lugar.

— Sente-se, seu Carlos de Mello. Que diabo tem o senhor hoje?

E tinha mesmo o diabo commigo, um tormento que era mais desesperado do que os castigos. A menina a quem eu tanto queria, olhando para outro.

Uma vez surpreendi Maria Luísa rindo-se para Pedro Muniz. Aquelle mesmo sorriso de barroquinhas na face, ella dividia com o externo. Chegou-me até vontade de chorar. Virava-lhe as costas quando passava por mim, vendo si com este gesto a repreendia por seu malfeito.

Ella ia para casa no fim da aula. Pedro Muniz saía depois. Sem duvida se juntariam lá fóra para conversar. Ahi sim, que me aperreava. Eu, que vivia ha meses gostando della, nem lhe dera uma palavra siguer. Conhecia-lhe a voz quando dava lições. E Pedro Muniz conversava com ella. Iam pegadinhos até em casa; elle deixaria Maria Luísa na porta e ficaria de longe fazendo signaes. A' tarde voltava para passar pela calçada. Sacudia cartas e recebia respostas.

E eu trancado, amando de longe, como nas historias que me contavam de caboclos. Amor de caboclo era assim, amor de bêsta, de molle, de sujeito sem sorte.

O collegio, para mim, tornava-se mais ainda uma prisão, uma cadeia, com Pedro Muniz e Maria Luísa lá fóra. Lembrava-me de um preso do Pilar, morador do engenho, que matara o José Gonçalo. A mulher amigara-se com outro, e elle na grade mandando recadinhos para ella. O velho Zé Paulino mandou chamar a mulher para saber. Os filhos, de camisola rasgada de cima a baixo, pedaços podres de algodãozinho.

— Estava morrendo de fome, seu coronel. Os meninos com a guela no mundo, pedindo de comer.

Mas não era por isto, era mais por fogo. Porque ella dera os filhos aos outros: um ficou no engenho, o mais velho estava em Maravalha, o menor mandaram para o oiteiro. E o pobre na cadeia soffrendo. Não sei por que a minha memoria ligava estes factos ao meu amor por Maria Luísa. E' que eu estava preso como o negro, não podia fazer o que Pedro Muniz estava fazendo para agradar á namorada. Ficava na grade com a angustia do morador do Santa Rosa. Elle olhava pelos buracos da prisão o povo debaixo do tamarindo, na feira de sabbado. De lá veria os

conhecidos. Era ali onde ia comprar o feijão maduro e o pedaço de carne verde que levava para a mulher e os filhos. Veria mesmo a mulher com os outros passeando na feira.

Fui com o meu avô ao jury, numa sala por cima da prisão. O velho Zé Paulino chamou pelo negro, e elle veio, cinzento da reclusão de muitos meses:

— O seu jury será na outra sessão.

— E os meus meninos, coronel?

— Estão em melhor lugar do que com a negra da sua mulher.

Por que então me recordava de taes cousas pensando em Maria Luísa? Ella não tinha me abandonado daquelle geito. E ficava logo pensando que só a mim queria bem. Era feliz outra vez.

No outro dia mudava tudo. Outro olhar, outro sorriso, e a magoa e a desconfiança me arrasando. Tornava-me sem coragem para estudar, impaciente, errava as lições, — e o bolo não respeitava os maus humores de um namorado. Criei um odio violento a Pedro Muniz. Gozava quando o director o chamava para a palmatoria:

— Seu cynico, seu jesuita!

Estas palavras, quando as ouvia sacudidas na cara do collega, faziam-me bem.

Havia no collegio uma legislação curiosa

para o uso da latrina. O alumno que encontrasse o apparelho sujo era obrigado a retornar para dar conta ao director. Aquelle que se servira antes soffria a corrigenda de bolo pela impericia. Fazia-se gymnastica nesses exercicios physiologicos. E precisava-se mesmo de muita habilidade para se ficar livre da denuncia.

Um dia fui fóra depois de Pedro Muniz, e voltei radiante para dar parte ao director:

— O apparelho está cuspido, seu Maciel.

— Quem esteve lá antes do senhor?

— Foi o sr. Pedro Muniz.

Nunca ouvi bolos soando melhor aos meus ouvidos. Olhei para Maria Luísa, vendo a impressão que lhe causara a minha denuncia. Nem dera pela cousa. Guerreava ás claras o meu adversario. Elle tambem me retrucaria sem piedade. O amor nos ensinava a ser ruins.

Uma vez eu lera não sei onde que era o amor e a nutrição que faziam os homens grandes e pequenos. De facto, na semana santa, por causa de um prato de feijão, ultrajara miseravelmente a meu Deus. E agora Maria Luísa, com o seu olhar e o seu sorriso para outro, me conduzia, aos treze annos, áquella infamia com Pedro Muniz.

Dormi pensando naquillo. E o somno veiome acordar o remorso com pesadelos medonhos.

Ia por um caminho andando, ia andando por um caminho. — Pare ahi, menino! — Era seu Maciel. — Pare ahi, menino! Está vendo este sobrado grande? Você vae caír de cima delle em baixo. — Me segurava na varanda e a varanda caía. E eu rolava com a alma fria de precipicio em precipicio. Acordei aos gritos. Todos na casa despertaram.

— Que gritos são esses ahi?

— E' seu Carlos de Mello sonhando.

Diriam melhor que era o seu Carlos de Mello soffrendo.

No outro dia commentavam:

— E' porque elle dorme do lado esquerdo.

Era nada! E os meus sonhos com Maria Luísa já tomando outra feição. Sonhava com ella dormindo commigo na mesma cama, aos beijos, e acordava triste me vendo sozinho. Seria que ia mudando o meu amor? As vezes na aula me enchia de raiva, queria-lhe mal. Via-a com olhos que não eram para mim com desejos maus. Tomara que ella morra — falavam por dentro os meus odios de ciumento. E' verdade: pensava perversamente na morte da amada, nas vezes de desespero. Era melhor que não voltasse mais para o collegio.

Podia arranjar outra cousa para pensar. Mas só pensava nella. Aquillo deveriam chamar de

idéa fixa. Estava brincando no recreio, longe de Maria Luísa, sem sombra della nos meus pensamentos. De repente caía no fraco, e fugia para o segredo do meu coração, roído de despeito e de vingança. Aquella hora Pedro Muniz estaria conversando com ella.

Refugiava-me nas quatro paredes da minha melancolia, com scismas de um scelerado em ponto pequeno. Pensava em escrever um bilhete, e deixá-lo em cima da mesa do director, dizendo assim: "Pedro Muniz está namorando com Maria Luíza." Mas não. Pensava em outras cousas peores. Em deixar uma carta na casa della para o seu pae, contando tudo. Passavam, porém, esses furores de intrigante. Bastava Maria Luísa passar por perto de mim no outro dia e botar-me os olhos grandes e o sorriso candido, e tudo ficava outra vez no melhor dos mundos.

No recreio os meninos mangavam de mim:

— Cortaram o Doidinho! A namorada delle está com outro.

Não mettera os pés porque fôra Heitor. Tinha um pae doido como eu, e as minhas magoas por isto me levaram a encontrar nelle uma especie de compatriota em terra estranha. O curioso, porém, é que esses pensamentos aperreados de amor passavam horas sem me tocar. Tinham um caracter de febre intermitente. Chegavam-me

com dias seguidos de quarenta gráus. Chupavam-me o sangue, matavam-me a alegria. Iam-se para longe. Havia horas em que Maria Luísa fugia não sei para onde. Parece, porém, que o diabo deixava que fosse embora para voltar mais absorvente ainda. Queria fugir de pensar nella, de lembrar-me de sua cara, e era como si me dissessem: Olha Maria Luísa ali, olha o Pedro Muniz com ella. Doidinho, ella está olhando para o outro.

O amor era assim commigo.

A negra Paula regalava-se com os grandes, e mesmo os meus amores envenenados não me davam tempo para pensamentos que não fossem escravos do meu ciume. E quando não pensava em Maria Luísa, não pensava em nada. Vivia dias inteiros de memoria affectiva apagada, preso ás revelações que os livros iam-me dando. E os livros compensavam-me dessas decepções, nas canseiras a que me forçavam. Historias do Brasil, geographias, grammaticas, as suas perguntas, as suas regras e os seus exemplos tomavam conta da pobre cabeça que Maria Luísa punha ás tontas sem querer.

XVIII

Numa manhã de maio o trem de Campina Grande me faria uma surpresa. Estavamos na sala, quando a porta da rua se abriu: Coruja entrava com o pae. O meu coração, sacudido pelas infidelidades de Maria Luísa, rejubilou-se com o acontecimento. O meu amigo voltava ao collegio. A sua vocação não se partiria. Chegou falando com seu Maciel com uma alegria que nunca lhe tinha visto na cara. Como entrava differente dos outros, que vinham murchos como passaros molhados de chuva! Os outros todos chegavam de casa pensando nos dias que faltavam para as férias mais proximas. A prisão, para Coruja, parecia que era o balcão da loja do pae. No collegio é que elle estava em casa. E depois não era só por isto: elle queria estudar, ir para

deante, fazer o seu curso, embora para isto a pobreza do pae tivesse que fazer milagres. Agora não seria nada. Quando fosse para o Diocesano, sim, que teria que se apertar.

Como o velho Zé Paulino gostaria de um menino assim, com amor aos estudos, com essa ansia de aprender, de ser gente! Gastara uma fortuna com um sobrinho, que morreu no segundo anno de academia. Formara o filho com trabalhos de quem estivesse tirando grandes safras de engenho, com os mesmos cuidados, as mesmas despesas, as mesmas contrariedades.

— Faz gosto ver os meninos do Castro. O pae anda por ahi comprando boi para matar. Já formou dois filhos.

Sentia-se a magoa delle deante da sorte do camumbembe feliz. Era o mesmo que si dissesse: — eu gasto um dinheirão com os meus e não dão para nada. — Como ficaria satisfeito si tivesse um Coruja por neto! Um que enterrasse a cabeça nos livros e fizesse figura como os filhos do Castro. Assim daria gosto gastar o seu dinheiro. Formar-se para voltar para a enxada, como o dr. Quincas, do Engenho Novo e o dr. João do Itaipú, seus primos legitimos, não valia a pena. Percebia-se-lhe a contrariedade em não ver o filho Juca feito juiz de direito ou procurado para defender no jury. O velho Zé Paulino, tão sem

vaidade para as outras cousas, amava o luxo da bacharelice.

— Lourenço sim, que fez carreira.

Era o seu irmão mais moço, que chegara a desembargador. Fôra formado por elle, mas lhe dava este orgulho — desembargador! — embora o dr. Lourenço gostasse mais de ter a sua casa de purgar cheia que a sua estante abarrotada de livros. Ficara tambem senhor de engenho como o irmão, e engrandecera mais a familia no seu Pau-Amarello que nas attribulações do Tribunal Superior. O velho Zé Paulino tinha um irmão que lhe enchera as medidas.

O filho falhara: vivia a cavallo pelos partidos de canna, com elle. Queria sem duvida um neto, agora, para a sua fome de bacharel fazendo figura, engrandecendo a familia. Por que não seria eu esse seu neto procurado, esse enche-gosto de seus sonhos? Coruja, quasi da minha idade, estava na classe de francês. Sabia grammatica , escrevia descripções sem um erro. Quando era que eu poderia assim corresponder ao ideal de meu avô? Só si désse somente para estudar. Fazia planos: de agora por deante estudaria como Stardi. Elle tambem era burro, mas esforçava-se em cima dos livros e vencia os mais intelligentes na classe. Tinha a convicção de que era burro. Intrigava-me com os problemas das

fracções ordinarias. Decorava, porém, tudo que o velho quisesse. A grammatica, com as suas regras, as suas definições: "syntaxe é o tratado em que se estudam as relações das palavras entre si no discurso." Discurso para mim era aquillo que se fazia na tribuna, um homem no meio do povo falando. Syntaxe para isto, para se aprender a falar bonito. Decorava as excepções, os exemplos: — os estudantes de S. Paulo fazem raramente exames em Recife, finca-pé, puxavante, piano de cauda, busca-pé, mata-moscas, bem-te-vi, na quinta-feira santa fui ao lava-pés, o exercito dos persas invadiu a Grecia, Julio Cesar venceu os barbaros, elle estuda mas não aprende. — E era mesmo: elle estuda mas não aprende. Estudava essas cousas todos os dias, sabia o livro de baixo para cima, e não aprendia. Por que Coruja pegava tudo no ar? "Adeante, adeante, adeante!", e quando chegava nelle, a resposta caía correcta, firme, sem medo.

Agora estava ali outra vez, no collegio. No recreio contou-me tudo. O pae não podia mais gastar dinheiro com elle. Mas a mãe fez tudo, pediu tanto, que o velho só teve que vir trazê-lo.

Podia conversar com o meu amigo á vontade. Depois das ferias tinham-nos dado amnistia geral. Começava-se vida nova. Por isto andava com Coruja conversando. Não tive coragem de

falar-lhe das minhas historias com a negra Paula, mas falei-lhe de Maria Luísa.

— Namoro é besteira, me dizia elle. Você precisa estudar, para ir para o Diocesano. Para o anno estou lá. Papae vae-me botar externo na casa de um tio delle, na Parahyba.

E contava-me do mês que passara no balcão da loja, medindo algodãozinho e vendendo fitas, carreteis de linha... Quando não havia fregueses para despachar, estudava os seus livros. O padre de lá pediu-lhe para dar umas aulas nocturnas aos meninos pobres. Ensinou umas noites a gente até de barba na cara. Todo o mundo dizia: E' pena que José João não estude. O pae soffria com isto. Mais do que ninguem, elle desejava ver o seu filho no collegio. Mas seria um sacrificio. A mulher ajudou-o a fazer este sacrificio. E viera trazer o menino.

Ouvi a historia do amigo pobre com um remorso de estar gastando o dinheiro do velho Zé Paulino. Si pedisse a elle para educar o Coruja? O doutor Lourenço não formara um moleque de sua cozinha? Tanto dinheiro que botavam fóra, e uns poucos de mil réis fazendo falta áquella familia pobre do Ingá! O pae de Coruja, a mãe e a irmã deviam passar necessidade para vê-lo nos estudos. Sem duvida deixariam as missas de domingo, as festas da Padroeira, porque não po-

diam fazer vestidos. O pae botaria para fóra o caixeiro; a mulher ficaria na loja emquanto elle corresse para o almoço. Tudo para que Coruja estudasse. Elle bem que correspondia a todo esse heroismo. Seu Maciel dera-lhe aquelles bolos por minha causa, mas gostava delle. Elogiava-o na classe:

— Olhe, seu Olavo. O senhor é um vara-pau, mas vive a levar quinau do seu José João.

Chamava-o para mostrá-lo ás visitas:

— Deste tamanho, e já está traduzindo o "Genio do Christianismo".

Coruja ficava vermelho com estas exhibições. Si fosse Pão-Duro, com que ar chibante não voltaria para o meio de nós! Este agora andava todo pegado com o Clovis enganando o menino com doces e pedaços de queijos, num chaleirismo que nos deixava preoccupados. Pão-Duro tambem tinha coração. Mas não era porque Clovis fosse pequeno, não tivesse mãe: era porque Clovis era bonitinho. Aos domingos passava o dia vendo as revistas do menino, lendo para elle as historias do Tico-Tico, que o pae lhe mandava pelo correio. A gente queria ler, mas Clovis não deixava:

— E' para Mendonça.

XIX

Pão-Duro tinha inimigos crueis. Para que deixava elle apodrecer no fundo da mala as bananas que lhe mandavam de casa? Os seus amores encontrariam espias impiedosos. Elle dormia com Clovis no mesmo quarto. A rede de um junto da cama de cortinado do outro. Ninguem via cousa nenhuma, sinão Pão-Duro estava desgraçado. Imaginava-se somente. As supposições, porém, criavam corpo de cousa vista. Contei a Coruja.

— Não acredito nisto, Carlos. Será possivel!

Acreditava eu porque era Pão-Duro. Não falava com elle, e mal nos via perto de Clovis assanhava-se todo.

O menino contava cousas da casa do pae:

— Quando mamãe morreu, tiraram os dentes

de ouro della. Vovó pediu. Fazia mal enterrar gente com dente de ouro, porque a terra não comia.

Falava tambem do casamento do pae:

— Dormia com elle no mesmo quarto. No dia do casamento fui dormir na casa de vovó. Papae beijava a nova mulher quando mamãe estava viva ainda. Eu vi uma vez no banheiro.

Pão-Duro ficava por perto, rondando a conversa.

— Clovis, vem cá.

E o menino ia-se. Era mesmo o dono de Clovis. Ia-lhe custar caro esta soberania absoluta.

A chegada de Coruja mudara um tanto a minha vida. Maria Luísa já não brincava commigo a todas as horas. Um amigo me arranjava meios para me defender da perseguição absurda da minha mania.

Maio estava quasi no fim. E os dias de S. João nos sorriam de fóra das grades, com todas as promessas. Olhava para a folhinha da sala de estudos: 29, 30, 31. O director de manhã mudava os numeros do calendario fixo que o pae de Vergara lhe dera.

1º de junho, o mês gostoso dos 21 dias em casa. Contavam-se as horas. 240 horas: ainda tantas de aula, tantas para dormir. Até lá eu não apanharia mais. A cada numero novo da folhinha

calculava-se. Vencia-se um dia, anoitecia-se pensando no outro.

3 de junho.

— Eu vou terça-feira, dizia um.

Outros, mais felizes, sairiam antes. Havia os desconsolados porque os trens da Parahyba passavam mais tarde. Os trens do Recife tinham vantagens de poucas horas sobre os outros, mas voltariam mais cedo. Quem pensava na volta?

Três dias antes das férias estourou o escandalo de Pão-Duro com o Clovis. Aquillo não podia mais continuar como estava. Seu Maciel era como certos paes irasciveis, que brigam com as filhas por cousas insignificantes e no emtanto as deixam por lugares escuros namorando. O namoro de Pão-Duro dava na vista. Botava a cabeça de Clovis nas pernas para catar piolhos.

— Clovis está empestado, disfarçava. Estou limpando a cabeça do bichinho.

E aquelle catar de piolhos levava o recreio todo. Era quem arrumava a mala do menino, engraxava os sapatos, pregava os botões na roupa. D. Emilia não tinha cuidado com elle.

— Si fossem irmãos não seriam tão unidos, dizia ella, pensando que Pão-Duro fosse capaz de interesse de irmão por alguem.

O velho Coelho era um homem da vida. Elle

sabia medir até onde ia a amizade e onde começava a malicia:

— Aquillo está me cheirando a frescura.

Na banho do rio não deixava Clovis sair de junto delle. Pão-Duro ficava rondando, todo de olhos compridos, dando mergulho para estourar em baixo do menino. E este tinha umas risadinhas de quem estivesse com cocegas.

Mas o dia de Pão-Duro chegou, ou melhor, a noite de Pão-Duro. Elle pensava, como todo apaixonado, que o mundo tinha os olhos e os ouvidos fechados: — só elles existiam, só elles viam e ouviam: o resto era mudo e cego. Clovis e elle dormiam no mesmo quarto, e os inimigos de Pão-Duro não dormiam. E deu-se o escandalo. Parece que foi João Cancio quem gritou de madrugada:

— Seu Maciel, Mendonça está na cama do Clovis!

Melhor seria que não tivesse alarmado. Aquelles cinco dias de vespera das ferias nos custaram a passar. O internato ficou todo de castigo, em interrogatorios. O velho queria saber de tudo:

— Os senhores são os culpados. Deviam-me ter prevenido desta pouca vergonha.

Ninguem via os dois. Ouvia-se, sim, o choro meúdo de Clovis lá para a sala. Pão-Duro tranca-

do no quarto onde estivera Elias. O director me chamou para perguntas. Recebi o chamado com alarme.

— Então, seu Carlos de Mello, o senhor tambem andava em segredos com Clovis?

Não, não andava em segredos.

— Falava com elle como falo com os outros.

— Que conversava o senhor com elle?

— Cousas á tôa. Elle me contava historias de casa.

— E o senhor Mendonça, o que conversava?

— Não sei não, senhor. Nunca ouvi nada.

— Esta é bôa! O senhor não ouvia nada, não é?

— Não senhor. Elles viviam em cochichos.

— Vá embora. E mande aqui o senhor Heitor.

Depois chegou Heitor chamando Chico Vergara. E ouvia-se, vindo lá de dentro, o tinido do bolo. Até Felippe andava com medo. O director botára culpa para cima delle. Não tomava conta de nada, era um leseira.

Na mesa o velho não olhava para ninguem.. Estava acabrunhado. De vez em quando, sem se esperar, largava uma phrase:

— Desmoralizaram-me o collegio!

Notava-se a sua magoa com a fraqueza dos meus collegas. Aquelle mesmo ar de tristeza da expulsão de Elias, cara de pae com filha deshonrada. Clovis vinha para a mesa de cabeça baixa. Coitado ! Tinha pena delle. Fôra um fraco nas mãos grosseiras do outro. Os collegas mangavam :

— Cadê a Maricota ? Vão casar amarrados.

Mas que culpa podia haver naquelles dez annos de sua vida ? Pão-Duro, sim, que era um safado, um sumitico. Diziam que ia rer expulso. Ouvi d. Emilia falando:

— Não precisa expulsar. Basta separar um do outro. O pequeno não tem culpa. E' preciso somente vigiar o grande.

E os dias das ferias chegando. Dormia sonhando que já vinha de volta do Santa Rosa. O trem corria para Itabaiana. O boeiro do engenho sumia-se de longe. Mas acordava: estava ainda no collegio.

Seu Maciel chamou o pae de Pão-Duro, e entregou-lhe o filho. O homem fez questão: daria uma surra no menino, mas ficasse com elle.

— Pois bem, leve-o. Basta trazêl-o depois de S. João.

Vi com inveja Pão-Duro arrumando a mala. Não olhava para ninguem. Botava fóra as cascas de queijo e as laranjas murchas, de vista baixa.

Devia soffrer muito. Dois dias trancado, e aquella ameaça do pae — "dou-lhe uma surra de matar" — sem duvida andaria bulindo com a sua alegria de ir embora.

XX

8 de junho. Já nem se conversava mais sobre o escandalo. Até Clovis se ria para a gente. Para alguns seria a ultima noite de collegio.

— Amanhã vou dormir em casa, dizia João Cancio. Vou dormir no manso.

Coruja recebera carta de casa pedindo-lhe para ficar. O pae escrevera tambem ao director falando nisto. Para elle era melhor. Parecia um homem o meu amigo. Os filhos de Simplicio Coelho iriam sozinhos. Vergara tambem. Bem bom para estes, que não precisavam esperar ninguem. Para mim não havia ordem. Tinha que esperar o portador, tio Juca ou qualquer outro.

9 de junho. Grande espectativa. Si não me viessem buscar ?... Uma noite com a duvida dormindo commigo. E que companheira mais incom-

moda para uma noite em que se ia dormir pensando na liberdade ? Que sofreguidão não seria a dos presos que premeditavam fugas, os que passavam mezes furando paredes grossas de cadeia para fugir ! Que sonhos não teriam estes homens, sonhos compridos com o mundo, com as alegrias da liberdade ! Eu não dormia. A menor preoccupação cortava-me o somno. Passava horas inteiras de olhos arregalados. Seu Maciel escrevera para virem me buscar no dia 10. Poderiam ter-se esquecido. Estavam tão quietos sem meninos por lá, que talvez se esquecessem de proposito de mim. E depois, tinham tanto em que cuidar ! Ao mesmo tempo a certeza chegava: não, viriam me buscar. Parece que eu ouvia o velho Zé Paulino na sala de jantar, na hora da ceia: — Seu Juca, amanhã para o senhor ir a Itabaiana buscar o menino. — E com pouco lá outra vez a desconfiança. Qual nada ! Esqueciam-se de verdade. A carta do director chegára, o meu avô lera. Botou-a em cima da mesa. E o vento a levou. Ninguem lhe falou mais em mim, e a cousa passou. Tia Maria estava no engenho. Logo viriam, na certa, me buscar. Tia Maria, porém, andava com as suas preoccupações, o seu nervoso, com o parto nas proximidades. Se lembraria nada! Sim, se lembra-

ria! Ella não ficara aperreada com a minha carta?

E isto ia longe. Ouvia o relogio da casa batendo uma hora. E o seu tique-taque na sala de jantar parecia ali dentro do meu quarto. Aurelio roncava como um porco. Estavamos numa segunda-feira. E o coco se arrebentava lá fóra, para as bandas da cadeia. O povo passava a noite com o zabumba reboando. De muito longe escutava-se o estribilho saudoso:

Engenho Novo,
Engenho Novo,
Engenho Novo,
Bota a roda pra rodar.

Era mais ainda para me magoar aquella historia de Engenho Novo do doutor Quincas. Mas lá não havia roda dagua. Então seria outro Engenho Novo. Mas era um engenho como o Santa Rosa. A saudade que o coco ia me dando fazia crescer a minha sofreguidão. Ouvia passando pela rua as boiadas para a feira, sob o aboio triste dos tangerinos — êh-booi! E o rumor dos cascos do gado no calçamento. Ouvia tudo o que a noite fazia. Naquellas horas caladas, todos os rumores falavam mais alto. No quarto de seu Maciel a cama ringia com os

somnos mal dormidos. E passava gente assobiando pela calçada. Com mais tarde era o povo chegando para a feira, gritos de cargueiros, conversas de que não se entendia nada, todo este barulho que o meu medo de ficar esquecido me obrigava a escutar. Depois, paravam na porta:

— Mande o gado para os Altos Curraes. Me procure no hotel.

Gente sem duvida chegando para os negocios.

Manhã alegre si estivesse contando na certa com a liberdade. Não contava, porém. E até a hora do trem foi esse desassocego aborrecido. Ouvi o apito da machina com um frio de medo. Podia não vir ninguem. Fui á janella olhar o povo que saltava. Não via pessoa alguma de casa. Já o horario partia para Recife, e ninguem no collegio para me ver. Fiquei na janella um tempão, descobrindo nos que vinham ao longe o tio Juca. — E' aquelle, pensava. — Não era. Agora era mesmo. Aproximava-se, subia para a calcada do padre. E nada. Coruja havia saído com o pae para a feira. E a espectativa de horas me cansava. Não havia duvida. Não se importavam mais commigo. Povo ruim aquelle do Santa Rosa. Todos tinham em casa amizades que não perdiam a memoria.. Menos eu. Sentei-me no fundo da sala de estudos, meditando nessa desventura de

esquecido. O velho José Paulino, tio Juca, todos uns parentes sem coração para mim. Chorei ali, no meio dos tamboretes, a infelicidade de não ter uma mãe e um pae que se lembrasse de mim, que dormissem sonhando com a volta do filho para casa. D. Emilia chegou-se para mim e perguntou:

— Não veio ninguem lhe buscar ? Só Aurelio.

Só Aurelio ! Emparelhavam-me com o pária, o sem amizade no mundo, o que era o nojo de todos, a vergonha da familia ! Si tivesse mãe, parece que estava vendo as cartas de dias antes das ferias: "Carlinhos, prepare a sua roupa; vou lhe mandar buscar no dia dez; estude para seu pae ficar satisfeito." Sacudiam-me ali porque fosse talvez mais facil assim me supportar. Gastavam dinheiro commigo, mas pouco se importavam que eu ficasse bem longe. O tio Lourenço não formára uma cria de casa ? Si arranjassem um lugar para me soltar, seria melhor. Até a madrasta de Raul escrevia a elle. E vieram, ella e o marido, buscar o filho no collegio. Até as madrastas davam mais importancia aos enteados. E ellas, que os contos pintavam tão crueis, tão impiedosas para os meninos !

Seu Maciel quando chegou da rua ainda me

encontrou sentado, olhando para o chão, triste como um pé-de-mato murcho.

— Não o vieram buscar ? Escrevi a seu avô. Boa bisca deve ser o senhor, para a sua familia esquecel-o assim.

Não era ruim assim como elle pensava. Estavam ali no collegio peores do que eu, e os paes se lembravam delles, e as mães lhes mandavam presentes. A minha gente, sim, que não prestava. Caía aos meus pés, aos pedaços, a grandeza que o grande velho me dava. Em pequeno, se não do velho Zé Paulino. Era o primeiro dissabor que o grande velho me dava. Em pequeno, si não era um terno para o seu neto, fazia no entanto sentir o seu amor com gravidade, com essa distancia que certos temperamentos guardam para as affeições mais intimas. Aquillo de abandonar-me como um desgraçado me magoava até as profundezas.

Que dia miseravel foi aquelle para mim ! Deitado na rede de seu quarto, seu Coelho tirava a sua sésta.

— Não se importe. Amanhã chega gente para lhe levar.

Consolo muito facil aquelle ! Viria nada ! Queriam mesmo que eu ficasse pelo collegio, como um engeitado, um menino de asylo. E a minha

magoa foi crescendo, me doendo cada vez mais, que quando Coruja chegou não me contive:

— Coruja, vou fugir.

— Para onde ?

— Vou para casa a pé.

— Você está doido, Carlos? Amanhã bate gente pra lhe levar.

Calei-me, para ficar mais intimo da resolução. Esperaria outro dia, e si não apparecesse portador do engenho, podiam contar com a minha fugida para o Santa Rosa. Interessante é que nunca uma resolução me chegou mais facil e mais prompta. E chegou-me naquella troca de palavras com Coruja. Não pensava em fugir antes de falar com o meu amigo. Saíra-me aquillo da bôca, num impulso, e ficára mesmo resolvido. Fugiria si não me viessem buscar. Iriam ver como eu repelliria o desprezo que me davam. Um indeciso em tudo, olhando as encruzilhadas sem a coragem de uma iniciativa. E no entanto, uma vontade me dominou inteiramente. Si até amanhã não chegassem, me damnaria pelo mundo. E imaginava-me apparecendo na porta do Santa Rosa, roto, de pés feridos. Que vissem elles o que fizeram commigo. Dormi quieto, com o plano estabelecido na cabeça. Nem me importava mais que viessem: ia fugir. Era até melhor.

No outro dia, estava eu na janella olhando o

povo que descia do trem. Os mesmos tios Jucas de longe, as mesmas decepções. Um era todo elle: chega vinha com a bolsa e o guarda-pó na mão, num andar compassado, tão meu conhecido. Botava-se de cabeça baixa para as bandas do collegio. E passou pela porta. Um amigo do doutor Bidu. Aquillo era um horror. Que parentes tinha eu! Seu Coelho mesmo me disse:

— Si o Maciel tivesse um portodor, era o caso de lhe mandar levar. Não se faz isto com ninguem.

Condemnava deste geito a minha gente. De tarde fugiria. Combinava a hora. O melhor momento era quando fossem jantar. Fingiria que não queria comer, e emquanto estivessem na mesa metteria as pernas pelo mundo. Estava assim no fundo do quintal tramando o meu plano de fugida. Havia tres caminhos: a estrada do povo, o caminho de ferro e a beira do rio. Pelos dois primeiros podiam me pegar. Era só mandar gente a cavallo, e alcançariam o fugitivo num instante. Pela beira do rio seria mais longe, cheio de areia fôfa para enterrar os pés, mas havia isto de bom: ninguem se lembraria de me procurar por lá. Estava certo. Na hora marcada me escapuliria.

XXI

Vi Coruja correndo para mim:

— Carlos, chegou uma pessoa lhe procurando.

Nem dei tempo para terminar, com a carreira com que me botei para a sala de visitas. Era o negro José Ludovina.

— Seu Carlinho, como vae ? Vim buscar o senhor. Doutor Juca não póde. Vinha na terça, mas Maria Menina deu a luz. Graças a Deus está em paz. O coronel ficou medonho porque ninguem veio buscar.

Fui arrumar o meu embrulho com um travo na alma; o velho Zé Paulino injuriado por mim. Estava medonho porque não me vieram buscar, e eu fazendo as mais injustas restricções ao meu grande amigo. A alegria, porém, me curava de

todos os remorsos. Com mais uma hora estaria na estação para tomar o trem. Zé Ludovina, de casemira e collarinho alto, esperava por mim conversando com D. Emilia:

— Seu Carlinhos adeantou-se?

Indagava por mim, pelo companheiro de vadiagem de seus filhos, dos bons moleques do Santa Rosa. Com pouco mais eu iria ver a todos.

— Vamos, seu Carlinhos. Preciso comprar umas encommendas pra D. Sinhazinha.

Ao lado do negro do meu avô, sentia-me honrado, cheio de mim. Onde elle chegava era conhecido:

— Oh ! seu Zé Ludovina, como vae ? O que nos compra hoje ?

Era elle que fazia as compras do engenho, e por isto as lojas tratavam tão bem o freguez opulento. Seu Filemon, todo em mesuras para o representante do Zé Paulino, com tudo que era *ss* na ponta da lingua:

— Breve irei ver aquella boa gente de lá.

E o negro ria-se, naquella alegria organica, com todos os dentes de fóra:

— Pois não, seu Filemon.

Parecia que eu já estava no Santa Rosa, com aquellas manifestações de respeito ao povo de lá e o riso hospitaleiro de José Ludovina.

O trem passava á uma hora. Sentei-me num

canto do carro, bem seguro de que estava mesmo indo para casa. Vi o seu Maciel na plataforma:

— Adeus, seu Carlos. Vá direitinho.

Não tivesse cuidado, que o seu escravo não iria errar o caminho da terra de promissão. E nos quinze minutos da espera do trem, pensava nos planos da minha fugida. Parecia uma cousa absurda aquillo que planejára. Perto da felicidade, achava impossiveis os recursos extremos com que me animára a conquistal-a.

E o trem começou a andar. Passou pela porta da cadeia: os presos olhavam das grades. Talvez fosse o grande espectaculo delles, aquelle trem indo e voltando todos os dias. Lá estava o cemiterio pequeno, que nem tinha lugar para ninguem. O poço de Maracahype, onde tomavamos banho com seu Coelho. As ultimas casas de Itabaiana, e o rio correndo com o trem para o Santa Rosa. Vinha depois, todo amarelo, o sobrado da Galhofa, do velho Germiniano. O meu avô dizia sempre:

— Homem damnado o Germiniano. Cégo, roubou moça para casar. Formou dois filhos.

A cousa maior para elle era esta de formar os filhos. E o velho Germiniano, naquella Galhofa, quasi um sitio do seu engenho, dera dois bachareis ao Pilar. E a minha alegria de liberto

fazia calculos para agradar ao meu avô. Tambem me formaria.

Os passageiros perguntavam o que queriam dizer aquellas letras do meu boné. Explicava satisfeito, sentindo um certo prazer em decifrar para elles as iniciaes do meu presidio.

Mas nem a estrada de ferro, nem os passageiros, nem o mundo por onde corria o trem, existiam de verdade para mim. Só Santa Rosa estava na minha frente. Tudo mais eram caminhos para elle. Ha dez annos fizera com o tio Juca aquella viagem. Os meus olhos de quatro annos se debruçavam pela portinhola dos vagões para ver os fios do telegrapho subindo e baixando. Agora, porém, os meus olhos já alcançavam mais longe. Havia além recantos muito amigos delles: os campos, as arvores, os moleques e os bichos do meu engenho. Carlinhos não descia para um reino desconhecido. Era para o seu mundo, para o maior brinquedo de sua infancia, que o trem ás carreiras o levava daquella vez. Chegava-me para perto do Zé Ludovina, como si estivesse com medo de não chegar até lá. O trem parou na estação. O caminho do Santa Rosa era o mesmo, coberto de lama, com os mesmos atalhos, com os matos verdes batendo no rosto da gente. O açude verde de baronesas por cima. E verde, muito verde de felicidade, o me-

nino que chegava de seu orphanato. Cantavam os canarios pelas cajazeiras cheirando ao acido dos fructos maduros. Talvez que fossem os mesmos canarios que cantavam na minha saída para o collegio. As cabreiras amarelas, e o bom silencio da estrada, quebrado de quando em vez pela enxada do pobre tinindo em alguma pedra escondida no roçado. Nunca uma meia hora me encheu tanto de vida como naquelle dia. Tudo cheirava para mim: até a terra das covas de canna abertas, naquelle instante, para o plantio de junho. Até a terra cheirava para os meus sentidos de sentenciado em liberdade — o bom cheiro da terra cavada, cheiro das profundidades, do coito silencioso das sementes derramadas pelas suas entranhas. Os moradores paravam o cavallo para perguntas:

— E' seu Carlinho ! Veio dos estudos ? Está magrinho, seu Zé !!! Com pouquinho ninguem não conhece mais.

Lá estava a casa da Zefa Cajá, sem portas, com as palhas podres: a dona tinha-se ido para outras terras. E o boeiro branco do Santa Rosa surgindo no meio de umas arvores grandes. Como batia o meu coração chegando em casa !

XXII

A casa-grande me festejou se derramando em alegria. Já nas estacas, aonde eu fôra uma vez olhar Maria Clara partir, os moleques gritavam, de longe: "Carlinho, Carlinho!" Em cada cabeça de estaca, uma cabeça de negro: Mané Severino, Ricardo, João de Joanna, Mané Pirão. Era todo o meu povo me recebendo de braços abertos. Até a velha Sinházinha me agradando. O velho José Paulino, sentado na banca como no primeiro dia da minha chegada ao engenho:

— Então, iam-se esquecendo de você? — com aquelle seu geito franco de mostrar a sua alegria. Vá ver Maria.

Ainda estava de cama a minha tia. Bem pallida, estendida no leito, como se tivesse vindo de uma longa doença.

— Mostre a menina a Carlinhos! — com o seu orgulho de mãe pela sua obra.

Estava bem differente a minha amiga. Mais tarde é que eu ia sentir mais acerbamente esta mudança da minha grande affeição de creança.

O Santa Rosa todo me esperava para a sua festa de regosijo. As negras da cozinha me cumprimentavam a seu geito:

— Está branco! Só quem saiu da cadeia...

Pus-me logo de pés no chão, como quem quisesse sentir de mais perto a boa terra que pisava. Iria dormir no quarto do tio Juca.

— Você agora é estudante.

Mas os moleques rondavam-me para me dar contas de suas novidades. Coitados! Em seis meses tinha-me elevado acima delles não sei quanto. Era, no emtanto, para elles o mesmo Carlinhos, o camarada para tudo que elles quisessem.

Saímos para ver o Santa Rosa, naquella tarde de junho cheia de tanajuras. Com os pés na lama, correndo por baixo das goiabeiras da horta, recuperava em um instante a meninice, a que o velho Maciel tapára a bôca no collegio. Abandonei o povo de casa pelo reconhecimento do meu reino abandonado. Fômos á beira do rio, com as aguas vermelhas da ultima cheia. O choro dos sapos nas profundezas era o mesmo

dos outros tempos. Cantavam, no diapasão de sempre, as mesmas cantigas de enterro. Não era a musica para um libreto aquelle cantochão dos sapos do Santa Rosa! Metti-me na canôa em que passavam os trabalhadores vindos dos serviços. Vinham de marmitas vasias e calças arregaçadas, com lama até os joelhos.

— E' seu Carlinho! Está amarelo que só preso. Vae se soltar. Zefa Cajá foi-se embora.

Os canoeiros mettiam o remo na agua, furando a correnteza de lado a lado. Com a enxada entre as pernas e a marmita no braço, conversavam besteiras olhando a agua barrenta. E quando saltavam, empurravam-se uns aos outros, como meninos em recreio.

— Seu Carlinho desta vez limpa os chifres.

Fomos depois ao cercado. Os pastoreadores estavam lá, calças em tiras, sujos de lama até á cabeça. Como eram differentes daquelles pastores da Historia Sagrada, de cajado na mão atrás dos carneiros! Limpavam as bicheiras do gado, separavam os bezerros pequenos das vaccas de leite, botavam ração nos côchos, — miseraveis, sem nome, conhecidos, como os bois, por àlcunhas.

— Seu Carlinho chegou hoje? E seu Silvino tambem veiu?

Chegava outro com a lata de creolina para

matar as varejeiras de um boi amarrado no mourão. O bicho sacudia as patas para trás. Um menino mais moço do que eu catucando os tapurús da bicheira. Havia disto no Santa Rosa: gente muito mais infeliz que o Focinho de Lebre do "Coração", o mais pobre da aula, o que ia com o palitó melado de caliça do pae para a escola. Os livros começavam a me ensinar a ter pena dos pobres.

Voltei para a casa-grande com a satisfação de haver entrado na posse dos meus dominios. A mesa-de-jantar do Santa Rosa era dantes uma cousa grande para mim, estirada no meio da sala para que houvesse lugar para todos. Via-a nos dias de festa ainda maior. E no entanto agora não me parecia tão grande ali na sala-de-janta illuminada com a lampada de luz branca de alcool. As cousas do mundo estavam reduzindo as minhas admirações de menino.

O povo na casa-grande se mostrava em cerimonia para o chegado de novo. Contavam-me as novidades, dando-me considerações exquisitas. Mais tarde, na hora da ceia, o velho Zé Paulino bulia na historia da carta, achando graça.

— Vida boa é a de collegio, dizia o tio Juca troçando. Comida lá não tem medida. Menino não apanha, não leva carão.

A velha Sinházinha, na cabeceira da mesa,

contava a historia do filho que fugira de todos os collegios de Recife:

— Quincas botou até na marinha. Puxou ao pae.

A mãe tambem não seria este anjo que pensava.

Depois voltou-se para mim:

— Nem lavou os pés para vir para a mesa. Está solto de canga e corda! — mas rindo-se, como si fosse num agrado.

Comia as pamonhas do Santa Rosa com a ganancia de pobre em mesa de rico. O estomago disciplinado pela negra Paula regalava-se de lorde com a liberdade. Sentia-me em regosijo de festa no meio da minha gente, numa alegria absoluta de tudo o que era meu. A velha Sinházinha, debaixo da luz branca, criava outra cara, era bem outra. O terror do velho Maciel me ensinara que o governo da velha não seria o mais cruel deste mundo. O velho Zé Paulino contou uma historia do seu collegio. O pae mandava elle e os irmãos para aprenderem a ler com um marinheiro no Itaipu. O professor dava de corda. Tio Juca apanhava como o diabo. Quem os levava para a escola era a velha mãe delle. Um dia elle botou na bôca um caroço de arrebenta-boi.

— Tire isto da bôca, menino. Isto mata.

E o marinheiro dando nelles. Tio Juca, uma noite, foi ao matto, e trouxe um punhado de arrebenta-boi. De-manhãzinha botou na panela de feijão do mestre. Na hora do jantar foram ver o homem comer. Comia em cima de uma esteira. Elles ficaram de fóra para olhar a quéda do bicho quando engulisse o veneno. O professor tirou o feijão da panela, e passou nos peitos o cozido lambendo os beiços. E nada de caír. Arrebenta-boi não matava ninguem.

Outra era a historia do velho professor, um negro. Uma noite elle estava dando aula, e a candeia de azeite apagou-se. Um menino gritou:

— Estamos da côr do nosso mestre!

Apanhou tudo.

A mesa toda ria com a historia. E tio Juca, brincando commigo:

— O velho Maciel não dá de corda em ninguem.

Fui dormir a minha primeira noite do Santa Rosa sem saber onde estava, de tão contente.

E no quarto do tio Juca, feito homem. Os lençóes cheiravam a panno lavado, o bom cheiro das cousas limpas. E emquanto o aguaceiro se derramava nos telhados, chegava-me aos cobertores sem nojo. Como foi profundo aquelle somno de liberto!

De manhã o tio Juca não me deixou escutar os passaros do gamelleiro. Levou-me com elle para o leite gostoso das cinco horas. O mesmo ramerrão do curral. Mas tudo aquillo me apparecia com ares de ressurreição. O gado urrando como sempre, os moleques mettidos na lama, Christovam tirando leite que cantava no fundo da vasilha. Todo este quotidiano que ha seis meses não via, deslumbrou-me outra vez. Os cegos que recuperam a vista devem ter aquella gula de olhos para as cousas. Fui ao banho com o tio Juca que me interrogava sobre a vida do collegio.

— Disse a papae para lhe tirar de lá. Hoje não se castiga mais menino com bolos: está condemnado pelos livros. Mas o velho quer é que você aprenda. Bolo para elle não quer dizer nada.

Contei-lhe a historia do Elias. Riu-se muito:

— Mané Gomes quer botar passo em cavallo velho.

Voltámos do banho para o café com a mesa cheia. A menina da tia Maria chorava lá por dentro. E o milho cozido no travessão chegava levantar fumaça para cima. Requeijão, milho cozido, cus-cus, pamonhas. Como tudo isto era bem melhor que a bolacha mirrada do collegio!

Tia Maria me perguntou umas cousas, numa fala cansada. E pallida que estava a minha amiga, no seu quarto cheirando a mulher parida! Não havia duvida que Maria Menina avançára leguas nos annos.

— Doninha disse que a menina é a sua cara.

Olhava para a menina, e não via nada parecido com ninguem. Uma carinha sem physionomia, se espremendo em caretas.

— E' muito bonitinha, é uma graça, diziam as pessoas que entravam na camarinha.

Mas tia Maria me perguntava umas cousas por perguntar, sem interesse por mim. Sem duvida que agora seria toda para a sua filha. Tinha sido somente a minha mãe postiça. Abandonára-me pelo marido. Avalie então com a filha saída de suas entranhas. Aquella ternura pelo Carlinhos, aquelles cuidados, aquelles dengos, teriam sido mais exercicios que ella fizesse para a verdadeira maternidade.

Saí do quarto para os moleques, que não mudavam nunca: a amizade ali era de sempre.

XXIII

O grande sonho dos meus dias do Santa Rosa, depois dos carneiros e dos passaros, era metter-me com os moleques no pastoreador, passar o dia inteiro com elles, tomando conta dos bois e das vaccas do meu avô. Achava bonito aquelles meninos do meu tamanho com responsabilidades serias nas costas:

— Cadê o boi tal, seu Andorinha?

E Andorinha dando noticias do boi:

— Ficou atrás. Fugiu do gado.

Levavam a serio a resposta do menino do meu tamanho. Perguntavam as cousas a elles e acreditavam nas suas informações, davam-lhes serviços para fazer. E Andorinha, rasgado, com as roupas velhas da gente, a mochila com o seu taco de carne do Ceará e o punhado de farinha para o dia todo de trabalho.

A' tardinha voltavam. Em dias de chuva vinham mais molhados e sujos do que os bois, com os dedos das mãos engelhados de frio, para os mesmos serviços e as mesmas perguntas.

De volta do collegio, ninguem se importava muito com as minhas travessuras. Tinha direito de muita cousa aquelle que tirára seis meses de prisão. Fui com o gado para o pastoreador, levando tambem a minha ração para o almoço. Esperei o pessoal no caminho da ponte. Quando voltasse poderiam brigar commigo, mas contaria onde estivera e talvez achassem até graça. Com pouco mais lá vinha a boiada, com o moleque na frente de cacete na mão. Metti-me com elles, encantado com a aventura. Ficava atrás com Andorinha e Macacheira, gritando para os bois. Lembrava-me dos tangerinos da porta do collegio e das boiadas que iam para a Parahyba morrer na matança. Nós nos escondiamos nas moitas de cabreira para espantar os bois que vinham devagarinho. Os tangerinos já passavam no Santa Rosa prevenidos, de ouvidos attentos aos rumores.

Não era tão facil como eu pensava conduzir uma boiada. Tinha isto a sua sciencia, as suas manobras especiaes. Havia um tangerino negro que passava no Santa Rosa tocando uma gaita na frente da boiada. Era um gemido fini-

nho que o negro tirava do seu instrumento saudoso. Corriamos para ouvir a musica de cego pedindo esmola, mas que arrastava atrás della todo aquelle gado em tropel. Emquanto eu saía com os moleques, a minha memoria movia estas cousas da infancia. Não ouvira mais a gaita do negro na frente das boiadas. Morrera, sem duvida.

— Atalha a vacca Malhada! gritavam para um que se desgarrava atrás de uma novilha que queria voltar.

— Êh-booi! Êh-boi-laá! — aboiava na frente o balisa, de cacete na mão.

O gado ia passar o dia no verde das caatingas. Não havia trem por lá, e o pasto estava de primeira.

— Vá para outra ponta, seu Carlinhos!

Sentia-me orgulhoso com a tarefa, primeiro serviço no mundo que me davam. Os moleques tambem me ensinavam a trabalhar.

Subimos para o alto. Espremia-se o gado para não estragar o roçado dos moradores.

— Olha o algodão novo! — gritavam elles para nós.

— Não deixe o gado destruir a lavoura.

Tomava-se o aceiro dos roçados, defendendo-se o patrimonio dos pobres dos cascos da boiada. Ficava cada um no seu canto espiando o

gado comer. De vez em quando escutava-se um grito: um boi rompia o cerco e voltava logo para o seu lugar com um moleque atrás delle.

— Cuidado com o Javanês!

Era o fujão da turma. Mal se viravam os olhos, estava o inquieto querendo dar de pernas por longe.

Sentados debaixo de qualquer pé-de-mato sombrio, isolavam-se os vigias nos seus cantos. Lá para as onze horas comia-se o banquete. Uns faziam o seu fogo para assar no espeto a carne do Ceará, sem ao menos uma lavagem. Via os moleques satisfeitos com o que tinham para comer. E eu que me queixava das rações do collegio! Chegou um pé-dagua que me ensopou a roupa no corpo. E veio o sol para me enxugar a roupa no corpo. Andorinha assobiava no seu posto, de papo para cima. Macacheira trepava num pé de ingá, atrás do seu lanche das três horas. Com pouco mais outra pancada dagua. Senti um frio da cabeça aos pés. Fiquei tremendo.

— Seu Carlinhos não aguenta. Leva elle para casa de Massú.

Fizeram fogo na cozinha para esquentar a minha roupa ensopada. Vesti-me nos trapos do dono da casa. Era o melhor terno do seu guarda

roupa. E fiquei na beira do fogo esperando a chicara de café que me deram.

— Seu Carlinhos fez arte, dizia a mulher. O senhor não aguenta o repucho. O povo da casa-grande vae ficar medonho.

Era uma casa de telha com chão de barro duro. Tinha um quarto, uma sala, uma cozinha, para uma familia de uma porção de gente.

Os meninos por perto não me falavam. Falaram com Andorinha quando chegámos. E ali, sem ninguem com quem falar, falei muito commigo mesmo: Era esta a vida que eu invejava, a pobre vida dos pastoreadores. Passavam um dia assim, e quando chegavam no engenho iam dormir nas tulhas de caroço de algodão, na companhia inquietante das pulgas. Amanheciam de corpo encalombado, mas nas noites de chuva era ali o melhor quente que encontravam. Andorinha, Macacheira, Periquito — chamavam-se assim. Os seus nomes, elles mesmos até se esqueciam. Uns, eram dados de presente no engenho pelos paes. Abandonavam-os para os desvelos da mamãe bagaceira. Em pequenos achavam graça no que os molequinhos diziam. Amimavam-os como aos cachorrinhos pequenos. Iam crescendo, e iam saíndo da sala de visitas. E quanto mais cresciam mais baixavam na casa-grande. Começavam a lavar cavallos, a levar recados. Os

mais intelligentes ficavam, como o Zé Ludovina, no serviço domestico do Suserano. Os outros, perdiam o nome, bebiam cachaça, caiam no eito. E caír no eito, entre elles, era o mesmo que, entre as mulheres se chama cair na vida.

E ali mettido na roupa do pobre, melancolicamente verificava que era um rico.

A chuva continuava a caír em torrentes. E elles lá fóra, pouco se incommodando com os elementos. Isso de chuva fazer mal era somente para os ricos, os Carlinhos, os netos do coronel Zé Paulino.

A dona da casa cozinhava batata doce para o jantar. A panela de feijão tremia na trempe de pedra, com a isca de ceará por dentro para dar gosto. Vi-os comendo ás duas horas, na janta, como elles diziam. Os molequinhos com os pratos de barro na mão, enchendo as barrigas gravidas de vermes. Comi tambem aquelles caroços duros de feijão com farinha, aquelles pedaços de batata doce com café.

A' tardinha os moleques passaram para me buscar. Saí com elles fazendo o retorno da aventura muito sonhada, com a certeza de que os moleques do Santa Rosa eram bem daquelles pobres da historia sagrada. O gado, de cabeça baixa, voltava para casa sem ninguem na frente. De barriga cheia, desciam para a varzea, para o con-

forto do curral, sem dar trabalho aos meninos.

Em casa foi um barulho damnado quando cheguei. Todos brigaram commigo. O velho Zé Paulino:

— E' para isto que está estudando? Si fosse para ser vaqueiro, não precisava botar livros nas mãos. Melhor que tivesse ficado no collegio.

As negras me censuravam:

— Menino treloso! Si succedesse alguma cousa, botavam pra cima dos moleques.

Tia Maria mandou me chamar. E da cama me falou:

— Você quer caír doente? E se mettendo com esses moleques por ahi!

Ouvi tambem o meu avô brigando com os pastoreadores:

— Doutra vez que levar menino daqui do engenho passo-lhes o pau.

— Ninguem chamou elle não. Elle foi que foi.

Faltava o Javanês.

— E' por isto. Vão para o mato vadiar. Não cuidam dos serviços.

Mas o boi Javanês tinha instinctos de arrombador de cofres para romper as cercas, desviar-se das vigilancias.

Botaram na mesa o meu jantar. Pensei en-

gulindo a minha farta comida, na miseria da casa do Riachão, na farinha secca de Andorinha. Na cozinha a negra Generosa distribuía a ração dos pastoreadores, descompondo. O mesmo para variar: carne do Ceará com farinha secca. E elles ficavam do lado de fóra conversando:

— Vamos brincar de manja?

E iam para o pateo da casa-grande correr, como meninos que tivessem passado o dia em casa na vadiagem.

Eu não tinha força para nada. Os pés me doíam. As pernas pareciam molambos. Caí na cama como uma pedra.

De manhã acordei com os passaros do gamelleiro cantando. Não quis levantar-me para o leite. E dentro do peito o puxado piava. Rebentara outra vez com as chuvas da vespera. Ficava provado que eu não podia ser como os moleques do Santa Rosa.

XXIV

Três dias de recolhimento, com os meus passos tomados pela asthma. Ficava no quarto do tio Juca pensando besteiras, lendo os livros delle de cima da commoda. Havia um que elle lia todas as noites, uma meia hora antes de dormir, com o castiçal perto da rede: era um romance immoral, com umas figuras como aquellas dos cartões que elle tinha. E quando elle saía, eu ficava lendo o livro, com a excitação de quem estivesse com uma rapariga no quarto. O Santa Rosa lá por fóra devia estar nos seus dias maravilhosos, pois levantára um sol para fazer mais verdes os campos e abrir as flores de todo o jardim que era o engenho. Mas nos meus dias de doença o livro do tio Juca fechava-me os ouvidos e os olhos a tudo que não fossem aquelles amores de seus heroes. Fazia o meu ensaio

na literatura frascaria, e nunca um livro se ligou tão intimamente com as minhas tendencias. Lendo-o, era como si estivesse animando os meus sentidos, doidos para se soltarem. O homem da historia só vivia de beijos e de coitos; as mulheres se expunham nas figuras em trajes naturaes.

Podia o Santa Rosa dar festas com todos os encantos de sua natureza, enfeitar-se nas estacas dos cercados com o florido das suas trepadeiras. Podia o mussambê cheirar como um frasco de extracto derramado pelo caminho. Eu não sabia de nada, com o meu puxado piando, e naquelle mundo differente do em que eu vivia, o mundo alegre do romance do tio Juca.

A literatura começava a me seduzir com ares assim de deboche. Era o primeiro livro que lia do começo ao fim por gosto, sem a obrigação da lição. E me empolgou a leitura de tal fórma, que me confundia com os desejos libertinos da historia. Tio Juca passava o dia inteiro por fóra. Vinha para o almoço, e voltava para o serviço até de noitinha.

— Você anda lendo os meus livros, hein?

E não brigou commigo. Tirava a roupa e se mettia na rede para o somno profundo. Com as minhas vigilias de asthmatico, ouvia o seu ronco rythmado, forte, bem differente daquelle ester-

tor de Aurelio. Achava boa a vida de tio Juca. Queria ser como elle. Tinha dinheiro no bolso para gastar. Fazia tudo o que desejava. Ia ao Recife de vez em quando. Ninguem mandava nelle. O velho Zé Paulino lhe falava com cerimonia, dizendo as cousas para elle ouvir a outras pessoas. Podia não gostar de um mal-feito do filho, mas se desabafava com historias allusivas e indirectas. Tio Juca tambem não vivia de conversas com o pae. Amizade curiosa, aquella, que não se derramava, que só trocava palavras nas precisões inadiaveis. Lembrava-me de Maria Pia, do dia do juramento em cima do livro. O meu avô não disse nada ao filho. Fechou a cara somente uns dias, e depois passou a raiva do velho Zé Paulino. Na mesa nunca ouvi os dois em dialogo de pae para filho. "Meu filho", "papae", — todas estas delicadezas familiares eram desconhecidas dos meus amigos. E no entanto o velho morria por esse filho. Agora eu estava conhecendo melhor o tio Juca. Em pequeno viviamos mais de longe embora gostasse muito de mim. Não era desses que descem de sua idade para ficar no nivel da infancia, com brincadeiras, desses que gostam de meninos. Tinha a mesma seccura do pae, a mesma sobriedade nas affeições. Parece que eu crescera não sei quantos annos para elle, pois me falava

desde a minha volta do collegio quasi como a um companheiro, a um camarada. E os três dias de doença ainda mais me aproximaram do meu tio.

— Não leia estes livros, que fazem mal, me disse sem brigar, advertindo somente.

Doutra vez:

— Você está amarelo demais! Que diabo é isto? Abra o olho: este negocio offende.

Eu sabia o que meu tio pretendia ferir, até onde ia sua malicia.

— Você precisa dar um passeio por fóra.

Sabia tambem a extensão do seu conselho. Um passeio por fóra, chegar terra para o pé da canna, era como elles se referiam á necessidade do coito para a saúde. Elles tinham este preconceito contra a castidade. Attribuiam á abstinencia uma porção de males. Havia amarelos por isto, doidos por falta de mulher. Vinha ao engenho um parente nosso, chamado Fernando, que soffria de ataques, um meio leseira.

— Aquelle bicho precisa é vadiar um pouco, dizia tio Juca.

No engenho existia um negro mysterioso, filho do velho Amancio. Os moradores contavam cousas exquisitas do moleque: nunca andára com uma mulher. Um escandalo para aquelles simples! Lembrava-me delle ouvindo o tio Juca insinuar as suas referencias a meu respeito.

Tocava viola. Gostava de ouvi-lo batendo com os dedos nas cordas, gemendo mais do que cantando. Os outros mangavam delle:

— Negro besta, aquillo é um pomba lesa!

Preto, bem preto, depois que ouvi os negros cantando "blues" nos cinemas lembrei-me delle: era aquella mesma dolencia, a mesma nostalgia de olhar sem ruindade. Era um casto. No meio daquella sodoma da bagaceira, esquivava-se de correr, como os companheiros, atrás das molecas. Contavam historias: que fizera uma mulher de pau para elle; dormia com a estatua de cavassú e fazia os seus amores com a obra-de-arte.

Morava com o pae para as bandas da Areia, uma especie de provincia da confederação Santa Rosa. O velho Amancio era sertanejo. Descera para a varzea na seca de 77. E ficara para o resto da vida com o meu avô. Não ia para o eito. Vivia no seu sitio sem pagar fôro, com a unica obrigação de dar o ponto nos queijos, que só elle sabia fazer no engenho. O filho era livre como elle. Quando apparecia com a viola, encontrava sempre o seu auditorio.

Lembrava-me do moleque ali no resguardo do meu puxado. O negro João do seu Amancio, o casto do Santa Rosa, tinha uma mulher de pau para se servir.

Guardar castidade, pedia o catecismo. Isto

para a minha gente era um sacrificio ridicularizado. Estava ali o tio Juca, um homem bom. Tratava bem os seus trabalhadores, trabalhava de manhã a noite, tinha um frasco de quinino no quarto para dar de remedio ao povo. E no entanto vivia com as mulheres, com as raparigas no Pilar, no Santa Rosa, e lendo livros safados. E alem de tudo o mais, me mandando para o amor: "Você precisa dar um passeio por fóra". O velho Zé Paulino devia ter sido como elle, fazendo filho por toda parte. Seu Fausto machinista não era seu filho? Ouvira contar a historia de Teresa Beiçuda, uma pompadour de São Miguel. Tio Joca, o irmão mais moço de meu avô, fazia-lhe filhos todos os annos. Uma vez, numa festa da padroeira, a mulata appareceu de chapéo na igreja. Foram dizer a tia Nenen. Era um atrevimento da cabra. E quando saíu da missa, dois escravos lhe rasgaram o chapéo de plumas na porta da igreja, lhe arrancaram as anquinhas da moda. Todos aquelles senhores de engenho faziam o mesmo que tio Juca. E eram homens de tempera, limpos de honra, de respeito. Parecia-me que o padre de Itabaiana augmentava as cousas. Não tinham elles oratorios em casa? Não faziam promessas, não davam tanto dinheiro para as igrejas? Logo Deus não

os teria assim debaixo de suas iras. O velho Zé Paulino quando morresse só podia ir para o céo.

— Seu Cazuza é um santo — dizia o negro Mané Pereira. Fui escravo delle; era o melhor senhor das redondezas.

E no entanto as negras pariam do velho Zé Paulino. Que seria melhor — fazer essas cousas ou dar nos negros, roubar terras dos outros, mandar matar os inimigos? Cogitações profundas que me proccupavam ali no quarto do tio Juca, esperando que o puxado me abandonasse. Quem seria melhor: elle ou o Ursulino de Itapuá, enterrando escravos na bagaceira? Para o padre de Itabaiana eram iguaes. O inferno era para elles dois. Não. O meu avô na frente de Ursulino passava por santo. Que falassem os seus moradores. Lembrava-me de dois que o feitor encontrára dentro da roça roubando mandioca. Chegaram amarrados na porta do engenho.

— Que fez esta gente?

— Estava roubando mandioca, seu coronel.

A mulher caiu nos pés do meu avô, chorando.

— Acabe com isto.

E foi na gaveta, e lhe deu dois mil réis de prata, daquellas com a cara do imperador.

— Podem ir embora. Em vez de reparar no

serviço, veem-me para aqui com estas besteiras.

Então toda essa grandeza moral não valia nada para Deus? Iria o velho Zé Paulino de braços com o Ursulino para o inferno, somente porque deixara em rapaz a sua vitalidade livre? Devia haver um meio de salvar o meu avô daquellas penas.

Perguntei um dia a tio Juca por que não se confessava. Elle riu-se para mim:

— Não tenho peccado não, menino. Lá em cima é que a gente dá contas a Deus.

— O senhor pode ir para o inferno.

— Que inferno! Inferno é isto aqui na terra. Acredito nisso não. Você está é um devoto. Só Mané Pereira.

Era o negro que pedia esmola para São Benedicto. Andava de opa pelas estradas, com um prato na mão cheio de rosas e uma coroa de prata dentro. Falava-se delle, punha-se em duvida a sua honestidade:

— O negro cae com os quartos! Sustenta os homens com o dinheiro do santo.

Sei lá! Podia tudo ser mentira. O andar miudinho do negro velho é que trazia aquellas suspeitas vergonhosas.

Depois tio Juca saía, e eu continuava pensando na impiedade da minha gente. Pela legislação do catecismo não escaparia ali nenhum do

inferno. Tambem o meu avô não acreditava nas cousas da igreja. Só existia um Deus e os santos para elle. Tudo mais era conversa de padre. Mangavam de um parente nosso que vivia na igreja, rezando. Dizia o velho *Zé* Paulino que quando o seu primo batia nos peitos era dizendo:

— Fazei-me rico como o dr. Quincas! Fazei-me rico como o dr. Quincas!

Levavam-se ao ridiculo os homens que se confessavam. E até iam mais longe:

— Lula atrazou-se foi por estas cousas. Só quer viver de igreja.

Davam-se como azarentas as amizades com os padres.

Era um povo eleito para o inferno. E no entanto, uns homens bons, cheios de grandezas moraes, de dignidade de vida. Isto, porém, nada valia para um só peccado mortal. No meu intimo achava Deus muito injusto, um juiz que não pesava attenuantes. Havia uma imagem do juizo final muito popular entre nós: era Deus com uma balança pesando os bemfeitos e os malfeitos dos homens. Numa concha botava as boas cousas praticadas, noutras as ruindades. Si subisse um lado, seria o inferno ou o céo que Deus indicava. Pelo catecismo aquillo não era verdade. Podia um lado da balança estar cheio de

grandes cousas, mas do outro um dia de domingo sem missa, um olhar cubiçoso para a mulher do proximo, e estava tudo perdido. Tio Juca affirmava que o inferno era este mundo onde viviamos. Seu Coelho achava que tudo não passava de conversa dos padres. O velho Zé Paulino dormia o seu somno de justo, sem se lembrar do juizo final. Todos assim me davam essas lições contra as affirmativas do meu catecismo.

Mas as cogitações de asthmatico se sumiam. Os livros do tio Juca mostravam para mim um mundo mais agradavel, uma gente mais facil de se viver com ella, uns fantoches de luxuria, os homens e as mulheres de Paulo de Kock.

XXV

Saí das leituras galantes para a alegre camaradagem da natureza. Accesso fraco o do puxado, sem a ansia agoniada dos outros. A idade me curava dos achaques da infancia. Os três dias de prisão no quarto do tio Juca me fizeram de meditativo. Misturei a lubricidade dos livros com as cogitações de minhas duvidas religiosas. A bondade do velho Zé Paulino me tirava o medo do inferno do padre de Itabaiana. Um homem daquelle não podia soffrer pelas irregularidades de seus desejos de rapaz. E sem o medo dos castigos, e com o exemplo do meu avô, tomei o conselho do tio Juca. Andei por fóra com mulheres. Já parecia um homem para ellas. Quatorze annos bem que eram uma maturidade para aquelles desregramentos. Depois da ceia nos botavamos para as aventuras, eu e os mole-

ques maiores. Havia pastos novos que não conhecia, e um pastoril no Pilar. Dianas, mestras e contramestras mostravam as suas pernas. Os moleques punham-se debaixo do tablado para sondagens perigosas. E davamos gritos aos cordões subindo e descendo as bandeiras conforme o enthusiasmo do povo. Os filhos do José Medeiros nos provocaram. E deu-se um barulho. Saiu um de roupa rasgada e o sobrinho do Padre Severino de cabeça quebrada. Corremos para o engenho, como um exercito que procurasse a sua base de fortificação. A queixa chegou ao meu avô: os netos delle andavam fazendo barulho na rua. Chamou-me para o carão. Não queria arruaceiros na familia; eu estava prohibido de pisar no Pilar. E dias depois pegaram o sobrinho do padre com uma espingarda de cano de chapéo-de-sol esperando um de nós numa moita da estrada. Tio Juca me falou:

— Esse menino do padre não é cousa bôa. Gente do sertão é um perigo. Por qualquer besteira tocam fogo um no outro.

Ninguem tinha medo de espingarda de chapéo-de-sol. E o primo Silvino tinha chegado do Diocesano. Andava limpando umas carabinas que o meu avô guardava por detrás do guarda-roupa. Aprendera a manobrar a arma no Tiro do collegio. Mas essas limpezas faziam-se

ás escondidas. O sobrinho do vigario que se prevenisse com o primo Silvino.

— Quando elle passar para a missa de São Miguel elle vae ver.

Passava com o tio sempre, pela manhã do domingo, para a celebração. E domingo a desgraça estava feita. Dormi sexta-feira com a historia na cabeça. Calei todo o sabbado o meu susto. De noite, porém, abri-me com o tio Juca:

— Silvino quer atirar no sobrinho do padre amanhã.

Delatei a conspiração tirando um peso da consciencia. Ao somno de sexta-feira, povoado de sustos, succedeu o daquelle sabbado, de coração desafogado. E quando acordei no domingo, tio Juca já tinha alarmado. Ouvia da rêde os gritos do velho Zé Paulino:

— Ora já se viu! Um neto meu botando emboscada! Com quem aprendeu isto? Valentão na minha familia não existe. E a gente do pae é toda mofina. Avalie que desgraça si o Juca não descobrisse! Ia para a cadeia, fique sabendo. Mandava botar na cadeia.

A velha Sinházinha acolytava a raiva do meu avô, chegando lenha naquellas chammas que durariam um momento:

— Menino impossivel! Você não sabe? Este

menino não mandou uma carta ao João de Taipu ?

— Carta pro João de Taipu ?

— Sim, escreveu ao João pedindo pra dar uns lances na lagôa, fazer uma pescaria lá, dizendo que você tinha parte no engenho, e por isto tinha direito.

— Mas que atrevimento! Não sabia desta! O que não terá dito o João? Sem duvida haveria de pensar que eu mandei este recado. Já não gosta de mim... Isto é o diabo! Juca, você sabia disto?

E o tio Juca, chegando-se:

—Estive com o dr. João. Achou até graça na cousa.

— Achou graça? falava a velha Sinházinha. Mas isto não se faz... E' preciso acabar com estas ousadias. Estes meninos estão se criando como animaes.

Eu ouvia tudo isto do meu quarto, entre os lençóes.

— O outro está dormindo. Preguiçoso que só João de Noca.

Ficava com medo que o barulho viesse pra cima de mim. Aquillo, porém, era de pouco tempo. As raivas do velho eram trovoadas que não offendiam ninguem. Não caíam coriscos daquel-

les relampagos em secco. E o ringido da voz da tia Sinházinha:

— Zé Paulino não sabe educar. Não tem coragem de metter o pau. E' um banana. Si fossem filhos meus não faziam estas cousas. O meu se perdeu porque ficou-se com o pae.

Levantei-me da cama com o tempo limpo. Não havia mais receios de tempestades. Vimos o padre passando na estrada e de lá tirando o chapéo para o meu avô. O primo Silvino sentado na banca de cabeça baixa, amuado, com os cabellos louros de espeta-cajú. Ficou medonho commigo, sem falar, me jurando para a primeira vez que me pegasse. Era um autoritario. Queria ser chefe de tudo, mandar nos outros como em propriedade sua. Não me daria bem com um temperamento assim tão absorvente. E por isto soffria o diabo nas suas mãos. Mais forte e mais velho do que eu, junto delle me annulava, não tinha força para os moleques. Silvino nos fulminava a todos com as suas ordens. Tudo elle sabia fazer, de tudo entendia. Na frente desse despota o que poderia empreender o Carlinhos da tia Maria ou o atrasado Carlos de Mello de seu Maciel? Tinha odio ao meu primo. Porque fosse elle mais forte ou porque me tratasse daquelle geito, o facto é que eu o achava odioso, mau, pondo-se acima de todos nós para mandar, para

só elle ser ouvido. Falava muito num curso de madureza que estava tirando. Era segundannista. A velha Sinházinha debochava:

— Cadê o Madureza? Isto sabe lá cousa nenhuma! Madureza de merda!

Nestas occasiões eu queria bem á tyranna. O pae de Silvino era sobrinho de um barão. Seu orgulho e sua soberba estavam neste barão. A velha castigava esta empafia:

— Vem cá, barãozinho. Barão cousa nenhuma!! Que riqueza deixou o barão para teu pae? Zé Paulino é que sustenta a tua laia toda.

Eram inimigos terriveis os dois. Aproveitava-me deste conflicto. A velha dava-se então inteiramente a mim:

— Carlinhos, toma este sapoti.

Isto quando Silvino estava por perto.

— Carlinhos, vá-se vestir para ir pro Pilar hoje commigo.

Tudo para fazer raiva ao inimigo. Silvino sabia vingar-se. Ella criava um saguim. Toda a ternura que recusava ao genero humano, reservava para o seu bichinho. Uma mãe loba para esta cria. Um dia o animal amanheceu morto na gaiola, furado de faca não sei quantas vezes. Aquelles olhos seccos, duros, molharam-se nesse dia. O verso dizia: "só as pedras não choravam porque não sentiam dôr." Mas era mentira. A

velha Sinházinha chorou com a morte do seu saguim. Vi o velho Zé Paulino contrariado, de cara fechada no almoço, de cara fechada no jantar. Vivia com a cunhada sem trocar palavras, cada um mandando no seu lugar á vontade. Mas devia lhe querer muito bem. Si tivesse a certeza da autoria do crime, o primo Silvino apanharia pela primeira vez de suas mãos. Agora, com a historia da emboscada do sobrinho do vigario, a velha vingava-se. E ainda na calçada gritava:

— Está ahi o Madureza, o sobrinho de barão. Estudo lhe serve de nada! Está estudando é pra cangaceiro! Si eu fosse Zé Paulino, deixava esse cachorro cambitando canna.

Para que negar? Gostava da velha naquelles momentos. Via um adversario impiedoso abatido a seus pés. Ella o machucava, pisando por cima.

Mas o odio de Silvino virou-se para o seu primo mais fraco. Olhava para mim de seu canto como si eu fosse um pedaço de carne para a sua fome de onça, comendo-me com os olhos. Tio Juca saíra. Fiquei rondando o velho Zé Paulino, temendo a aggressão, o desabafo da féra. Naquelle dia não me pegaria. Defendi-me no meio dos maiores. Anoiteceu sem que eu désse um passo por fóra. Podiam as goiabeiras offerecer o que quisessem. Seriam inuteis todas

as iscas. O primo Silvino matára o saguim da tia Sinházinha. Não precisava advertencia mais clara.

Disse ao tio Juca:

— Silvino quer me dar porque lhe contei a historia.

— E você tem medo delle?

— Elle é maior.

— Não se importe com isto. Passe-lhe o braço.

Mas foi ao meu primo:

—Si você tocar em Carlinhos, arrepende-se, estou lhe dizendo.

Só Silvino mesmo para ter medo de ameaças. Começou a me perseguir. — Metta-lhe o braço, aconselhava tio Juca. Era muito facil dar conselhos daquelles. Para onde eu ia elle me acompanhava, procurando a sua opportunidade. Vi que não tinha mais geito sinão enfrentar o inimigo com forças que não eram as minhas. Armei-me de uma lanceta do meu avô, o unico instrumento de operação do engenho. Era só para fazer medo. Quando elle partisse para o meu lado, puxaria a arma e elle correria.

Estava na horta descansando; quando vi foi Silvino atrás de mim:

— Você está aqui, seu cachorro? Vá agora chamar tio Juca!

Nem deu tempo de me defender de armas na mão. Mas com o primeiro murro nas ventas, a dôr me deu coragem que não sabia escondida em mim. Metti-lhe murro tambem. Grudámo-nos pelo chão, na lama. Não sabia lutar, mas sabia me defender. E devia ter surpreendido o aggressor com as minhas dentadas. Fiquei por debaixo delle. Batia-me sem piedade. Lembrei-me, então, num segundo, da lanceta, e num segundo mandei-lhe na perna com força. Saiu gritando como um cachorro apanhado.

Immediatamente me dominou o pavor do crime. Fiquei no meio das arvores, aterrorizado, esperando a ordem de prisão, fóra de tudo, como naquelle dia do collegio em que quebrara a cabeça do moleque do doutor Bidú.

O primeiro que chegou foi o velho Zé Paulino. Encontrou-me chorando debaixo do sapotiseiro maior.

— Dê-me a lanceta. Que é isto no seu nariz ?

Corria sangue, eu não tinha dado pela cousa.

— Passe-se para casa.

E fui para a casa-grande com elle me segurando pelo braço. Já estava, porém, de advogado. O tio Juca me defendia:

— Ante-hontem chamei o Silvino porque elle

queria dar em Carlinhos. E' um malvado. O menino, si fez isto foi forçado.

— Precisam apanhar os dois, gritava a velha Sinházinha.

Limpavam-me o nariz ensanguentado e a cara melada de lama..O arranhão de Silvino não fôra nada: um talhozinho sómente. A casa-grande estivera nos seus dias de alvoroço. Mas não apanhei. Tio Juca levou-me para o quarto delle me consolando:

— O bicho chegou apanhado. Você fez mal em levar a lanceta do velho. Mas nunca mais o valentão lhe insulta. Chegou aqui amarelo, gritando, com a perna pra cima. Fique ahi deitado, para estancar o sangue do nariz.

E no isolamento do quarto, os factos começaram a se repetir devagar, como numa representação de camera lenta. Via Silvino chegando para me dar, e eu me defendendo. Elle montado em cima de mim, e eu tirando a lanceta. Lembrava-me de tudo. Reproduzia o succedido, surprehendido eu proprio de como fôra arranjar tanta coragem para aquellas cousas.

XXVI

Estavamos quasi todos no alpendre da casa-grande, quando chegou o moleque do correio com os jornaes. O meu avô passou a vista nas cartas e leu alto: "Illmo. e Exmo. Sr. Carlos de Mello."

Uma carta para mim. Achava impossivel isto: menino recebendo carta. E ali estava uma. Abri com a curiosidade de quem desembrulhasse um brinquedo, aquella primeira mensagem que o correio me trazia. Era de Coruja, o meu querido Coruja do collegio.

— De quem é esta carta? me perguntaram.

— E' de José João, um menino de Itabaiana.

Interessante é que não o chamava pelo appellido. Assim de longe o José João ficava melhor para impressionar.

Fui ler o que me mandava dizer o amigo. Contava cousas de lá. Aurelio estava caído, doente. Seu Maciel escreveu para a casa delle, e não veiu ninguem buscar. O velho via a hora do menino morrer no collegio. — Falava da saudade delle por mim. Maria Luíza não voltaria mais, pois o pae mudara-se para a Parahyba. E a noticia maior: ia ser decurião. Felippe se empregara no commercio. Seu Maciel falara com elle para ficar. Era bom: não pagaria mais nada. O pae ficaria livre do peso.

Uma carta, esta, toda parecida com Coruja. Os moleques se interessavam tambem. Achavam uma cousa do outro mundo o nome de uma pessôa em cima de um sobrescripto. Então me exaggerava para que Silvino ouvisse:

— José João é um meu amigo do collegio. Estuda francês. Vae para o anno pro Diocesano.

De noite, porém, o collegio chegou-me no Santa Rosa. A carta do Coruja botava-me outra vez ás ordens de seu Maciel. E emquanto esperava o somno, pensava nos factos que a carta me expusera com tanta simplicidade. Aurelio doente, Maria Luíza na Parahyba, Coruja decurião. Parecia que estava ouvindo o director falando do pae de Papagaio. E o seu Coelho preparando as doses. Tive pena do collega. Por que haveria gente assim com aquelle destino, mais feia, mais

doente, mais infeliz do que os outros? Onde estava o grande coração de Deus? Aurelio tinha roubado, tinha matado ou deshonrado os seus paes? E ouvia as negras tirando a banheira do banho de tronco de meu avô. Arrastavam as chinelas pelo chão, e a agua dançava no vaso, fazendo barulho. A casa dormia o somno pesado de consciencias em paz. Pensei em Maria Luíza. E — para que negar? — nem pensava mais nella. Si Coruja não me falasse, não sentiria aquella saudade que a noticia me deu. Os cabellos pretos e anelados, os olhos grandes e o riso bom, todo o encanto della me chegava ali entre os lençóes lavados do Santa Rosa. O tio Juca não chegara ainda. Sem duvida que andava atrás das mulheres. E com a saudade de Maria Luíza, e com a idéa no tio Juca lá por fóra, um desejo ruim se misturou ás minhas recordações do collegio. A lembrança de Coruja chegou-me de repente, no meio da tentação, e venceu a libertinagem que arrancava. Ia ser decurião. Parece que estava escutando o director: — Seu José João, tome conta destes meninos. — Seria bom para mim Coruja como decurião? Não daria parte das minhas faltas. Amigo era para isto.. Em todo caso a gente ganhava com a saída do outro. Felippe dava tudo para que um de nós fizesse qualquer cousa de mal feito, para o enredo. Quanto

mais nomes para o relatorio, melhor seria. Agora o collegio perdera esse lugar-tenente sem entranhas. Entrava em seu lugar um bom.

De manhã ainda li a carta do amigo, olhando para o sobrescripto vaidoso como si me mirasse num espelho. Aquelle Carlos de Mello com um Illmo. e um Exmo. fazia-me de grande e respeitavel. Achava bonito o nome do tio Juca por extenso, em letra de typographia, no endereço de "La Hacienda". Havia gente fóra do Santa Rosa que sabia o seu nome todo, e outros escrevendo-o na machina de fazer jornal. Tinha uma admiração supersticiosa pela letra de fôrma. Silvino fazia uns carimbos com o nome delle, com iniciaes de todos os geitos. Marcava assim as camisas, com aquellas letras bonitas. Enchia-me de inveja a sua importancia. Mas a carta de Coruja batia todas estas vantagens. Chegara pelo correio, com a marca da agencia, uma carta para mim. Guardei o enveloppe. E gabava-me da amizade de José João, contando os seus adeantamentos: — Elle sabe francês, elle estuda algebra. — Mas Silvino mangava:

— Seu Maciel sabe cousa nenhuma !

— Sabe mais do que você. Você aprendeu com elle.

Abandonava a polemica no meio, porque sinão a cousa viraria em conflicto. Não tinha mais

medo do ferrabrás. A lição da lanceta em punho dera-me coragem para falar na frente delle sem sustos. Perdera toda a goga para o Carlinhos. Carlos de Mello sabia se defender como homem. A carta de Coruja trouxera-me um bocado de vantagens. Ficara o primo sabendo que um amigo me dava noticias, e um amigo adeantado. Mesmo os moleques que Silvino dominava, os que me olhavam como para um sem forças, já iam atrás das minhas ordens. — Faça isto. — E faziam. Nada como um acto de força para a conquista do poder. De que me tinham valido todas as minhas condescendencias para com elles, aquillo de tratá-los como um irmão de sangue? Não me valeram de nada. No dia, porém, em que me firmei como um forte, capaz de furar o outro de lanceta, o prestigio cresceu: "Quem me disse isto foi Carlinhos"; logo devia ser verdade; "quem me mandou fazer isto foi Carlinhos"; e estava bem feito. Signaes evidentes de que eu mandava, de que podia affirmar. O chefe supremo não estava sozinho por ali. Commandava os meus moleques, os meus asseclas. Não andava mais com subserviencias para com o primo Silvino. Si elle quisesse experimentar, que viesse.

XXVII

O dia de S. Pedro chegou para me encontrar bem triste.

A casa-grande cheia de parentes de outros engenhos. Tio Lourenço viera de Recife com uma porção de amigos. Seu Zé Victor tambem, com umas bagagens de malas enormes carregadas de fazenda. O negro Amancio escolhia no picadeiro de lenha os angicos para a fogueira.

S. Pedro era o grande dia do Santa Rosa. O natal, o S. João, passavam-se ali como dias communs. S. Pedro, anniversario do velho Zé Paulino, festejava-se no engenho como a maior data.

Mas naquelle anno, em que, de alma saturada do collegio, sonhava com a grande festa da familia, uma noticia secca, rapida, mudaria os meus planos. O homem da estação trouxera um

telegramma para o meu avô. Um telegramma no engenho seria sempre uma cousa rara, um acontecimento. Ou gente pedindo cavallo para a estação, ou noticia de morte. Daquella vez o velho leu o papel de cara fechada. Mostrou á tia Maria, que já andava de pé, e começou o murmurio na gente grande da casa. Depois me chamaram, e a minha tia me disse:

— Carlinhos, vou-lhe dar uma noticia ruim.

Não lhe disse nada, espantado, á espera.

— O seu pae morreu.

Eu tinha meu pae como morto. Lembrava-me delle com a saudade por um defunto querido. Mas doeu-me a noticia, porque as lagrimas pularam dos olhos. Tia Maria beijou-me pela primeira vez desde a minha chegada.

— E' isto mesmo. Coitado! Tinha soffrido tanto!

Fui para o quarto pensando. E a idéa da morte trancou-se commigo. Mentiria si confessasse uma magoa profunda com o meu pae morto. Guardava por elle mais saudade que amor. Separado ha annos de seu convivio, sabendo-o perdido para sempre, soffria mais pela sua desgraça. Recebendo a noticia da sua morte, chorei como os que choram nos dias de finados pelos desapparecidos da familia. Separado dos outros, na meia escuridão do quarto do tio Juca,

um pensamento absurdo mas vivo começou a existir, a me dominar, invadindo o meu raciocinio, tomando os passos da minha imaginação. Queria fugir delle, mas ficava preso como nos sonhos, sem força para arredar o passo do lugar. O medo da morte envolvia-me nas suas sombras pesadas. Sempre tivera medo da morte. Este nada, esta destruição irremediavel de tudo, o corpo podre, os olhos comidos pela terra, — e tudo isto para um dia certo, para uma hora marcada, — me faziam triste no mais alegre dos meus momentos. Tinha medo dos enterros. A minha escola no Pilar ficava perto do muro que dava para o cemiterio. Os sinos dobravam, e todos os enterros passavam por lá. Não podia olhar o caixão. Fechava os olhos. Ouvia dizer que si a pessôa ficasse olhando até se sumir o defunto, elle viria na certa buscar a gente. E quando no engenho via os enterros de rede? Não compreendia nada mais doloroso do que aquillo: aquelle corpo envolvido numa rede suja, coberto de um panno branco, dependurado na vara, balançando nos hombros de dois homens. Corria para dentro de casa quando o enterro surgia na estrada. E o dia ficava perdido. Uma tarde, no Pilar, na igreja, um menino da rua me chamou para mostrar uma cousa na sacristia. E abriu um caixão comprido com um

Senhor Morto dentro. Estremeci, arrepiado de horror.

— Está com medo? me perguntou o menino com a maior simplicidade do mundo.

Até as imagens me atemorizavam daquella maneira. E o homem do engenho que morrera e que ficou por muito tempo gravado na minha memoria, com a sua cara infernal me perseguindo? Ouvia falar nos quartos de defuntos, admirado da coragem do povo de passar uma noite com um morto na sala estendido. Ás vezes ia andando distrahido, sem pensar em cousa nenhuma. E de repente me batia uma visita inesperada, a idéa infeliz. Pensava: quando será o dia da minha morte? Via-me estendido num caixão, e os parentes em redor. Botavam-me a vela na mão, amarravam-me um lenço no queixo. E aquelle lenço e as mãos cruzadas tomavam conta de mim. Para onde ia olhava a reproducção destas cousas me procurando.

A noticia da morte de meu pae me vinha fazendo pensar nisso tudo. Ha mais de hora que estava sózinho imaginando, me vendo, me mostrando a mim mesmo. Tio Juca chegou no quarto para me falar:

— Deixe de choro. A vida é isto mesmo. Vamos lá para fóra, meu filho.

E levou-me para o meio dos outros. Ria-se

de tudo, entre os parentes reunidos. A morte de meu pae fôra noticia de um facto velho, de que já pareciam ter conhecimento. Ninguem se preocupava com um doido de ha dez annos. E, calado, eu via a fogueira queimando no pateo e o chiar do mijão dos meninos brincando. As pistoletas estouravam as suas bolas de fogo. Na banca do alpendre, com a conversa de todos e a brincadeira dos meninos, era o mesmo que si estivesse no quarto do meio do collegio, de castigo. Sentia ainda na bôca o gosto salgado das lagrimas engulidas, e para onde olhava descobria o morto escondido no caixão, de braços cruzados. Ouvia tio Juca contando a historia da briga com Silvino, para lisonjear a minha coragem:

— Muito menor do que o outro, e botou-o para correr.

Elle queria sarar a minha magoa. Ia criando interesse para mim a historia. E de subito, num segundo, voltava a visão do meu pae morto, de braços cruzados.

O tio Juca me abraçou:

— Não chore, menino. O que é isto?

E os outros chegaram para perto:

— Coitado!

Não vi mais nada, não senti mais nada daquelle sonhado S. Pedro do Santa Rosa.

XXVIII

Fui o ultimo a retornar ao collegio. O luto do meu pae me reteve uns dias no engenho. Fizeram-me roupa preta.

O velho Maciel recebeu-me de cara alegre, perguntando pelo meu avô. E no recreio vieram me magoar:

— Está de luto do pae. Elle morreu no asylo?

Ouvia estes commentarios quasi que insensibilizado pela saudade de casa. Sentia uma saudade differente daquella do primeiro dia de internato. Agora já sabia o que era a cadeia. E este conhecimento mais me atormentava. Não ignorava nada do que me reservavam os cinco meses de sentença a tirar.

Encolhi-me pelos recantos para mais me sentir só, sem ninguem por perto. Coruja veio-

me falar. Por que diabo achava o amigo differente? Indagou a razão do meu luto.

— Não sabia que seu pae tinha morrido. Você tambem não me escreveu...

Conversou mais tempo. Mas faltava uma cousa, um signal evidente da sua pessoa. Que teria succedido ao amigo? Succedera-lhe na verdade uma desgraça: Coruja era decurião. Entrára nelle o poder. Sim, elle era decurião. Isto, porém, não lhe viria mudar o caracter, deformar a sua personalidade.

Depois elle se foi, e eu fiquei a pensar. Não podia ser verdadeira a minha impressão. O cargo teria força para mudar aquella candura, aquelle coração grande do meu amigo?

Seu Coelho me recebeu de braços abertos:

— Olá, comeu muita canjica? Conte-me lá as proezas:

Aurelio continuava doente, melhorado da crise que quasi o levara de vez. Clovis, cheio de admiradores. Trouxera uma lanterna magica para o collegio. Pão-Duro, o mesmo. Todos os outros, os mesmos. A mudança de Coruja me preoccupava.

Heitor me explicou:

— Ninguem pode mais chamar Coruja: é José João. Elle é como o rei da Inglaterra: quando sobe muda de nome.

Mas logo o Coruja! O melhor de nós todos, o unico ali dentro que apresentava signaes de grandeza! Não era possivel.

Elle proprio mais tarde se encontrou commigo. Estava no quarto botando os meus troços na mala.

— Carlos, agora estou differente. Seu Maciel me botou no lugar de Felippe e me pediu umas cousas. Não sou mais alumno. Por isto não posso mais brincar com vocês.

Esta confissão do amigo tocou-me seriamente. Comprehendi então o que lhe exigira o director em troca dos seus serviços: uma incompatibilidade com o internato: "Você fica no lugar de Felippe, mas com uma condição: deixa de ser menino; não poderá conversar com alumnos, ter amizade com elles. Dou-lhe ensino e comida de graça, a troco deste seu rompimento com a vida. Você será de agora por deante o meu instrumento, o meu olho, o meu systema, a minha vez".

Mais uma que o collegio me dava! O meu unico amigo, aquelle que tinha coragem de ficar commigo, estava agora a serviço da tyrannia, virara cão-de-fila, um espia da ordem. Através delle iriamos sentir a oppressão do velho director. Mas Coruja era um bom, não se entregaria com aquella subserviencia de Felippe ás suas

funcções. Podia ser decurião e continuar o mesmo. Apenas o director não o queria em camaradagem comnosco. A autoridade exigia esses limites, essas distancias.

Maria Luísa fôra-se embora; Coruja, tambem, era o mesmo que ter fugido.

Este primeiro dia de collegio, eu o venci pensando nos outros. Agora tudo me parecia differente. A experiencia de seis meses dera-me a coragem de olhar o resto do anno com mais virilidade. Em janeiro um pobre novato caíra nas garras de seu Maciel, á toa, sem saber de nada. Elle fizera de mim o que bem quisera. Agora voltava mais homem, olhando as cousas com superioridade. Ninguem se collocaria acima de mim. Via os collegas sem os ligar, num plano inferior, sabendo todos os segredos do collegio.

Sentia de facto uma immensa saudade do engenho. Soltara-me daquella vez. Os poucos dias de liberdade, soubera gozá-los sem pena, estragando-me. Que falassem todos os meus passos errados, os ansiosos passos errados que me levaram para o amor. Um menino de 14 annos no Santa Rosa podia ser muito bem um pae-de-chiqueiro. Comi de tudo, fartei-me de tudo. Fui para o trem de Itabaiana com a agonia de quem

se despedisse do mundo. Na estação, ouvia a conversa da gente:

— Este menino vae para o collegio, seu Zé?

— Está lá desde o começo do anno, respondia o meu pagem, orgulhoso dos meus estudos.

— O professor Maciel é um damnado.

Virei as costas ao Santa Rosa com aquella advertencia ameaçadora. Vi o trem chegar. Tomei o meu canto sem procurar ver nada de fóra. Vi somente os presos da cadeia quasi chegando. Olhavam das grades a liberdade indo e voltando todos os dias. Era um barulho bem incommodo para um preso, aquelle da liberdade passando pelos seus olhos.

José Ludovina ainda me levou pela cidade antes de me deixar no collegio. Rodámos pelas lojas nas compras. Como desejava que aquelle tempo não se acabasse mais! E com passos meúdos cheguei ao carcere.

Agora estava ali, com aquella surpresa absurda de Coruja outro, mudado, virado pelo avesso. Não acreditava naquillo. Uma alma daquella não ficaria outra assim tão de repente. Talvez que não quisesse, com a sua posição, andar pelo recreio conversando, como dantes. Um decurião não devia fazer estas cousas. Não. Coruja nunca que fosse um Felippe, um adulador dos impulsos malvados do director. Elle teria, sem duvi-

da nenhuma, uma maneira mais humana de agir, de cumprir direito o seu dever. Custava a acreditar que o meu unico amigo, o terno Coruja dos bilhetes e dos conselhos, désse parte de mim a seu Maciel. Nunca que de sua bôca saíssem cousas assim: "o seu Carlos de Mello fez isto, falou alto, comportou-se mal". Não tinha geito de chamá-lo José João. Seria outra pessoa.

E fui assim, com taes supposições, até a noitinha, a hora da conversa na porta de casa, com o velho em passeio pela cidade. Coruja ficava na direcção do governo. Notava-se que era nova em folha aquella autoridade, para ser respeitada em toda a sua plenitude. Ligavam pouco ao decurião novato. Ninguem queria se conformar que um menino da nossa idade pudesse mandar como um grande. Abusava-se do preposto de seu Maciel. E porque se percebesse a fraqueza do Coruja, fazia-se o que não se tinha coragem de fazer no tempo de Felippe. Só ouvia Coruja dizendo:

— Não façam isto, que eu digo a seu Maciel.

Diria nada. Do meu canto avaliava o soffrimento que andaria por dentro do meu amigo. Elle mesmo compreenderia que não era para elle aquella profissão.

No outro dia verifiquei que as minhas duvidas não eram tão verdadeiras. Coruja apre-

sentou a seu Maciel as suas impressões da noite anterior, vacillante, não fixando bem os factos. Apresentava no entanto o seu relatorio:

— Seu Heitor não obedeceu, discutiu alto com outros. Clovis saiu da calçada sem ordem.

Vacillante, talvez porque lhe faltasse experiencia. Mas o bôlo cantou da mesma fórma pelas suas denuncias.

Quando chegaria o dia de apanhar por causa de partes do meu amigo? Vendo os collegas no couro, já não via tão distante esse dia. Precisava comprehender que elle ganhava a escola de graça para fazer aquillo. Tio Juca me dizia que o inferno estava neste mundo. Para Coruja não haveria inferno peor. Um coração como o seu, manso, um terno coração de moça, a soffrer daquelle geito, machucando-se todos os dias no cumprimento de suas obrigações! Melhor seria que tivesse ficado no balcão da loja de seu pae. A ambição de fazer-se grande dera-lhe coragem de se mutilar.

Só queria ouvir o meu amigo a se desabafar. Sem duvida que me contaria tudo: os seus soffrimentos, a paixão e as dores de um decurião de meninos. Era capaz de Felippe ser um bom, que o abuso da autoridade tivesse corrompido e estragado. Quem sabe si Coruja não terminaria assim, desejoso das nossas traquinagens para

um relatorio maior? O drama de um devia ser identico ao do outro.

Estava, porém, pensando mal do amigo, e me voltava a convicção de que Coruja não duraria muito tempo naquella vida. Fazia as minhas supposições. A' noite, quando elle fosse dormir, passando uma vista sobre os trabalhos do dia, muito haveria de se arrepender. Quantos apanharam pela sua denuncia? Um ruim até gostaria do numero crescido das victimas, compararia as quantidades sentindo prazer com os apanhados. Aquella vigilancia excessiva de Felippe só podia ser o amor de um carrasco pela profissão. O outro, não. Teria remorsos dos seus libellos. Obrigava-se a tomar conta da gente. E para que os seus serviços apparecessem aos olhos do senhor, teria que apresentar victimas para o patibulo, sinão não prestava, procurariam outro.

Em todo caso, para mim a subida de Coruja ao poder poderia ser util. Felippe embirrava commigo, com o meu nervoso, com os meus vexames. Tudo lhe era um pretexto para as partes impiedosas; tudo servia para satisfazer a sua curiosidade de policia impertinente. Em lugar deste olho miseravel, estava agora um amigo que me compreendia, que saberia descobrir onde estavam as boas intenções, sem odios prevenidos contra mim. Pensei até em abusar de Coruja. E

ao mesmo tempo reflectia: não. Não daria trabalho ao novo decurião. Ao contrario, procuraria fazer tudo para não lhe desagradar. Um amigo faria assim. Então por que era seu intimo iria abusar desta amizade? Coruja havia de ver que eu o deixaria livre de difficuldades. Mesmo entre os collegas podia prestar-lhe serviços, evitar que alguem se excedesse, pedindo com geito: "Não obriguem José João a dar parte. Elle não gosta de aperrear a gente!"

Fui para a cama com estes pensamentos intimos. Defendia o amigo obrigado a se manter em serviços humilhantes. As precisões obrigavam a peores coisas. Coruja livrara-se de sacrificar o pae, de pesar na economia de casa com os seus estudos. Via-o um grande, maior do que todos nós juntos, que gastavamos os dinheiros paternos vadiando. Elle podia romper commigo, enredar de seu grande amigo, mas não deixaria de crescer para mim.

Muito bom pensar estas cousas na cama, fazer estes juizos para me consolar de uma amizade perdida. Que poderia me dizer o meu primeiro dia de collegio? Sabia lá si Coruja se manteria no cargo com elevação, fazendo justiça, limitando os seus poderes! E si fosse ao contrario? Si o velho Maciel tivesse exigido um decurião como os outros, enredador, intrigante?

Era o que os dias me mostrariam em breve. Não havia melhor opportunidade para se tirar a limpo essa historia de grandeza ou miseria dos homens.

XXIX

Corriam os dias no collegio como os de sempre, dias compridos de aula, horas lentas de estudo. A chuva nos prohibia da nesga de terra do nosso recreio, trancando-nos á força na sala de jantar. De noite não se botava a cara de fóra. E a enredada e o mexerico encontravam campo preparado nestes ajuntamentos. Eu estava mal com João Cancio, Pão-Duro, José Augusto. Falava com Heitor, que agora sem Coruja eu escolhera para amigo. Uma substituição medio-cre, porque Heitor não valia grande cousa. Mentia muito, contava grandezas do padrinho. Só falava de Timbaúba, de Olinda, de Recife. Tinha orgulho destas viagens.

Desde que chegára ao collegio ainda não tinha apanhado nem uma vez. Compreendia me-lhor as lições. Não me expunha demais aos ele-

mentos. Resguardava-me das iras do director, dissimulando-me melhor. O collegio vivia agora sob as impressões do cinema: tinham botado um cinema em Itabaiana. Ás terças e aos domingos pagava cada um quinhentos réis para o espectaculo da noite. Invenção maravilhosa esta, que nos ajudava a levar o tempo, a furar os meses com o pensamento nas fitas. Vimos "Os Miseraveis" do começo ao fim. Jean Valjean era um grande. com aquelles dois revolveres nas barricadas, aquelles cabellos brancos, aquella força de gigante compondo para nós o maior homem do mundo. Levámos semanas seguidas com este romance nos agitando, a nos arrastar para um mundo de homens grandes demais e de homens pequenos como viboras. O chapéo preto de Javet, a vigilancia de cão de seu faro perseguindo o justo, o santo que era Jean Valjean, nos inimizavam com tudo quanto era secretas, policias, defensores da ordem. A historia toda arrebatava a nossa imaginação para os perseguidos, para os que roubavam porque tinham fome, para os que protegiam os pobres ou morriam nas ruas pela liberdade.

O cinema de Chico Sota tremia como um velho. A mulher delle tocava piano, umas valsas penosas para os dramas, umas marchas ás carreiras para as traquinadas de Bigodinho. Toto-

lino soffria o diabo nas fitas da Pathé. Lembro-me do "Grande Industrial". O sujeito tinha um chapéo de palha de abas grandes, a mulher andava a cavallo. Foram passeando um dia e ficaram trancados numa especie de fortaleza. Um pastor que tangia os carneiros tinha visto os dois entrarem. Mas esqueceu-se delles depois, trancando uma porta muito pesada. Ficaram presos lá dentro. O sujeito saltou do muro alto em baixo.

Havia outra fita, "A Vida de uma Rainha". Ella foi degolada. O carrasco, baixinho e gordo, e a pobre com os olhos bonitos olhando para o povo. Quando o cutello caiu no pescoço della, o piano gemia uma valsa que eu nunca mais esqueci. Chorei naquella noite. D. Emilia tambem chorou. De volta o director commentava:

— Soffreu muito Maria Stuart.

E D. Emilia queixando-se:

— Não gosto de fitas assim. A gente vem se divertir e acontece uma cousa destas — com uma voz ainda humida das lagrimas.

A chuva tambem nos estragava o cinema. Ficava aos domingos a espreitar o tempo, com medo das nuvens pesadas. Quando amanhecia chovendo, passava-se o dia inteiro com o receio do cinema perdido. E as chuvas de julho não davam treguas, não respeitavam ninguem. De

castigo, no quarto do meio, consumia as minhas horas de encarcerado olhando as resteas, informando-me do que havia sobre o tempo pelos pedaços de sol que as telhas de vidro espalhavam no quarto. De repente clareava. Muito alegre para este signal de estiada que chegava. Durava pouco o jubilo, porque uma nuvem pesada escurecia tudo de novo.

E ia assim até de tarde. O director chegava na porta da rua, olhava para cima, tomando tenção das cousas, e nos mandava vestir.

Ás vezes, porém, de roupa já mudada, vinha uma pancada dagua para nos atrasar. O velho temia a chuva de longe. A sua asthma ensinára-lhe cautelas rigorosas no inverno. Uma vez quasi que perdiamos uma parte dos "Miseraveis". Jean Valjean naquella noite tinha uma grande cousa a fazer. E a chuva cantando nas biqueiras. O director mandou um recado ao Chico Sota para que só principiasse o cinema depois da chuva estiada.

Doutras vezes o velho aborrecia-se de veneta, e o cinema ficava para a outra noite. Deixava-nos assim com fome de sensações. Dormiamos enervados para uma segunda-feira de aulas, com lições erradas.

O cinema já nos era um incitante sem o qual não podiamos passar. Levavamos a semana dis-

cutindo as fitas, commentando os enredos. Corrigiam-se attitudes, emendavam-se situações, aprendiam-se mesuras da sociedade. Havia mulheres tentadoras vestidas na ultima moda, bem differentes das mulheres que viamos na vida. Tudo era differente naquellas existencias. Os homens tinham outros modos. As mulheres saíam de casa sozinhas. Vira uma, brigando com o marido, dizer-lhe com a maior simplicidade deste mundo: "Vou para a America!", como tia Maria diria: "Vou para o sitio do seu Lucino". A gente daquelles lugares era mesmo de outro planeta.

As comedias obrigavam-nos, no entanto, a não acreditar em tudo o que viamos: caíam casas enormes em cima de Bigodinho, e elle nem como cousa, saíndo dos escombros sem uma costella partida. Davam-lhe tiros; parava trens com as mãos; despencava de alturas immensas e levantava-se faceiro. Estas aventuras comicas estragavam a seriedade com que queriamos commentar os filmes. Tudo ali era mentira. Jean Valjean não levantára aquella carroça com um menino debaixo, não arrombára os ferros do esgoto. Ninguem podia firmar uma opinião e dar uma cousa de fita como prova.

— Você vae atrás de cinema? Aquillo é fita mesmo.

"A gente vem se divertir..." dizia d. Emilia. E o cinema só devia ser mesmo um divertimento.

Uma nota curiosa: não me faziam medo os defuntos da tela: podia vê-los á vontade, sem receio. E no entanto chorava nas fitas tristes. Vira rolar a cabeça bonita da rainha como si fosse a de uma boneca, com pena, é verdade, daquella desgraça, mas sem me aterrorizar com a scena. Eu, que não podia ver um caixão sem calefrios, olhava os cadaveres cinematographicos com indifferença. Não sonhava de noite com elles, quando passei não sei quantos dias com o meu pae morto nos meus sonhos.

Levaram tambem em Itabaiana a "Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo". Um Christo muito barbado e um Judas feio demais. Não me fez o effeito que eu esperava, o desenrolar do drama maior de todos. Havia muita pedra de mentira no Horto das Oliveiras, muitos montes que a gente via que não eram montes. Não me commovi com a malvadeza dos judeus. Tudo mal feito, sem realidade. Muito mais humana era a historia contada de sinhá Totonha.

A verdade, porém, era que o cinema nos educava, mostrava-me cidades da Europa, terras coloridas da Italia. Lá estava Florença, a terra

do pequeno Escrevente Florentino. O arco do Triumpho de Napoleão em Paris. Roma, com igrejas grandes. Genova, donde Marcos saíra para a sua viagem.

Clovis sabia historias de fitas admiraveis assistidas na Parahyba: "Os Mysterios de Paris", "A Lagartixa"...

— Quando passarem aqui, vocês vão ver. Tem mais de mil metros cada serie.

Ficavamos por perto delle para ouvir o romance. Sabia todos os detalhes; os typos eram descriptos com todos os seus signaes. Rodolpho era bonito, de bigode preto, um principe. Havia uma mulher chamada Coruja, um homem Manquito e um cégo miseravel. Embriagavamo-nos com os lances das historias de Clovis. Contava parte por parte, com todos os dizeres. E andava, puxava revolveres, fazia as caretas e os gestos de seus personagens.

— Não é assim, ajuntava Vergara, que tambem vira a fita. Quem dava na menina não era Coruja.

Sustentavam os dois polemicas compridas por causa de detalhes, de palavras que não lhes pareciam as mesmas dos dialogos.

— Quando passarem aqui vocês vão ver.

— Clovis, você se lembra da cara que o cego fazia morrendo afogado ?

E vinha a cara sinistra, a ansia da morte exhibida de graça para a gente.

As conversas do recreio mudaram de rumo depois do cinema de Chico Sota. Começava-se a imitar os gestos dos actores, as attitudes. As mulheres para mim eram revelações. As duas caras mais bonitas que eu tinha conhecido seriam as de Maria Luísa e Maria Clara. E d. Judith tambem. Mas que bellezas quasi ridiculas na frente das mulheres do cinema! Lindas, andando differente das outras, estirando os braços devagar quando falavam, olhando para os outros com quebrados de tentação. Aquillo, sim, que eram mulheres de verdade. Todas as que eu conheci eram feias junto dellas. Então os meus sonhos se enriqueciam com as suas caras brancas, os seus olhares famintos. E os homens as beijavam na frente da gente, beijos demorados. Não eram aquelles beijos de longe, fingidos, que deram os artistas numa comedia que vimos ali, no palco do cinema.

Uma noite havia fita de Bigodinho. E o comico tinha, desta vez, o nome de Doidinho no enredo. O collegio todo virou-se para mim:

— Olha o Doidinho! Olha o Doidinho!

Riam-se mais de mim que do comico. Aquillo me magoava. Andava exigindo que acabassem com aquella historia de Doidinho commigo. E

ali, todos em uma voz, me identificando com o appellido da téla.

Por que se mostravam tão ruins assim os meus collegas ? Abusavam dos mais fracos, dos mais infelizes, dos mais atrasados. Só Coruja eu via grande naquelle meio, e este mesmo nos deixára.

Voltei para casa pensando nestas cousas. João Cancio andava de ponta commigo. A inimizade com Pão-Duro já não me incommodava. Me habituara com ella como a uma doença. João Cancio era um Pão-Duro tambem. Com uma falinha fina, cheio de historias e conversas em cochichos. Mais adeantado do que eu, em pouco tempo passei-lhe a perna nas lições. O velho Maciel não perdia opportunidade:

— Atrasadão! Está ahi o seu Carlos de Mello. Chegou no segundo livro, e já lhe passa quináu. Você devia ter vergonha nesta cara de relogio.

E esta insistencia do meu nome em confronto com o delle preparou o odio de João Cancio contra mim.

Discutiamos não sei por que, e elle me aggravou no que mais me podia offender:

— Não tenho parente criminoso!

Nunca mais falei com João Cancio. Não quer dizer que não nos perseguissemos mutua-

mente. Quando o inimigo voltava da latrina, eu corria atrás dos seus passos. Si achasse qualquer cousa, a parte chegaria aos ouvidos do director. E elle não fazia por menos. Não contaria, é verdade, com Coruja, para as suas queixas. Si fosse no tempo de Felippe, seu primo, teria todas as vantagens. Vivia pegado com Clovis, manobrando o menino á vontade. Mandava nos brinquedos delle; a lanterna magica não saía de suas mãos.

Todos os meus inimigos pegavam amizade com o pobre do Clovis. O velho Maciel, com a lição de Pão-Duro, abria os olhos e os ouvidos para o chamêgo delles. Pão-Duro, prohibido de falar com o seu amor de outróra, vingava-se de ambos com intrigas. Falou com d. Emilia. E antes que houvesse um caso, separaram a cama dos dois.

João Cancio tinha ao lado delle a negra Paula, um elemento ali de primeira ordem para uma guerra. A negra me perseguia botando bananas podres no meu prato, carne com nervo. Aborrecera-se de mim, o meu anjo máu da semana santa. E a minha inimizade com João Cancio caminhando para um desfecho agudo. Uma fita de cinema provocára esta situação. O apparelho de Chico Sota tremia a historia de um adulterio. O marido entrava de portas a dentro

e matava a mulher de revolver. Eu via João Cancio dizendo alto para que eu ouvisse:

— O pae de Doidinho fez assim tambem.

Não disse nada, e tambem não soube o que se desenrolou mais na téla. A minha raiva escondida me cegava para tudo.

Voltavamos dois a dois para o collegio. Pelo caminho imaginava a minha vingança contra o miseravel. Não posso negar que pensei em matá-lo. Tinha commigo um canivete, que trouxera de casa. Mas este pensamento mau, eu o botei logo para fóra. No outro dia, no recreio, o cara de relogio me pagaria.

Dormi com a vingança premeditada, e acordei com ella me animando, insuflando os meus odios. E no recreio chegou o momento. Fui a elle:

— Queria falar com você atrás da latrina.

E saímos.

— O que estava falando no cinema era commigo? Filho da puta !

E metti-lhe um murro na cara, com a raiva maior da minha vida. Rolei pelo chão, e desabafei-me á vontade nas dentadas e nos bofetes. Ouvi o velho gritando:

— Levantem-se, seus cachorros !

E não ouvi mais nada. O mundo fechava-se para mim. Taparam-se os meus ouvidos e os

meus olhos. Comecei, sim, a ouvir de muito longe uma voz rouca afastada de mim. Vinha-se aproximando, vinha devagar; era como si ouvisse uma cousa abafada. E foi se chegando, se chegando. A voz já era de mais perto. Ouvia o que diziam. Abri os olhos. Seu Coelho estava perto de mim, me dando uma cousa fria para cheirar. Falava para os outros:

— Não foi nada. Um ataque de raiva sómente. Está passando. Carlos, Carlos, o que é isto? Força, rapaz.

Os meus sentidos voltavam de um desmaio. Chegavam tropegos para a vida. D. Emilia, o director, a negra Paula, todos á beira da minha cama.

—Acho bom um escalda-pés. Póde ter sido um insulto de congestão, dizia seu Coelho. Assim, logo depois do almoço...

Botaram os meus pés numa bacia de agua quentissima. Já estava dono de tudo o que era meu. Percebia as conversas de fóra.

— Não é preciso nada. O menino teve uma cousa passageira. Um ligeiro insulto. E' bom dar-lhe um purgante.

— Não precisa. Isto passa.

Coruja chegou para falar-me:

— Que diabo foi isto, Carlos? Você estragou o pescoço de João Cancio.

— Elle falou no meu pae, Coruja. Nem soube o que fiz.

Mas vi os olhos de Coruja cheios de lagrimas. Passou-me a mão pela testa:

— Você esteve quasi meia hora com uma vertigem.

O resto do dia foi todo de uma modorra, como si tivesse andado leguas e leguas a pé, a cabeça doendo, o corpo a arder. Da cama escutava a aula, as lições em voz alta, as perguntas e as respostas, o grito do director, o estalo dos bolos. D. Emilia de vez em quando chegava para me interrogar:

— Está sentindo alguma cousa?

Seu Coelho voltou:

— Que diabo! Você está virando bicho?

— Seu Coelho Elle falou de meu pae!

— Por que não me disse?

Heitor tambem appareceu depois da aula para conversar:

— João Cancio está mordido no pescoço que faz pena.

Todos queriam me agradar, encher-me de satisfação com o estrago que fizera. Pensavam que assim melhorasse a minha saúde.

Demorou-se muito, o Heitor. Puxou conversa para me distrahir:

— Domingo vae começar "Os Mysterios de

Paris". Seu Coelho vae levar o collegio para o poço de Maracahype. O rio já seccou.

Uma noite de um somno pesado, sem sonhos.

Levantei-me para lavar o rosto. O velho Maciel me voltou:

— Fique no quarto. O senhor não sairá hoje.

Vi João Cancio. O bicho me olhou de cara baixa. Senti uma especie de alegria vendo-o humilhado, com as marcas dos meus dentes no seu corpo.

Não queria mais que me chamassem de Doidinho. O appellido começou a me offender como uma descompostura.

XXX

Não sei por que, mas fiquei outro no collegio depois do ataque. Não fôra aquillo uma tolice, como affirmara seu Coelho? Por que então aquellas cautelas da gente grande e os sustos dos meninos quando estavam commigo? Começaram a me dar uma vida de excepção. O velho Maciel chamava-me pouco nas lições, nos primeiros dias. D. Emilia não deixava que botassem farinha no meu prato. Entre os collegas era olhado como si fosse com respeito. Não discutiam commigo. Parece que tinham medo de tocar naquelle frasco de vidro. Havia recommendações do director a meu respeito.

Com o tempo deveria passar tudo aquillo. Não soffria nada. Comia bem, embora ás vezes sentisse, com as saudades de casa, uma vontade de correr, uma especie de agonia, de desejo in-

contido dentro de mim. Era sómente de minutos. Passava, porém eu voltava destes frenesis bambo, de corpo molle.

Ficára com um medo medonho de ter outra syncope. Este contacto com o desconhecido, aquella meia hora de morto, com os sentidos entorpecidos, aquelle passeio por fóra da vida, me estremeciam só em pensar numa repetição. Mas o ataque fôra sómente porque eu me mettera a brigar depois do almoço. O facto é que um terror novo esta extravagancia trouxera para mim. Podia dormindo ser atacado, amanhecer morto, sem ninguem para me acordar com uma cousa fria no nariz. Lembrava-me do primo Fernando. Ia sozinho pela estrada e os moradores encontravam o pobre estendido no chão, desfallecido. Uma vez, bem na calçada da casa-grande, elle caiu batendo, com a bôca espumando. Poderia ficar como elle. Seu Coelho achava que não, que não tivera nada. Fôra sómente um embaraço passageiro. Certa noite acordei com uma perna como morta. Assustei-me, e não era nada: uma dormencia commum. O diabo das doenças começavam a ter vida para mim, uma existencia com todos os detalhes. Havia no quarto de seu Coelho um livro de medicina. Lia os diagnosticos com os symptomas bulindo dentro de mim. Tomava o pulso, e o sentia falhando. Aquelle meu ata-

que podia ser um principio de epilepsia. Era este o nome que o livro dava aos ataques como os de Fernando. Isolava-me pensando nessas cousas terriveis, que passavam o tempo em minha perseguição.

Uma occasião, brincando no quintal, corri um pouco. E o coração bateu-me ás pressas. Estava doente do coração. Fui a seu Coelho.

— Deixe de ser bêsta, menino. Você já viu menino soffrer do coração?

Esta resposta firme botou para correr a doença inventada. Havia outras, porém. O primo Fernando era um exemplo vivo que me indicava a memoria. Para aquella doença não existia um remedio. O unico remedio era morrer. E si aquella vertigem tivesse sido um começo, um ensaio do mal? Procurava o livro consultando. Seu Coelho pegou-me com a sua obra nas mãos:

— Deixe isto ahi. Isto não é livro para menino. Não me pegue mais nelle. Depois você fica imaginando doenças. Vá brincar. Você deu agora para andar bisonho, pelos cantos. Deixe de ser bêsta.

Lera sobre molestias-do-mundo. A que eu tivera trazia umas consequencias horriveis. Poucos se curavam daquelles males. Lá isso eu notava mesmo. Não era o mesmo de antes. Não aguentava ficar muito tempo de cocoras. As jun-

tas doíam-me. Aos quatorze annos, com dores de velho. Vinha-me a certeza de que morreria logo.

Faltava-me uma amizade que me envolvesse, arredando-me daquelles pensamentos. O collegio, um vasio humano para mim. Cadê Coruja, que me queria bem ? Maria Luísa, que eu amava? Só havia gente sem correspondencia com os meus enthusiasmos, mais bichos do que gente. Clovis, um fraco, que só podia viver com outros; João Cancio, Pão-Duro, José Augusto, os filhos de Simplicio, Heitor — todos elles mais ou menos iguaes. Procurasse um que fosse capaz de um affecto, de uma amizade grande, que não encontrava. Pobres arbustos humanos, incapazes de uma sombra, de uma boa sombra acolhedora. Aurelio, nem se falava. Cada dia que se passava, mais regredia. Cada vez mais doente. Os olhos agora tinham ficado amarelos. Todo elle amarelo, com a ictericia que lhe viera da molestia. Dormia perto de mim, e quando não o ouvia roncando, batia na cama, com medo de que tivesse morrido. Um dia morreria sem ninguem esperar. E si o Papa-figo esticasse a canela ali no collegio, como seria? Como seria o enterro de Papa-figo, e quem ficaria no quarto com elle? Quem vestiria Papa-figo? Corria no impulso destes pensamentos.

Mas um dia Aurelio amanheceu com uma

dor. Botaram a cama delle no quarto do meio. Amanheceu no outro dia com a mesma dor. Deram-lhe purgantes, banhos quentes. Vi seu Coelho abanando a cabeça, D. Emilia vexada, o director soturno, e Aurelio gemendo. Veio-me logo, violenta, a idéa da morte. O collega morreria naquella noite. Do quarto ouvia o gemido profundo, linguagem sinistra de quem se negasse a um chamado de longe. Ninguem dormiu. Os banhos quentes se succediam, os cochichos, as ordens em voz baixa. E gente no corredor para baixo e para cima. José Augusto levantou-se para olhar.

— Vá deitar-se. Não quero menino aqui.

O relogio batia duas horas. Pelos quintaes cantavam os gallos. Uma coruja passou, sombria, por cima da casa. O diabo chegava mesmo na hora para o agouro. Ouvia a voz de seu Coelho:

—Não precisa mais banho.

E o gemido de Aurelio mais baixo, cada vez mais baixo. Era todo elle agora um rumor abafado. Parecia que o pobre roncava.

— Traz a vela.

Aquelle pedido deixou-me aterrado na cama. Coitado do Papa-figo! Estava nas ultimas. O tique-taque do relogio se ouvia nitido, no quarto. E era um soluço enfraquecido o que

se ouvia do outro lado. Notava que o soluço de Aurelio já não acompanhava a ida e a volta do pendulo: andava mais devagar. Corri para a cama de José Augusto, chorando. A morte rondava o collegio. Já vinha entrando de portas a dentro; estava olhando na cabeceira da cama de Papa-figos. E tudo ficou consumado.

Ás seis horas da manhã nos levantámos ás carreiras. O quarto do meio com uma vela accesa. Vi a cama do collega com um panno branco, e uma imagem de Jesus Christo na parede, um Jesus Christo de braços abertos. Não quis olhar na porta, como os outros.

A casa se encheu de familias de perto. Chegou o caixão. Vestiram o Aurelio. Tudo isto sabia através dos meninos. Fugira para o fundo do quintal, para não olhar cousa nenhuma. De vez em quando apparecia um:

— Fui ver Aurelio. Está branquinho...

Estas noticias me faziam medo. Era como si me viessem contar historias de outro mundo.

O enterro saiu ás quatro horas. O collegio todo acompanhando. A negra Paula chorando alto, urrando. Seu Coelho explicava ás visitas, se defendendo do caso perdido:

— Desconfio de uremia. Passou três dias sem verter aguas. Ataquei todos os recursos.

Pobres recursos os de seu Coelho! O que podia saber a sciencia do velho amigo?

Quando chegámos do enterro, d. Emilia chorava, boa amiga de todos nós. E á noite chorei tambem. Não era com pena de Aurelio. Chorava com medo da morte. E ella estivera ali dentro do collegio, a dois passos da minha cama. Pensava: a estas horas Papa-figos está debaixo da terra. Por onde começaria a se desmanchar o seu corpo? Concentrava-me para expulsar de minhas cogitações estes pensamentos desgraçados. Elles tinham mais força, no entanto, do que a minha vontade. Mandavam em mim. Os outros meninos foram dormir com pavor. Cada um levava para o somno o terror daquelle desconhecido que nos esmagava.

A mala de Aurelio estava comnosco no quarto — lembrança ostensiva do pobre. Era todo o orgulho do Papa-figo aquella mala arrumadinha, com uma estampa de santo em cima. Parecia que o estava vendo a arrumar a sua mala. A gente chegava perto para ver:

— Saia daqui, seu Carlos de Mello. Vou dizer a seu Maciel.

Não deixava ninguem olhar os seus segredos.

Fiquei espiando para a mala sem pegar no somno. Lembrança viva do defunto, ali dentro

do nosso quarto. Lá estavam tambem os sapatos delle, feios como o pobre, a toalha e a escova de dentes. Virava o rosto para a parede, para não ver mais aquellas cousas. Tinham uma vida exquisita aquelles troços do Papa-figos. Deviam ter botado tudo aquillo para fóra.

O outro dia ainda foi todo de preoccupações com a morte. Seu Maciel sentira de verdade o desapparecimento do alumno:

—A familia não teve coração. Escrevi ao pae duas vezes, passei telegramma, e só hontem me escreveu marcando o dia para levar o menino. Agora que o venha buscar debaixo da terra. Que trabalhão me deu! Primeira vez que entérro um alumno interno do meu collegio!

E se falava de bem de Aurelio. Era doente, dizia d. Emilia, mas tinha um coração de moça. Entre os meninos, ninguem o chamava mais pelo appellido. A morte exigia destas considerações.

De noite, porém, o ambiente já parecia outro. Os meninos haviam quasi perdido o medo de Aurelio. Heitor quis ver si abria a mala. Estava fechada a chave. Sacudiu o chinelo do pobre na cama do Zé Augusto. Este jogou-o para a cama de Heitor. Parecia-me que jogavam peteca com um sapo. E quando o chinelo caiu em cima da minha cama, soltei um grito de asco.

— Que é isto ahi ?

— E' seu Heitor sacudindo o sapato de Aurelio na cama da gente.

— Levantem-se, seus insubordinados!

O quarto todo apanhou de camisão de dormir.

Dias depois chegou o pae de Aurelio. Agradeceu muito ao director os trabalhos que tivera com o filho. Pedia desculpas. Só recebera o telegramma com um atraso muito grande. O engenho delle ficava a muita distancia de Timbaúba.

Almoçou comnosco. Eu olhava para o homem descobrindo alguns traços do filho. Sobretudo os olhos azues.

— Coitado daquelle menino! falava para o director. Desde pequeno que era assim. Estive em Recife com todos os medicos, e todos me desenganaram.

D. Emilia alliviava esta magua:

— Bomzinho! Não dava trabalho com comportamento.

Elle levou a mala do filho.

— Para o anno tenho um alumno para o senhor. Mas este o senhor vae ver: é um meninão!

Até o pae vinha para ali diminuir o pobre do Aurelio, fazer comparações humilhantes. Notava-se mesmo o orgulho do velho falando do outro: um meninão. O que mandei para aqui era

uma besta, um troço humano. O que está em casa, sim, que é meu filho. Vocês vão ver, vocês que mangaram tanto do Aurelio...

Quando elle saíu seu Coelho me disse:

— Só tem conversa! Matuto besta... E ruim! Deixou o filho morrer, e ainda vem com pabulagens e desculpas de papa-ceia... Tive vontade de dizer umas verdades. Bicho sem coração!

XXXI

O quotidiano do collegio amansava os meus nervos. Estavam ali a grammatica para decorar, cidades principaes da geographia, as regras-de-três da arithmetica. Não me davam tempo para ficar sozinho com as minhas preoccupações. E de noite chegava na cama de corpo molle. Os exercicios de tiro nos faziam este bem: preparavam-nos para o somno de animaes cansados. Não tinha geito para os exercicios militares. Faltava-me qualquer cousa, pois todos os meninos eu via sabendo fazer as meias-voltas e os direita-volver. Fiquei o ridiculo do collegio. Quando o sargento gritava uma ordem, me aturdia. E emquanto os outros se viravam para um lado, eu fazia justamente o contrario. Estouravam em risadas.

— O senhor não pode formar no domingo.

Não tinha segurança nas minhas direcções, confundindo os lados, o esquerdo com o direito.

— O senhor é um trapalhão, dizia o sargento. E' o unico que não aprende.

O velho Maciel me disse:

— Pelo que eu vejo, o senhor precisa de bolo tambem para aprender estas cousas.

O director ficava de longe, vendo os exercicios no meio da rua. Vinha gente para as janelas, olhando as nossas evoluções. O chefe do meu pelotão era Pedro Muniz.

— Acertar passo!

E tremia-se a perna, não se acertava nada. Ahi é que eu errava. E as reclamações do sargento:

— Vou dizer ao director. O senhor não quer levar a serio a instrucção.

Comecei então a apanhar por causa mais desta disciplina. Pedi para sair do Tiro. O velho me recebeu com quatro pedras na mão:

— Está muito enganado. Quer ficar em casa na maroteira. Vá para lá.

Eram mais faceis as lições de grammatica. Decorava tudo com uma precisão de machina. Começou assim o meu novo martyrio. A minha incapacidade para certas compreensões se resolvia com castigos violentos. Eu, que já me libertára dos bolos pelas lições erradas, pegava ago-

ra esta tarefa bem difficil de vencer. João Cancio, Pão-Duro, se enchiam com os meus fracassos. Eram dos bons do Tiro. Marchavam bem, sabiam as esgrimas. Teriam na certa patentes elevadas. Vergara, que já tinha formado no Diocesano, exhibia-se como um grande. O sargento gostava delle e por isso lhe dera um pelotão para commandar. Não tinha duvidas da minha inferioridade no meio dos collegas.

A grande parada de 7 de setembro estava na porta. Ensaiava-se tambem o hymno nacional. Haveria passeata. O collegio acamparia lá para as bandas da fabrica de cortume, um dia inteiro como os exercitos. O mês de agosto decorreu com estes entreinamentos. O sargento me ameaçava:

— O senhor não póde formar no dia 7.

Já experimentára minha farda no alfaiate Ferreirinha. Com um bocado de esforço talvez que vencesse essa incapacidade. Os meus calculos me ensinavam regras de nova vida. Havia de modificar-me. E ia para a formatura com estes pensamentos. Tocava a corneta. O tambor rufava. Saía andando o batalhão pelas ruas de Itabaiana. Bem defronte da Igreja parava para os exercicios.

— Ordinario! Marche!

— Companhia! Seeentido!

Estes gritos todos entravam-me de ouvidos a dentro, perturbando-me. Não sabia obedecer.

— Direita... voolver!

E virava para a esquerda. Ficava no meio dos outros como uma barata tonta, perdido, desorientado.

— Que diabo é isto? gritava o sargento. O senhor está debochando de mim? Não estou aqui para aguentar isto. Saia de fórma.

Saí para um canto, de pé, olhando os collegas. Todos acertavam. A um simples apito, mudavam de posição, todos iguaes, dirigidos de fóra pelo sargento, muito satisfeito de sua obra. Só eu era aquelle trambolho no meio de tanta disciplina. O velho Maciel chegou para olhar:

— Por que o senhor não está formando?

— O sargento me mandou sair.

— Por que?

— Eu não acertava.

Depois chegou o sargento:

— Mandei sair este menino porque estava fazendo pouco da instrucção.

O velho me feriu mortalmente com o olhar:

— O senhor siga para o collegio. Espere lá que já chego.

O diabo se mettera commigo outra vez. Desde que chegára das férias não tinha ainda apanhado. Sómente agora, por causa daquelles exer-

cicios, ameaçado de quando em vez. Lia bem, melhorára a letra, adeantava-me aos pulos. Vinha agora aquelle sargento tres vezes por semana para estragar esta conquista do meu esforço, da minha memoria. Sentei-me na porta esperando o director. Era num fim de tarde de cidadezinha do interior. Lá estavam as familias pelas calçadas. O piano do dr. Bidú repetindo as mesmas notas da lição. A igreja do Carmo toda branca e pequena, bem humilde olhando para a torre grande da Matriz. Soprava um vento frio, desses que fazem a gente pensar nas cousas tristes. Da janela do dr. Bidú conversavam para a janela do juiz de direito. Não sei de que falavam. Com mais um pouco, apontou o director numa esquina. Vinha no passo largo, com vontade mesmo de chegar em casa. Fui esperá-lo na sala de aulas. Ouvia os passos delle na calçada. Dava boa-tarde para as vizinhas, abrindo o ferrolho da porta. Já estava gritando:

— Onde está o senhor Carlos de Mello ?

Viu-me junto da mesa.

— Então o senhor quer anarchisar os exercicios ?

— Não senhor, não tenho geito.

— Não quero conversas, seu doudo. Não quero conversas.

E o furacão se desencadeou, gritando tanto que d. Emilia chegou:

— Maciel, o que é isto? Olha a mulher do dr. Bidú, que está na janela, ouvindo. Você parece que está com o mundo se acabando!

— E' este menino que me esgota a paciencia, me mata.

— Mas não precisa esses gritos. Quem passar na rua vae pensar que você está furioso...

— Que furioso que nada! Isto é um estabelecimentos de ensino. Aqui se castigam os insubordinados. Quem quiser que se mude.

E passou-me o bolo. Tocava a corneta do Tiro na rua, o tambor rufava. As ordens imperiosas do sargento chegavam até dentro de casa.

— Companhia... seeentido! Dispersaar!

Havia ordens mais severas ali dentro.

— Quinta-feira vou ver o senhor nos exercicios. Quero apreciar as suas graças.

Tinham ido embora todos as considerações ao doente.

— O senhor o que é é um genista de marca. Briga com um, briga com outro. Pois é do que eu gosto: de gente assim, já ouviu? De gente assim.

D. Emilia voltou:

— Acabe com isto, Maciel. A mulher do juiz está escutando tudo.

— Tenho nada que ver com mulher de juiz! Que se amolem! E' boa esta, é bôa! Então não posso mais repreender os meus alumnos? A senhora d. Emilia não quer incomodar os vizinhos... Ora vá plantar batatas!

— Grite á vontade, homem de Deus. Pode gritar! Tenho nada com isto não...

— E' o que eu lhe digo: vá mandar lá na sua cozinha. Deixe-me no meu lugar.

No meu canto, abatido ainda pela reprimenda cruel, escutava o casal arengando.

— Era sómente isto o que me faltava. Não posso mais levantar a voz. Não posso nem dar um espirro, que não venha a senhora d. Emilia reclamar...

D. Emilia já tinha deixado o marido commigo. E a féra se virou para mim:

— Prepare-se para quinta-feira. Quero ver as suas gracinhas.

No outro dia, na aula, ainda falava. Chamou-me nas lições, experimentando-me de todos os lados. Não encontrou nada para falar. E a proposito não sei de que trouxe o meu nome:

— Aqui agora temos um palhaço, um engraçado. Está bem. Póde elle ficar certo de que eu lhe tiro as marmotas.

Olhei para elle sem querer.

— E' com o senhor mesmo. Amanhã vamos ver isto.

E depois:

— Seu Olavo Lyra, o que é que o senhor está fazendo?

— Nada não senhor.

—Mostre-me esta pedra.

Tem nada não senhor.

— Mostre-me esta pedra, estou dizendo.

E o menino deu-lhe a pedra.

— Que conta é esta? Que historia de 96 bolos é esta?

— Estava contando os bolos que o senhor deu hoje.

— Contando os bolos? Pois bem, venha para cá, venha completar os cem. Venha, seu Lyra.

E começou:

— Noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove, — e arredondou a conta do menino — cem.

Na quinta-feira dei parte de doente. Fingi-me com dor de cabeça. O velho olhou-me de lado:

— Então não vá para os exercicios.

Fiquei na porta assistindo os collegas nas manobras, sentindo inveja daquella facilidade. Por que seria que eu não dava para aquillo? Todos os burros do collegio davam. João Cancio se mettia em bolos por causa dos verbos, e no

entanto brilhava entre os outros. Todos correspondiam ao esforço do instructor. Sómente eu com aquella aversão radical. Talvez fosse o meu nervoso. No sabbado voltaria. Não seria possivel que errasse tudo como da outra vez. Assegurava-me definitivamente na tentativa a fazer. Poderia ir quem quisesse para lá. O velho Maciel não me metteria medo. Por que diabo não soubera dominar a minha indisposição, as minhas repugnancias ?

No sabbado atrapalhei-me mais do que nos outros dias. O sargento levára uns rapazes para ver o adeantamento dos seus subordinados. O director, com o dr. Bidú, commentava de longe os acontecimentos. E começou o meu fracasso. "Direita volver!" — e eu virava para a esquerda.

— Qual é então o seu lado direito ?

Fiquei indeciso. A canalha caiu na risada.

— Não posso mais com o senhor. Saia fóra de fórma.

Deixei o meu canto com lagrimas nos olhos. Sabia por que chorava.

— O que foi, menino? perguntou-me o dr. Bidu.

— Não acertei, e o sargento me botou para fóra.

— Já sei, accrescentou o director. Vá para o collegio. Não é a primeira vez.

E o resto foi como sempre. Os mesmos bolos, os mesmos gritos. Ouvi d. Emilia dizendo a elle:

— Tire elle, Maciel. Parece que o menino não tem geito. Aurelio não era assim ?

— Não o compare com o outro. Era um doente. Este é um insubordinado.

Ficava pensando no outro dia de exercicio, amedrontado. Podia chover. Tomara que chovesse. E na terça-feira lá chegou o sargento. Chamou-me sozinho. Fiquei na frente delle para uma lição particular. "Direita... volver!", "Ordinario! Marche!",, "Descansar!". O diabo eram as minhas confusões. Não acertava depressa com as ordens dadas, atrapalhando-me com os lados.

— Só amarrando uma fita no seu braço esquerdo para o senhor acertar.

Neste dia triumphei. Fui até o fim dos exercicios. Um triumpho apparente, porque depois botei tudo a perder. Os meninos não queriam formar a meu lado:

— Elle atrapalha a gente.

Quando o velho não apparecia nos exercicios, chegavam os enredos:

— O sargento manda dizer que o senhor Carlos de Mello hoje não fez nada.

— Cadê elle? Venha para cá, seu babaquara.

Prohibia-me do cinema até me desempenhar bem na instrucção militar.

Seu Coelho sentia o tamanho da minha tragedia.

— Maciel tem cabeça dura. Não está vendo que este menino não dá para isto?

Mas sempre devia haver uma cousa para me perseguir. Vencera a grammatica, a leitura, os problemas, dando trabalho de gigante á minha memoria. Tudo aquillo parecia-me facil em relação ás ordens do sargento. Decorava as perguntas e as respostas sozinho. Aquella historia de instrucção no meio dos outros perturbava-me. O meu nervoso não sabia se manter nas provas em publico. E o resultado era a nova escravidão a que me prendiam. Chegava lá afrontado, e quando o homem gritava para o collegio, eu perdia completamente o dominio da minha vontade, ficava ás doidas, aturdido.

XXXII

No collegio só se falava na parada do dia 7. Experimentavam-se uniformes. O meu chegara, com o kepi de abas grandes para a frente. Não caía nos olhos, como os bonés novos do exercito. Deixei-os no fundo da mala sem enthusiasmo. Via as divisas de Pão-Duro roido por dentro. João Cancio e Vergara pegaram patentes de sargentos. Até Clovis tinha uma fita no braço. Mangavam de mim:

— Doidinho fica atrás levando as panelas.

Se damnassem todos elles, fossem para o inferno. Estava no collegio para aprender a ler, e não para me metter a soldado. De que me valeriam aquelles exercicios? Viessem para a geographia, para a historia, e eu daria conta do que estava fazendo ali. Mas aquillo tudo não passava de desculpas para me illudir. Procurava sa-

rar as feridas, os golpes fundos que o progresso dos outros me abria na alma. Não podia enganar os meus desejos de menino. No entanto não dependia de mim o meu successo. Força de vontade não era nada. Conversa, aquella historia de gotta dagua em pedra dura. Nada disto valia cousa nenhuma. Si valesse, o melhor alumno do Tiro seria eu, porque, quem com mais vontade, ali, de ir para deante, de ganhar uma fita? A verdade dura era que nunca me igualaria com os outros. Vergara sabia toques de corneta, assobiava para os outros. E Pão-Duro, João Cancio, José Augusto, Clovis compreendiam os signaes de ouvido. Contavam as conversas do sargento: "Em tempo de guerra faz-se assim." E discutiam o valor dos exercitos.

— O maior exercito do mundo é o allemão, affirmava um.

E o outro contava passagens da luta do Japão com a Russia. Armavam guerras do collegio com o Diocesano.

— Vocês aqui apanhavam longe, adeantava Vergara.

Era dos nossos. Mas tinha a vaidade de ter pertencido a outras hostes. O Diocesano tinha carabinas de verdade.

— Vocês aqui não sabem manobrar o fusil.

Lá se ensina tudo. Isto que a gente faz aqui é mais gymnastica.

— O sargento disse que vae trazer um fusil para o collegio.

— Quando? Só se fôr dia de S. Nunca...

Vergara andára por terras maiores, vira cousas grandes, e queria se mostrar á altura do que vira. Estava sempre a favor do Diocesano contra o I. N. S. C.

— Você no Diocesano era raso. Aqui quer se mostrar.

Só se conversava sobre cousas de Tiro, exercicios, toques de corneta, guerras, esgrima. Todo este cheiro de polvora me enjoava. Era uma figura morta nestes assumptos, uma praça-de-pré desclassificada. Fizera, porém, uma descoberta que me pagava muito bem de todas estas decepções: descobrira Carlos Magno, a historia do imperador Carlos Magno. Grande livro, que nada tinha que ver com a vida, mas que me veio mostrar que eu ainda era criança, porque acreditei nelle, da primeira á ultima pagina. O sceptico da vida dos santos, dos milagres da Historia Sagrada, se apaixonava, se entregava de corpo e alma ao romance dos Doze Pares de França. Que grande cousa era ser christão, filho legitimo de Deus, e brigar com os mouros, os turcos, os infieis! Oliveira, vinham contra elle dez

mil homens armados até os dentes, e elle sozinho enfrentava o exercito poderoso de espada na mão. Matava mil. Os outros corriam com pavor daquelle braço formidavel. Oliveira caía desfallecido, com o corpo picado de feridas. Tinha marcas de espadas da cabeça aos pés. Apparecia Roldão. E dava-lhe a beber o balsamo sagrado. E as feridas seccavam, e o heroe se reanimava para nova luta. Era um livro de capa encarnada, grosso, de paginas encardidas, amarrotadas. Com elle aprendi a temer mais a Deus do que com o catecismo. Repetia a historia duas, tres vezes. Odiava os turcos, amava o Deus que protegia as hostes de Oliveira. Carlos Magno, para mim, não seria um heroe. Roldão, o seu sobrinho, Oliveira, o joven protegido das forças celestes, — estes, sim, me arrebatavam. Discutia com os collegas:

— Esta historia é mentira. Roldão morreu.

— Morreu cousa nenhuma!

— Pois veja no diccionario de Clovis.

Fui ao diccionario. "Roldão ou Orlando. Um dos pares de Carlos Magno. Morreu em Romanvalles, protegendo a retirada do exercito". Era mentira. Morrera não. Que me importavam os diccionarios? Roldão seria para mim eterno.

Quando os meninos chegavam contando os feitos de generaes, de almirantes, eu botava em

cima delles os meus guerreiros da antiguidade. Que era Napoleão comparado com Oliveira? Napoleão nunca brigou com dez mil turcos sozinho. Brigava de longe, de canhão.

Refugiava-me com os meus doze pares de França, na companhia destes homens intimos de Deus. E o collegio se preparando para a parada. Firmino Cotinha, o dono do cortume, offerecera ao director toda a comida para a meninada no dia 7. A parada terminaria, assim, com um picnic. Tudo isto se annunciava com uma profunda tristeza para mim. Estava ainda ouvindo a voz nasal do sargento: "o Senhor não póde formar no dia 7. Si no sabbado não melhorar, digo ao director para lhe tirar da formatura." O cumulo, aquella minha inadaptação ás manobras militares. Quando ficava só no recreio, começava a me exercitar, fazendo meias-voltas, apresentando armas. Surpreenderam-me uma vez. Virando-me para trás, descobri os meninos mangando:

— Para que isto, Doidinho? Pra carregar panela não precisa isto tudo não.

Irritei-me como si me tivessem pegado fazendo uma cousa feia. E de pedra na mão espantei o grupo. A pedra, porém, bateu na janela da sala-de-jantar. Ouvi o grito ameaçador:

— Quem sacudiu esta pedra?

Vi pela primeira vez os meus collegas na altura de gente de verdade. Ninguem respondeu.

— Quem sacudiu esta pedra?

O mesmo silencio.

Já estava no alpendre o director farejando o culpado.

— Fui eu.

— O senhor? Então virou doudo! Venha para cá, que eu lhe dou um remedio.

E me sacudiu a palmatoria. E gritou. E fez o diabo.

— O senhor não sabe é obedecer ao instructor. Vá buscar o seu fardamento, que eu quero ver.

Trouxe a farda. Relaxadamente deixára o kepi em baixo das outras roupas, machucando-o todo. O bolo outra vez me acariciou.

— Relaxado! O senhor só presta mesmo para andar de chapéo de couro com os vaqueiros de seu avô. Mas eu lhe ensino a ser gente, nem que seque o meu braço. Pare com este chôro, seu doudo!

Tudo aquillo por causa daquelle Tiro. Antes era Maria Luísa, me atormentando com a sua volubilidade. Não dormia pensando nella. Fôra-se embora, alliviara-me daquella sujeição infernal. Mas Maria Luísa ainda me exaltava com os

seus olhos, com os seus risos, com a alegria do seu amor. Soffrera muito com Maria Luísa. O Tiro trouxera-me, no entanto, desgostos maiores. A morte de Aurelio, perdia-a de memoria, só em pensar no sargento, nas ratas dos dias de exercicios, nos castigos para as minhas faltas. Aquillo era a maior miseria do mundo. Então aquelle homem não compreendia que eu não dava para a cousa? Sómente para sustentar os seus caprichos! Fazia-me inferior na frente dos outros, submettido ás grosserias de um sargento, ás risotas do collegio inteiro.

Pensei em escrever uma carta para casa. Manoel Lucino agora todas as terças-feiras vinha ao collegio trazer-me merendas de casa e quatrocentos réis que me mandava o velho Zé Paulino. Trazia a lata de cocada e a moeda de cruzado. Carta, porém, não dava certo. A outra se perdera. Fôra um sacrificio em vão. O velho chegara ao collegio, e o director com duas palavras cortara os meus planos.

Assim é que não podia continuar. E um odio de morte me dominou contra o velho. Até aquella data apanhara por qualquer motivo. Não seria innocente que me entregava ás penas. Lição errada, maus passos de comportamento. Havia sempre uma razão para o bolo. Começava agora a me sentir perseguido pela injustiça, a soffrer

sem nenhum pretexto. Lembrei-me de tio Juca, de fazer-lhe uma carta. O meu avô me queria muito bem, mas não acreditaria nas minhas queixas. Menino para elle devia mesmo apanhar, embora não adoptasse esse regime nem para os moleques do pastoreador. Tio Juca me falava em livros que condemnavam o castigo corporal. Imaginei a carta, e a escrevi. Fiz-me de victima soffredora, exaggerando demais as magoas. Mandei dizer até que tinha vontade de morrer. O exaggero estragou-me o que havia de verdade na carta, e talvez por isso o meu tio não deu attenção. Esperei-o no collegio, procurava ver o povo que saltava do trem, quando batiam na porta corria para olhar. Não veio, nem me mandou resposta alguma.

XXXIII

No sabbado sai-me pessimamente nos exercicios. Fui excluido de vez da formatura. O velho me mandou para casa sem me olhar:

— Póde ir embora.

Sabia o que queria dizer aquella indifferença: uma raiva recolhida, meia duzia de bolos no minimo para desabafar-se.

Contei a seu Coelho quando cheguei.

— Não se importe. Vou falar ao Maciel.

Dava-se de poucas conversas com o genro, mas a minha causa valia uma troca de palavras. Ouvi-o me defendendo. E o velho Maciel:

— Que doença, que nada! O senhor vai atrás de manhas de menino!

— A criança é mesmo nervosa. O senhor não se lembra daquelle ataque?

— A mim affirmou o senhor que aquillo não fôra nada.

— Sim, mas póde voltar.

— Volta não, volta não... Tenho um remedio para elle.

— Bem, faça o que quiser. Depois não me chame para os remedios, apressado.

Não houve doença, nervoso, criança excitada, que servisse. Entrei na sova. Naquelle sabbado seis bolos. E gritou. Ouvia o velho Coelho tossindo. Era o seu signal de aborrecimento, o seu pigarro de protesto. Velho ruim, o director. Fiquei na sala inchando de raiva, planejando cousas absurdas. Tomara que aquelle diabo morresse! Porque me machucava impiedosamente aquella historia de apanhar sem culpa. Me désse com razão, mas sómente porque não conseguia aprender aquellas voltas e vira-voltas, não me batesse: era judiar demais. Pensei até em matar o velho. Esta idéa homicida chegou-me na cama. Lembrava uma noticia que Vergara lera num jornal: uma mulher se matara com arsenico. Seu Coelho tinha um frasco de arsenico em cima da mesa, e chegou-me assim a suggestão criminosa. Botaria o frasco de veneno no copo de dóses do director. Elle guardava-o no aparador, e de hora em hora ia beber a sua colher de homeopathia. Botaria ali todo o frasco. Dormi com esta pre-

meditação e acordei com vergonha de ter pensado naquillo. Apertei-lhe a mão de manhãzinha dando bom-dia, meio com remorso. Parecia que já tinha attentado contra sua vida. E si eu tivesse posto o veneno? E si o velho morresse? Via-o morto, d. Emilia chorando, o povo em casa: "O que foi?" "Ninguem sabe?" "Morreu de repente." E eu sabendo de tudo calado. Depois descobriam. Encontravam o frasco vazio. Agitava-se a cidade. O dr. Bidu botaria gente na cadeia, a mãe de Lycurgo, todos os inimigos de seu Maciel. E eu calado, soffrendo da peor dor, que era esta de um coração trancado, sem poder se abrir.

Que besteira pensar estas cousas, nas vesperas da grande festa do collegio! Dois dias sem aula, pegados um no outro. E a parada sonhada, discutida, contada nos seus detalhes para me fazer inveja. O sargento levaria tambem o Tiro dos rapazes para combates simulados. Estava fóra definitivamente de qualquer cogitação, a minha ida com elles. Acompanharia com seu Maciel e Coruja. Coruja tinha me dado um desgosto serio: deu parte de mim. Foi por causa de Heitor, numa discussão de tolices. Falava-se que a musica de Itabaiana não se comparava com a de Timbaúba. Eu mais os outros botavamos taxa da gloria de Heitor, naquella banda melhor do

mundo. E tanto se buliu com elle, que Heitor se aperreou. Estourou de raiva nos mettendo os pés. Demos-lhe uns empurrões. Coruja brigou e a brincadeira não lhe deu ouvidos.

— Vou dizer a seu Maciel.

Ninguem acreditava que elle nos enredasse.

— Elle não dá parte. Doidinho está no meio.

E por isto dormimos quietos, sem medo do relatorio.

O velho sentado na cadeira de braços, Coruja chegou:

— Seu Maciel, os meninos estiveram impossiveis hontem.

— Quem?

— Seu Heitor, seu Antonio Coelho, seu Vergara — e com uma voz mais forte, como si tivesse sentido repugnancia — e seu Carlos de Mello.

Não era pelo bolo que eu sentia aquella denuncia. O bolo no caso era o menos. Era Coruja, o amigo que desapparecia, me nivelando com os outros. Por mais que descobrisse recursos para defendê-lo, a magoa estava ali, viva, dessas que doíam cada vez mais que se pensava nella. Aquillo assemelhava-se a um sonho: Coruja dando parte de mim. Ha três meses tudo no mundo poderia ser possivel. Mas si me viessem dizer: "Olha, daqui a uns dias você apanhará por cau-

sa do Coruja", me pareceria um absurdo, uma invenção inacreditavel. E no entanto o mundo dera esta volta. Olhava Coruja tomando conta da gente. Não lia como sempre. Fitava para um canto só. Estava longe. Teria recebido carta do pae? A irmã teria peorado? Pedi para ir fóra. Deu-me a ordem sem me olhar. Não, Coruja soffria por mim injuriara o amigo. Cumprira o seu dever, magoara a sua miaor affeição para não particar uma injustiça, para ser justo. Cousa ruim, um carrasco com consciencia...

XXXIV

Ainda não falara no gremio literario do Collegio. Pagava cada alumno um tostão por semana. Faziam-se discursos, ou melhor, decoravam-se os discursos de seu Maciel. Antonio Menezes, de cabeça loura e grande, recitava as orações civicas. Armavam a tribuna no meio da sala, e as sessões do Gremio N. S. C. se realizavam. O director ficava de longe. O presidente dava a palavra ao tribuno que se desobrigava. Em todo discurso devia haver uma citação em francês. Os oradores passavam o dia antes da sessão magna recitando a peça para o mestre. Ouvia os exercicios maravilhado de tudo. Estes interpretes dos talentos do director faziam uma especie de côrte no collegio. Eram os eleitos da vaidade de seu Maciel. Antonio Menezes enchia-se com isto. Parecia um pavão, com a roupa pre-

ta, o cabello penteado de lado, na hora da desova. Falou no dia 14 de julho. Não entendia o que lhe vinha da boca. E no meio a frase em francês. Tambem dava ao Gremio a minha contribuição: a minha colcha de rosas vermelha servia de fôrro para a tribuna das solennidades. Não me cobria com ella. Ficara um objectivo collectivo para as festas. No fim do anno havia sessão solenne. O promotor da cidade fazia um discurso. O collegio se enchia das familias dos alumnos. Esperava-se este dia com ansiedade, pois seria o ultimo de internato.

Agora, com o Tiro, o enthusiasmo se passara para o garbo militar. Antonio Menezes ganhara a maior patente. Ainda era uma homenagem ao interprete. O gremio literario só servia para isto: uma especie de desabafo literario de seu Maciel. D. Emilia gabava muito o marido:

— E' de familia importante!

E dizia o nome por extenso:

— Francisco Lauro Maciel Monteiro! Sobrinho do poeta Maciel Monteiro, barão de Itamaracá. Maciel tem poetas na familia.

Nas sessões elle ficava de parte escutando-se a si mesmo nos grammophones que ensaiara. Elle tinha uma cara differente na hora dos discursos: o labio subindo de lado, os olhos em sobrolho quando um delles truncava um pedaço

ou falhava numa interjeição. O francês saia devagar e elle baixava a cabeça com um riso no fim da frase como si o menino tivesse saido de um perigo de vida.

O gremio não tinha nem um livro. Pagava-se o tostão não sei para que. Não. Pagavamos a missa do padroeiro do collegio. Neste dia o dr. Bidú almoçava comnosco. A culinaria da negra Paula dava uma volta, a carne de sol desapparecia em troca de gallinhas e frangos. Valia a pena o tostão do Gremio N. S. C. Havia um alumno celebre no collegio: um que fizera o discurso sem ser ensinado: o Octavio. Este nome glorioso deixara rastro na casa.

Achava um encanto naquelle tom elevado de voz do discurso. Menezes sabia gorgear, uma voz clara se elevando e baixando nos minutos preciosos, todo elle acima de nós como um que tivesse uma missão maior a desempenhar. A tribuna me parecia um altar. Subir ali seria o mesmo que subir da terra, ser outro, uma pessoa differente. Por isto as sessões do Gremio, com os discursos do director, de que nada entendia mas que ouvia como a uma musica, me satisfaziam bastante. Eu sabia que aquillo não tinha saído da cabeça de Menezes. E não comprehendia nada. Mas só a voz naquella gradação sono-

ra me estremecia. No engenho falava-se muito do dr. Eduardo do Itambé:

— Fala bem. Falou quatro horas no jury.

Herdara este encanto dos meus pela oratoria. Pelos engenhos corria de mão em mão o processo de Vieira de Castro, o grande tribuno portuguez que matara a mulher. Ouvia uma prima do Maravalha, lendo alto, na cabeceira da mesa, a peça da defesa. O réo dissera poucas palavras para traspassarem a alma da gente. Chorando levantou-se para pedir aos jurados que provassem a innocencia da sua mulher que elle iria para a fôrca satisfeito. Aquillo arrepiava a assistencia da sala de jantar:

— Só de romance, dizia a velha Sinházinha. Acredito nisto não.

O jury mandou o homem para o desterro da Africa.

Ali no collegio os discursos se referiam ás datas. Não alcançava as palavras difficeis. Menezes, porém, compensava tudo isto com a sua eloquencia, com a sonoridade de seus gemidos de garganta.

Amava esta mudança da vida commum, esta saída do natural, do falar rasteiro de todos os dias. O collegio fôra um dia a uma conferencia de um doutor. Levou mais de uma hora falando

calmo, sem levantar os braços, sem mudar de voz. Não me agradou. Falava mal.

O poeta e o orador deviam ser seres oppostos a nós outros. Lembrava-me das modinhas cantadas no engenho. João de Noca, ao violão, era um grande. Falavam delle porque nunca soubera o que fosse o cabo da enxada. Mas lhe déssem um violão e se veria que razões lhe levavam a não estragar os seus dedos.

— De quem é esta moda, João?

— Castro Alves.

Era o poeta. Pensava que um poeta não tivesse nada de humano, criatura aérea, julgava-o de muito distante. O Castro Alves das modas de João de Noca seria uma especie estranha, um habitante de outro mundo, de cuja vida ninguem soubesse. Fazer verso para mim tinha qualquer cousa de sagrado, de impossivel. Eu era de uma familia sem letrados, de gente que fazia da terra a sua unica obra de arte, a sua maior alegria. Plantavam e colhiam. O velho Zé Paulino não abrira um livro que não fosse a folhinha que marcava as luas. Fazer um livro — cousa mysteriosa para mim. E os oradores, os escriptores e os poetas me pareciam sempre gente que andava por cima de todos nós. O Gremio me approximava mais dessa realidade. Vira se fazer os ensaios, os trabalhos do velho Maciel. Não era

tão difficil assim fazer um discurso. Mas aquillo bem pensado não era discurso. Queria ver Menezes falar por elle mesmo, falar horas seguidas, tudo saindo de dentro delle. Isto de decorar não representava grande cousa. Eu já estava fazendo descripções.

Lera um livro que tinha apparecido no collegio nas mãos de Clovis. Um livro cheio de figuras e de retratos de homens de letras. Havia nelle a historia de uma panthera com um caçador. Um caçador no deserto encontrara uma panthera. Viviam numa intimidade de amantes. A féra criara ao homem uma paixão de mulher. Gostava de fazer-lhe caricias. Um dia, porém, num destes agrados, grunhia para elle num beijo mais affectivo. O caçador pensou que fosse outra cousa aquella impetuosidade amorosa, e matou o animal. Historia triste. Via que o sol que se punha no deserto dourava as palmeiras, fazia bonito o céo e pensei nas minhas descripções. Na primeira que fizesse diria tudo differente, assim á maneira daquellas palavras do livro. E metti-me a grande. Nem me lembro sobre o que era a minha primeira descripção, depois disto. Só sei que botei o sol illuminando com os seus raios as relvas floridas dos campos. Os passarinhos gorgeavam nas arvores os seus cantos harmoniosos.

— Donde o senhor tirou isto?

— De ninguem. Botei de cabeça.

— Melhor que em vez destas besteiras o senhor soubesse escrever certo as palavras.

Qual! Ali não se podia escrever bonito. O meu primeiro ensaio literario tivera aquelle destino. Menezes fazia descripções admiraveis. O velho lia alto:

— Isto podia ser publicado até em jornal! Muitos jornalistas por ahi não chegam a seus pés.

Mas elle decorava os discursos.

Havia palavras que me tentavam. Sublime era uma dellas. Coruscante era outra. Hora sublime do poente, sol coruscante — encontravam-se em todos os meus trabalhos. Seu Maciel já me chamava de "seu coruscante". Era um attraido pelos vocabulos. E o que poderia fazer?

Uma tarde comecei a olhar o mundo. O sol se punha mesmo fazendo o céo em não sei quantas cores. O sino batia. E uma doce tristeza cobria as cousas da terra. Pensei numa descripção. Podia escrever assim as minhas impressões. Fui ver um lapis. E só me saiu da cabeça a hora sublime do sol posto. Não dava para aquillo. Seria como o meu povo. Não devia me metter onde não podia estar. A gente do Santa Rosa achava lindo um discurso. O velho Zé Paulino pagaria

caro para ter tido um filho brilhando. Mas lá ninguem fazia cartas difficeis, nem se falava com ss demais. Tudo era chão e simples entre os meus. O sol não illuminava com os seus raios cousa nenhuma; o sol ali seccava os partidos, criava as lagartas. E quando se olhava o céo era para ver si vinha chuva, si o tempo levantara ou si havia circulos de inverno na lua. Aquelle povo nunca dera um poeta. E por isto só João de Noca das modinhas do violão andava com esta palavra na boca. Elle sabia uns versos tristes que me tocavam: "Si eu morresse amanhã".

— Bicho preguiçoso, dizia o meu avô. Quer viver a vida toda cantando lôas.

E mesmo bicho-de-pé não se chamava no Santa Rosa de poeta?

— Está tirando os poetas, hein?

As primas do Maravalha, sim, estas gostavam dos ss, de romances. Havia um "moço loiro" quase preto e esfarrapado. Tinha-se albuns de poesia para os serões. Lá João de Noca montara seu quartel general. Era querido, namorava, casou-se até por lá.

No casarão do velho Zé Paulino não havia quarto de hospedes para as musas.

XXXV

A corneta estalava na porta do collegio. Os gritos de commando cresciam na pacatez das tardes de Itabaiana. Pareciam um brado de gigante no meio daquelle silencio de ruas largas e desertas. Desde o primeiro de setembro que exercitavam todos os dias. Ficava na calçada vendo a manobra, as piruetas, os lances de esgrima dos collegas. As janelas se enchiam de moças para aquelle espectaculo de que não podia entrar como figurante. A mulher do dr. Bidú perguntou a d. Emilia:

— Este menino não entrou?

— Não tem geito.

— E só elle é que não tem geito ? ! — me repreendendo com a sua admiração.

— E' doente.

— Ah! E' o do ataque. O que morreu, coi-

tado, fazia pena. E que pae, dona Emilia! Nem veio ver o menino doente.

— Maciel se matou com aquella doença.

— Não era para menos...

— A senhora não imagina que trabalho deu. Alumno destes não pagam o trabalho. Este, não. Só tem mesmo esta peitica com os exercicios. Adeantou-se muito aqui. Avalie a senhora que chegou no segundo livro e já está no segundo gráu.

Mas não me contentavam estes elogios. A verdade dura estava ás vistas de todo o mundo. Sómente eu era que não tinha geito.

Começavam a chegar o meu nervoso, as impaciencias, as saudades de casa. Licenciados dos exercicios sem preoccupações, sem sustos, a melancolia e a insatisfação voltavam aos seus lugares. Sentia-me cada vez mais sozinho, espremido num meio de decepções e sem uma grande cousa para pensar. Carlos Magno relaxara-se no meu interesse. Vivia agora de esperar o portador que vinha de casa para a feira. Trazia as minhas encommendas. Pobre Manoel Lucino! Os collegas mangavam delle, de seus bigodes grandes, de sua fala arrastada. Eu o esperava na porta escondido para que não o vissem. E indagava de tudo. Estavam botando banho de chuvisco e telephone no engenho. Tia Maria se fôra para a casa della. A vovó Galdina morrêra. E

estas noticias ficavam commigo, conversando, ajudando-me a passar o tempo como bons amigos em palestra. A vovó Galdina, a bôa negra da costa d'Africa, enterrada no cemiterio do São Miguel. Tinha mais de cem annos. Quando chegavam visitas ao engenho iam logo mostrar a antiguidade. E ella olhava para todo o mundo, com aquelle riso bambo, sem dentes, com a memoria viva para tudo o que lhe perguntavam. Cosia sem oculos. Arrastava-se em muletas e toda a ternura e a bondade de sua raça se podiam encontrar naquelle centenario coração de escravo. Vovó Galdina! Agora chegava-me esta noticia: tinha morrido. Reproduzia na minha memoria a sua vida. Lá vinha de-manhã para o banco da cozinha, devagarinho. Levava mais de uma hora para vencer os trinta metros de sua viagem. Davam-lhe a comida, tudo comia, tudo que lhe dessem era bom. Vovó quer isto? Queria tudo.

— Menina, me dá uma caneca dagua.

E os beiços longos e bambos parecia que iam cair quando ella falava. Passava o dia inteiro ali. Os moradores lhe tomavam a benção. A negra Generosa lhe chamava tia Galdina. Era a unica que lhe dava este tratamento. Chorava por tudo. A gente brincava com as suas lagrimas:

— Vamos fazer vovó chorar?

— Vamos.

E um chegava perto della fingindo uma dôr, se espremendo de soffrimento.

— Que é, meu filho? — com os olhos marejando a agua bôa de suas fontes.

Ás vezes ficava na camarinha com as suas dores de velha. Os moleques pisavam mastruz para as suas juntas enferrujadas. E ha annos e annos que se arrastava assim. Vira o meu avô menino:

— Yoyozinho, carreguei elle nos quartos.

"Carreguei elle nos quartos": que expressão de animal, mesmo de besta de carga. O velho Zé Paulino a trouxera de seu sogro no inventario, já assim inutil, se arrastando nas muletas. Ainda quando voltei para casa em São João quis me ver em seu quarto escuro como naquelle dia da minha primeira chegada no Santa Rosa.

— Benza-os Deus! A cara da mãe! Como está grande o menino da D. Clarisse!

Eram assim os seus cumprimentos:

— Como está gordo! Como está bonito! Como está grande! — tudo que fosse um agrado.

E Manoel Lucino me trouxera a noticia. Numa das noites sonhei com ella: estava na banca tirando as flores das açafroas. Era a sua unica occupação no engenho. A cozinha se enchia

do cheiro agradavel das florezinhas despinicadas. No sonho me appareceu como na vida, sem nada de mais. Agora devia estar no céo, si o céo não fosse somente para os que cumprissem as ordens do cathecismo, os que tivessem tempo para ficar em dia com os sacramentos.

Emquanto o collegio se preparava para o dia da parada, vovó Galdina vivia commigo na minha saudade. Como teria sido a morte della no engenho? O povo todo de sala do Santa Rosa tinha medo da morte. Me ensinaram a correr dos enterros, a me sentir mal com os defuntos. Quem teria tido a coragem de ver a vovó Galdina estendida na sua cama, como teria sido o enterro della? Era capaz de ter morrido sem ninguem saber, como a negra Maria Gorda, sem um grito. Esta o povo dera graças a Deus, sacudindo-a no buraco. Enterro feio, este. Ainda me lembro: trouxeram o caixão dos pobres, de Pilar; dois homens de lá mesmo metteram a velha na mortalha de madapulão e levaram com mais dois moradores aquelle resto de gente para longe. Com vovó Galdina as negras teriam chorado. Meu avô sem duvida ficou passeando pela calçada. Ninguem na casa grande dormiu naquelle noite. Era o diabo pensar na morte. Melhor seriam as perseguições do Tiro. Quem sabe si o velho Zé Paulino não iria atrás? Que

nada! O meu avô, com os seus setenta annos, ainda se mostrava bem rijo, tomando o seu banho frio das quatro horas da manhã. E para que pensar nestas cousas tristes? Eram as cousas tristes que me procuravam. A alegria festiva do collegio não me contagiára, expulso que fôra do contentamento geral. Só se falava do dia 7. Preparavam-se as fardas. E que noite leve não passariam os meninos pensando no dia seguinte? Vi-os acordar ás cinco horas com a corneta tinindo na porta. O sargento mandara despertar a canalha com o toque marcial de quartel. Senti na cama uma agonia com aquelle chamado guerreiro. Vergara, Pão Duro, João Cancio, Zé Augusto, Clovis, todos os outros com a cara de quem fosse para casa, em férias. Os externos já estavam chegando, em conversas pela porta. O sargento dando ordens. O velho Maciel com as ultimas providencias para o café. Chamou o commandante offerecendo a sua bolacha seca:

— Coma, pessoal, dizia o sargento, violando o silencio das refeições. A marcha vae ser puxada. Mais de seis kilometros a pé. Quero ver quem afróxa.

Aquillo de ir atrás com o director e o Coruja me humilhava. Faria papel de moça. Todo o mundo a perguntar o motivo da minha exclusão. Seria dado por incapaz a toda hora. Fui a

seu Maciel me queixar de dor de cabeça. Estava com o corpo molle, não podia andar.

— Então, fique em casa. Mas olhe: fique quieto.

Fui para a porta, ainda mais a me machucar com a saída do batalhão. A corneta estalava, o tambor a rufar, e o pessoal de espingarda de páo nos hombros — setenta meninos felizes, em marcha para o sitio do Firmino Cotinha. Vi-os se sumindo no fim da rua. De longe ainda escutava a corneta. Agora não estalava mais nos ouvidos. Quanto mais andava mais ficava saudosa. Recordava-me: uma vez, da cama, ouvi um toque daquelle. Passava no trem, por Itabaiana, o batalhão da Parahyba que seguia para a revolução de Recife. O trem demorou na estação e o corneteiro aproveitou o momento para entristecer a cidadezinha morta de somno. Era uma dôr funda o que exprimia aquella corneta que ia para a guerra. O trem apitou e nada mais triste do que um apito de trem assim de noite, de longe. Lembrei-me de tudo o que era triste naquella noite.

Ouvia-se ainda o rufo abafado do tambor dos meninos marchando. Já devia ir muito longe. E uma saudade de casa começou a me agoniar.

XXXVI

E uma saudade de casa começou a me agoniar. O collegio inteiramente vasio. Só a negra Paula ficara. Fui para a janela, vendo si vencia aquella minha saudade com a gente que passava na rua. O trem da Parahyba apitou. E de subito me irrompeu uma vontade de fugir. Iria de trem. Tinha dinheiro para a passagem de segunda classe. Saí da janela para illudir este desejo impertinente. Andei pela casa toda, com a companhia intrusa me aconselhando: "Fóge, bêsta, ninguem sabe; o teu avô não se importa." Voltei para a janela. Vi um sujeito de guarda-pó passando pela calçada. Viera do trem. Ouvi o trem da Parahyba saíndo. A sineta da estação tocava. "Fóge, bêsta." Estive no quintal. A cajazeira da vizinha cheirando como no engenho. Tinha dinheiro para a passagem. Entrei no quar-

to. A roupa estava dentro da mala. O trem passaria á uma hora. Uma hora com a idéa na cabeça, andando da janela para o fundo do quintal, com a tentação no meu encalço.

Meio-dia. E o diabo commigo. Era mesmo: ia fugir. Vesti-me devagarinho, para que a negra Paula não ouvisse. Estava na cozinha lavando os pratos. Lembrei-me da semana santa, das horas de luxuria da negra Paula. Calcei as botinas, e fiquei pisando nas pontinhas dos pés. Botei a roupa preta, o boné do collegio. Tinha dois mil réis, uma moeda de prata das grandes. Apalpei-a bem no bolso. Si perdesse, estava tudo acabado. Saí pelo corredor como um ladrão, imperceptivel, rapido, alcançando a porta da rua. O sujeito de guarda-pó estava parado na porta do juiz, conversando. E toda a rua quieta. Vi uma castanhola madura no chão. Olhavam para mim da casa do juiz. Fiz que não vi, e saí andando devagar. Mas com uma vontade irresistivel de dar uma carreira. Si corresse, desconfiariam. Era muito cedo para o trem. Passaria á uma hora. E podiam ser doze e dez. Andei pelo jardim publico. As pedrinhas ringiam nos meus pés. Vi a casinha do pae de Fausto. Senti uma pessoa andando atrás de mim, com as passadas largas de seu Maciel. Mas passou na frente: era

o estafeta do correio com a mala. Já ia para a estação. Saí atrás delle.

Ainda não tinha chegado ninguem. Sómente os empregados empurrando mercadorias em carrinhos de ferro. Ouvi o barulho secco do telegrapho funccionando. A portinhola de vender passagens, fechada. Apalpei os dois mil réis: estavam ainda no bolso. Chegava gente de guarda-pó e bolsa na mão. Ouvi uma pessoa dizendo: — O trem atrasou-se uma hora. Que diabo! — Um homem de branco começou a me olhar. Estaria desconfiando? Fiquei sentado, impassivel. Uma mosca começou a passear pelo meu nariz. Pousou. E levantou-se outra vez para outro passeio. Olhei para o homem: elle ainda me fitava. Levantou-se e veio para mim. Um frio correu-me o corpo todo.

— O que querem dizer estas letrinhas ahi?

Expliquei-lhe.

— Ah! E' deste collegio que passou formado? Por que não foi tambem?

— Vou ver meu avô, que está doente.

— Aonde ?

— No engenho Santa Rosa.

— Ah! Do coronel José Paulino?

Nisto uma pessoa o chamou. Era melhor sair dali. Podiam me pegar. Perguntas daquelle geito me tiravam o sangue frio. Fui até o fim

da plataforma. Do outro lado era a rua da Lama, das mulheres perdidas. Havia uns pés de oitis. Andei por debaixo delles. Lycurgo passou por mim, dizendo:

— Carlos, para onde vae você? Como vae o guenzo ?

Ri-me com elle. Para que diabo não ia embora? Ouvi bater a sineta da estação. O trem partira de Rosa e Silva. Na portinhola tinha uma porção de gente comprando passagem. Passei na frente de um homem, que me disse aborrecido:

— Que pressa é esta?

Fiquei com medo. Era a primeira vez que uma pessoa estranha me repreendia.

— Segunda classe para o Pilar.

O chefe da estação me olhou de cara feia, e me deu a passagem e o troco. Bateu com a prata na mesa. Si fosse falsa, estaria perdido. Guardei o cartão com ganancia no bolso da calça. A estação se enchera. Um vendedor de bilhete me offereceu um. Não desconfiava de mim. O chefe foi que me olhou com a cara fechada. Já se ouvia o apito do trem. Cheguei para o logar onde paravam os carros de passageiros. E o barulho da machina se approximando. Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender. Ninguem saberia.

E o trem parado nos meus pés. Tomei o carro num banco do fim, meio escondido. O padre Fileto me viu. Tirava esmolas para a obra da igreja.

— Não foi para a parada?

— Não senhor, vou ver o meu avô, que está doente.

A mesma mentira saida da boca automaticamente. Os meninos passavam vendendo tareco. Quiz comprar um pacote, mas estava com receio. Qualquer movimento de minha parte me parecia uma denuncia. O homem do bilhete voltou outra vez me offerecendo. Num banco na minha frente estava um sujeito me olhando. Sem duvida, passageiro do trem. E me olhando com insistencia. Levantou-se e veio falar commigo:

— Menino, que querem dizer estas letras?

— Instituto Nossa Senhora do Carmo.

— Pensei que fôsse "*Isto não se conhece*"...

Ri-me sem querer. E as outras pessoas acharam graça. Pedi a Deus que o trem partisse. Por que não partia aquelle trem? Meu boné me perderia. Podia ter vindo de chapéo. Nisto vi seu Coelho. Entrei disfarçando para a latrina do trem. E não vi mais nada. Só saí de lá quando vi pelo buraco do apparelho a terra andando. Sentei-me no mesmo lugar. Vi a cadeia, o ce-

miterio. Chegou o conductor pedindo as passagens.

— E' de segunda classe, não é aqui.

Fiquei aterrorizado com o aborrecimento do homem, que me levou para o outro carro de junto. Era um banco comprido para todos. Gente pobre conversando. A impressão da fuga não se alliviava com o trem andando. Agora pensando na chegada ao engenho. Lá passava Galhofa. Os meus companheiros discutiam:

— Não está vendo que eu não vou vender feijão por menos do que comprei!

Outros falavam de cobradores de impostos:

— E' uma miseria! Com pouco mais a gente paga imposto até pra fazer precisão.

O carro todo caiu na risada. E o Pilar chegando. O Recreio do coronel Anisio, com a sua casa na beira da linha. E a gente já via a igreja. O trem apitava para o signal. Passou o poste branco. Saltei do trem como si tivesse perdido o geito de andar. Escondi-me do moleque do engenho. O trem saía deixando no ar um cheiro de carvão de pedra. Lá se ia Ricardo com os jornaes para o meu avô. Faltava-me coragem para bater na porta do engenho como fugitivo. E fui andando á tôa pela linha de ferro. Que diria quando chegasse no engenho? Lembrei-me então que pela linha de ferro teria que atravessar

a ponte. E desviei-me para a caatinga. Pegaria mais adeante o mesmo caminho. Estava pisando em terras do meu avô. O engenho de seu Lula mostrava o seu boeiro pequeno, com um pedaço caido. Que diabo diria no Santa Rosa, quando chegasse? Era preciso inventar uma mentira. Fiquei parado pensando um instante. Achei a mentira com a alegria de quem tivesse encontrado um roteiro certo. Sonhara que meu avô estava doente e não pudera aguentar o aperreio do sonho. E fugira. Achariam graça e tudo se acabaria em alegria. Mas cadê coragem para chegar? Já me distanciava pouco da minha gente. O boeiro do Santa Rosa estava ali perto, com a sua bôca em diagonal. Subia fumaça da distallação. Com mais cinco minutos estaria lá. Era só atravessar o rio. Fiquei parado pensando. O rio dava agua pelos joelhos. O gado do pastoreador passava para o outro lado. E cadê coragem para agir? E o tempo a se sumir. E a tarde caindo. A casa grande inteira brigaria commigo. No outro dia José Ludovina tomaria o trem para me levar. E o bolo, e os gritos de seu Maciel. Vou, não vou, como as cantigas dos sapos na lagôa. Um trem de carga apitou na linha. Tirei os sapatos, arregaçando as calças para a travessia. A porteira do cercado batia forte no mourão. E no

silencio da tarde, tudo augmentava de voz. Um grito do velho Zé Paulino chegou até mim:

— O' Ricardo!

Ali no escuro é que não podia ficar. E a solidão me fez mais medo do que o povo do Santa Rosa.